

ANUÁRIO

62º FESTIVAL DO

FOLCLORE

ESTÂNCIA TURÍSTICA DE OLÍMPIA - CAPITAL NACIONAL DO FOLCLORE

AQUELE ABRAÇO



ANUÁRIO

62º FESTIVAL DO

FOLCLORE

ESTÂNCIA TURÍSTICA DE OLÍMPIA - CAPITAL NACIONAL DO FOLCLORE



ANO LI - Nº 54 - AGOSTO DE 2026



1 A 9 DE AGOSTO
RECINTO DO FOLCLORE PROF. JOSÉ SANT'ANNA

Anuário

ANO LI - N. 54 - AGOSTO DE 2026

Publicação

Prefeitura Municipal da Estância Turística de Olímpia
Secretaria de Cultura e Defesa do Folclore

Todo trabalho de redação assinado é de total responsabilidade do autor.

Quaisquer artigos ou ilustrações podem ser reproduzidos desde que citada a fonte.

Diretor

Professor José Sant'anna (*in memoriam*)

Coordenação

Tiago Louzada

Conselho Editorial

Luiz Fernando Monzani

Clarissa Rossi Gonçalves de Mattos

Priscila Fernanda Minani

Táise Renata da Cruz

José Antonio Arantes

Tiago Louzada

Jane Cristina Freitas

Revisão Coletiva

Conselho Editorial

Projeto Gráfico

COMUNIC

Ricardo Fernandes Nardelli

Flávio Dantas de Oliveira Lopes

Fotos

Prefeitura da Estância Turística de Olímpia/Divisão de Comunicação

Acervo Museu do Folclore

Impressão

Carlinhos Artes Gráficas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

62º Festival do Folclore : Estância Turística de Olímpia : capital do folclore / Prefeitura Municipal da Estância Turística de Olímpia, Secretaria de Cultura e Defesa do Folclore ; coordenação Tiago Louzada. -- São José do Rio Preto, SP : Ed. dos Autores, 2026.

Vários colaboradores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-02-24230-8

1. Estância Turística de Olímpia (SP) - Aspectos culturais 2. Festas folclóricas - Estância Turística de Olímpia (SP) - História 3. Folclore - Brasil - História I. Prefeitura Municipal da Estância Turística de Olímpia. II. Secretaria de Cultura e Defesa do Folclore. III. Louzada, Tiago.

26-379096.1

CDD-398.0981

Índices para catálogo sistemático:

1. Folclore brasileiro 398.0981

Camila Aparecida Rodrigues - Bibliotecária CRB -
SP-010133/O

SUMÁRIO

Mensagem do Prefeito

“O Brasil se encontra aqui”

07

Mensagem da Secretária de Cultura e Defesa do Folclore

“O Brasil se abraça aqui”

09

Jubileu de Alecrim

Memória, patrimônio cultural e permanência simbólica no 62º FEFOL

Tiago Louzada

10

01. RIO DE JANEIRO

Patrimônio Histórico e Cultural Fluminense:

Um território de encontros, memórias e tradições populares

Priscila Minani

14

Coletivo Boi Pintadinho e Mineiro Pau de Santo Antônio de Pádua - RJ

Wellyngton Teixeira Gouvêa

19

Associação Cultura Recreativa Folclórica de Tarituba

Paula Toyama Brasílio de Bulhões

22

02. 62º FEFOL

Mensagem da presidente de honra

Maria Aparecida de Araújo Manzolli

26

O Folclore na Capital do Folclore

Estêvão Amaro dos Reis

27

O Folclore vivo na Educação de Olímpia:

Uma celebração contínua

Taise Renata da Cruz

29

Parafolclore e FEFOL: que relação é essa?

Luiz Fernando Monzani

37

Folclorando: dos Palcos ao Matrimônio

Tiago Pessoa Lourenço

41

Da Plateia aos Bastidores:

Uma Vida no Festival do Folclore de Olímpia

Alan Saviolo Duran

42

03. RAÍZES DO FOLCLORE

40 anos do Recinto do Folclore:

O palco onde o Brasil se encontra em Olímpia

Priscila Minani

46

Recinto do Folclore: um palco de sonhos

Maria do Carmo Moreira Kamla Passi

47

Do coração da Amazônia à Capital Nacional do Folclore:

Uma união que fortalece a cultura brasileira

Priscila Minani

48

Museu do Folclore de Olímpia:

Memória, afeto, encantamento e permanência

Rosiane da Silva Nunes

50

A Semente do Futuro Digital!

Como nasceu o Centro de Referência do Folclore de Olímpia

José Antônio Arantes

62

O Labirinto dos Documentos O desafio de organizar mais de seis décadas de memória cultural <i>José Antônio Arantes</i>	64
Da Caixa ao Acervo Digital O trabalho técnico já realizado no Centro de Referência <i>José Antônio Arantes</i>	65
Um Museu Sem Fronteiras A plataforma digital e o futuro do Centro de Referência <i>José Antônio Arantes</i>	66
O Anuarinho <i>Clarissa Rossi</i>	67
De Nzinga Mbande à Casa das Gês: Tradição, Cultura e Fé em Olímpia-SP O Legado das Identidades Culturais Brasileiras Salvaguardadas pelo Festival do Folclore <i>André Aluize</i>	69
Tradição e Família no Terno de Congada Chapéus de Fitas de Olímpia <i>Tatiane Pereira de Souza</i>	72
O ‘Sebastião Salgado’ do Vale do Rio Grande <i>Cláudio Galleti</i>	76
A Viola que Volta para Casa: Patrimônio Imaterial no FEFOL <i>Robson Batista Ferraz</i>	82
As Folias de Reis de Olímpia: Tradição, música e devoção na Capital Nacional do Folclore <i>Estêvão Amaro dos Reis</i>	84
Folclore & Cascudo <i>Anna Maria Cascudo Barreto (In Memoriam)</i>	90

04. OLÍMPIA VIVA

Das Águas da Memória aos Rios do Conhecimento: A formação museológica de Olímpia entre folclore, turismo cultural e identidade territorial <i>Rosiane da Silva Nunes</i>	94
Hino a Olímpia: Sonoras Memórias <i>Jônatas Manzollí</i>	102
Memórias de Ferro e Poesia <i>Jane Cristina Freitas</i>	106
Olímpia: uma Torre de Babel erguida por fé, suor e afeto <i>Maria do Carmo Kamla Passi</i>	110
Tradição do Bito à Alta Performance da Visão Periférica Protocolo Neuro-Rítmico Abe: a engenharia da inteligência corporal <i>Sérgio Abe</i>	112

Grupos Participantes <i>“O Brasil se encontra aqui”</i>	114
---	------------

Comissão Executiva do 62º FEFOL <i>“O Brasil se abraça aqui”</i>	116
--	------------

Mensagem Final	118
-----------------------	------------



FESTIVAL DO FOLCLORE DE OLÍMPIA:

O BRASIL SE ENCONTRA AQUI



Olímpia volta, mais uma vez, a abrir os braços para o Brasil.

Na 62ª edição do Festival do Folclore, nossa cidade recebe com alegria o Estado do Rio de Janeiro como homenageado, celebrando uma terra marcada pelo samba, pela fé, pela poesia, pela ancestralidade e pela força das manifestações populares que ajudaram a construir a identidade cultural brasileira.

Entre jongos, folias, bate-bolas, bois pintadinhos, rodas de samba, festas do Divino e tantas outras expressões culturais, o povo fluminense traz consigo uma herança viva, formada pela mistura de povos, crenças, ritmos e tradições. Uma cultura que nasce nas ruas, nos terreiros, nos quilombos, nas praças e no coração do povo brasileiro.

E é justamente essa cultura viva que encontra em Olímpia um território permanente de acolhimento, preservação e valorização.

Reconhecida como Capital Nacional do Folclore, Olímpia transforma-se, durante o festival, em um grande encontro das raízes brasileiras. Aqui, grupos de todas as regiões do país compartilham suas histórias, seus cantos, suas danças e seus saberes, fortalecendo um patrimônio cultural que atravessa gerações.

O FEFOL é mais do que um evento. É memória, identidade, pertencimento e resistência cultural. É a celebração da diversidade do povo brasileiro e da riqueza das nossas tradições populares.

Como eternizou Gilberto Gil, queremos dizer ao Rio de Janeiro: “aquele abraço”. Um abraço fraterno da Capital Nacional do Folclore a um estado que ajudou a moldar a alma cultural do Brasil.

Seguimos honrando o sonho do Professor José Sant'anna e de todos aqueles que dedicaram suas vidas à preservação da cultura popular brasileira. E seguimos olhando para o futuro, para que o folclore continue vivo nas escolas, nas famílias, nas ruas e no coração das novas gerações.

Que cada dança, cada canto e cada encontro vivido nesta edição fortaleçam ainda mais nossas raízes e reafirmem ao Brasil inteiro:

Olímpia é o lugar onde o Brasil se encontra por meio da cultura popular.

Geninho Zuliani
Prefeito Municipal





O BRASIL SE ABRAÇA AQUI



Há cidades que realizam festas. E há cidades que se tornam território de memória, encontro e pertencimento. Olímpia, reconhecida como Capital Nacional do Folclore, carrega com orgulho essa missão: receber o Brasil inteiro para celebrar aquilo que nasce do povo, atravessa gerações e permanece vivo nas danças, nos cantos, nos saberes, nos gestos e nas tradições.

Na 62ª edição do Festival do Folclore de Olímpia – FEFOL, reafirmamos o compromisso de preservar, valorizar e difundir a cultura popular brasileira em toda a sua diversidade. Esta edição traz como tema “Aquele Abraço”, expressão que traduz o gesto mais bonito da nossa festa: o acolhimento. É o abraço que une grupos, mestres, brincantes, visitantes e comunidades em torno de uma mesma certeza: a cultura popular é viva, generosa e profundamente brasileira.

Cada grupo que chega a Olímpia traz consigo um território, uma memória e uma história. Cada mestre que compartilha seus saberes, cada apresentação que ocupa nossos palcos e ruas, cada canto, batuque, reza, dança e celebração nos lembra que o folclore não pertence apenas aos livros ou aos registros do passado. Ele pulsa nas mãos que criam, nas vozes que cantam, nos corpos que dançam e nas comunidades que mantêm acesa a chama da tradição.

Neste ano, temos a alegria de homenagear o Estado do Rio de Janeiro, território de imensa riqueza cultural, marcado pelo samba, pelo carnaval, pelo jongo, pelas folias, pelas expressões religiosas, urbanas e populares que tanto contribuíram para a identidade do Brasil. Ao homenagear o Rio de Janeiro, Olímpia celebra também a força criativa de um povo que transforma memória em arte, resistência em beleza e festa em patrimônio.

O FEFOL nasceu do olhar sensível do Professor José Sant’anna, que soube perceber grandeza onde muitos viam apenas simplicidade: nos objetos guardados, nas cantigas antigas, nas festas de rua, nos costumes familiares e nos saberes transmitidos de geração em geração. Essa é a força do folclore: revelar que a história de um povo também se escreve nos detalhes, nos afetos, nos rituais e nas expressões que dão sentido à vida coletiva.

Que a 62ª edição seja mais uma página dessa trajetória de amor ao folclore brasileiro e siga sendo casa, palco e abrigo para as tradições do nosso país. E que cada visitante encontre, em nossa festa, a certeza de que o folclore não é lembrança distante: é presença viva, é identidade, é futuro.

Em Olímpia, a cultura popular tem morada.

E o Brasil inteiro é sempre bem-vindo.

Priscila Seno Mathias Netto Foresti

*Secretária Municipal de Cultura e Defesa do Folclore
Estância Turística de Olímpia/SP*

JUBILEU DE ALECRIM:

Memória, patrimônio cultural e permanência simbólica no 62º FEFOL

Em 2026, o Festival do Folclore de Olímpia alcança sua 62ª edição celebrando o Jubileu de Alecrim, símbolo que sintetiza dimensões históricas, espirituais e culturais profundamente associadas à trajetória da Estância Turística de Olímpia, reconhecida nacionalmente como Capital Nacional do Folclore.

Historicamente vinculado à memória, à proteção e à continuidade da vida, o alecrim ultrapassa sua dimensão botânica para ocupar lugar expressivo em diferentes sistemas simbólicos ao longo das civilizações. Desde a Antiguidade mediterrânea, a planta foi associada à preservação das lembranças e ao fortalecimento espiritual. Entre gregos e romanos, figurava como elemento relacionado ao conhecimento e à permanência da memória; nas tradições populares europeias, consolidou-se como símbolo de proteção; já no contexto das culturas populares brasileiras, especialmente nas práticas de benzimento e nos rituais de matrizes afro-brasileiras, passou a representar purificação, renovação e abertura de caminhos.

Ao tornar-se emblema do jubileu da 62ª edição do Festival do Folclore de Olímpia, o alecrim estabelece uma relação simbólica direta com aquilo que sustenta o próprio sentido do festival: a preservação da memória coletiva e a continuidade dos saberes tradicionais. Nesse contexto, sua presença deixa de ser apenas ornamental para assumir caráter conceitual, traduzindo a permanência das manifestações culturais transmitidas entre gerações.

Mais do que um acontecimento anual, o festival constitui um espaço contínuo de transmissão cultural, no qual práticas, narrativas, sonoridades, celebrações e conhecimentos ancestrais encontram condições de permanência e manutenção.

Ao longo das décadas, Olímpia transformou-se em referência nacional na valorização do patrimônio

cultural imaterial. O município passou a ocupar posição singular no cenário brasileiro ao reunir manifestações oriundas de diferentes regiões do país, promovendo intercâmbio entre grupos de cultura popular e fortalecendo processos de pertencimento, reconhecimento identitário e preservação e difusão do rico folclore brasileiro.

Essa construção histórica está diretamente associada à atuação visionária do professor José Sant'anna, fundador do Festival do Folclore de Olímpia e uma das figuras centrais na defesa da cultura popular brasileira. Sua compreensão do folclore como patrimônio vivo permitiu estruturar não apenas um festival, mas um verdadeiro organismo vivo que se retroalimenta a cada edição.

Entre os principais legados desse trabalho destacam-se os anuários do Festival do Folclore, importantes documentos de memória institucional que registram a trajetória do evento e acompanham as transformações culturais observadas ao longo de mais de seis décadas. Esses registros ultrapassam o caráter comemorativo e assumem relevância histórica, funcionando como instrumentos de preservação da memória coletiva olimpiense e da própria cultura popular brasileira.

Foi também nesses documentos que José Sant'anna estabeleceu os jubileus comemorativos do festival até sua centésima edição. A iniciativa revela não apenas rigor organizacional mas, sobretudo, uma percepção simbólica do tempo cultural, na qual cada jubileu representa continuidade, resistência e renovação histórica.

Nesse horizonte, o Jubileu de Alecrim converte-se em expressão da permanência. O símbolo remete à memória que resiste ao apagamento, à ancestralidade transmitida entre gerações e à dimensão espiritual que atravessa as manifestações populares brasileiras. Seu perfume torna-se metáfora

da própria cultura popular: presença invisível, porém, profundamente incorporada à experiência coletiva e afetiva de um povo.

Em um cenário marcado pela aceleração das transformações sociais e pelos processos de homogeneização cultural, o Festival do Folclore de Olímpia reafirma sua função como território de resistência simbólica e valorização da diversidade cultural brasileira. A cada ano, cantos, danças, festejos, oralidades, trajes, cores, histórias e expressões da cultura popular são reativados, fortalecendo vínculos comunitários e reafirmando identidades historicamente construídas.

O Jubileu de Alecrim também evoca a ideia de cura cultural. Assim como o alecrim é tradicionalmente associado a práticas de limpeza e fortalecimento espiritual, o festival atua como espaço de renovação da memória coletiva, permitindo que manifestações ancestrais permaneçam vivas diante das transformações do tempo contemporâneo.

Mais do que celebrar uma edição, o Jubileu de Alecrim celebra a continuidade de um legado cultural construído por gerações. Um patrimônio sustentado pelo trabalho do professor José Sant'anna e por todos aqueles que compreenderam o folclore como dimensão fundamental da experiência humana, afetiva e identitária do povo brasileiro.

Em Olímpia, o folclore permanece vivo porque encontra na memória seu principal instrumento de permanência. O alecrim, símbolo deste jubileu, traduz com precisão essa trajetória: resistente como a tradição, ancestral como os saberes populares e permanente como a identidade cultural de um povo.

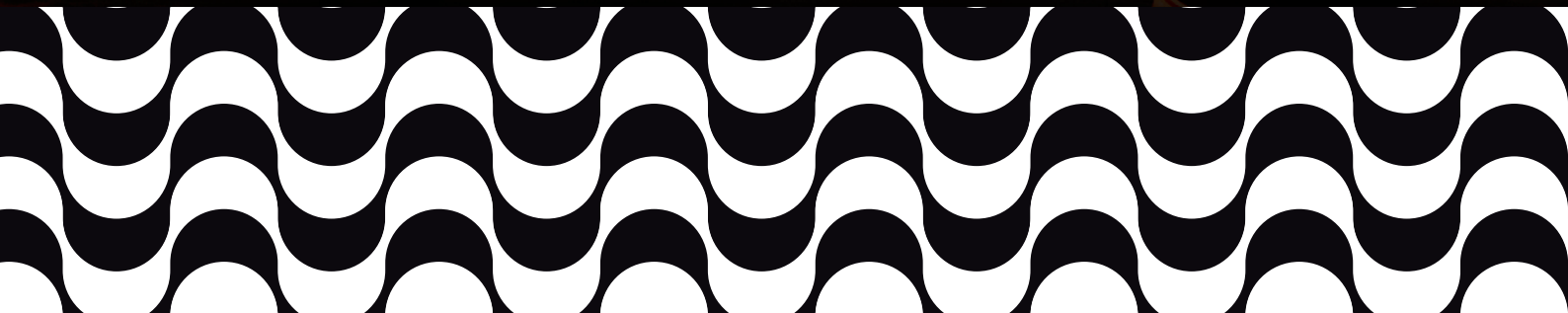
Tiago Louzada

*Diretor de Patrimônio Histórico-Cultural
Secretaria de Cultura e Defesa do Folclore*



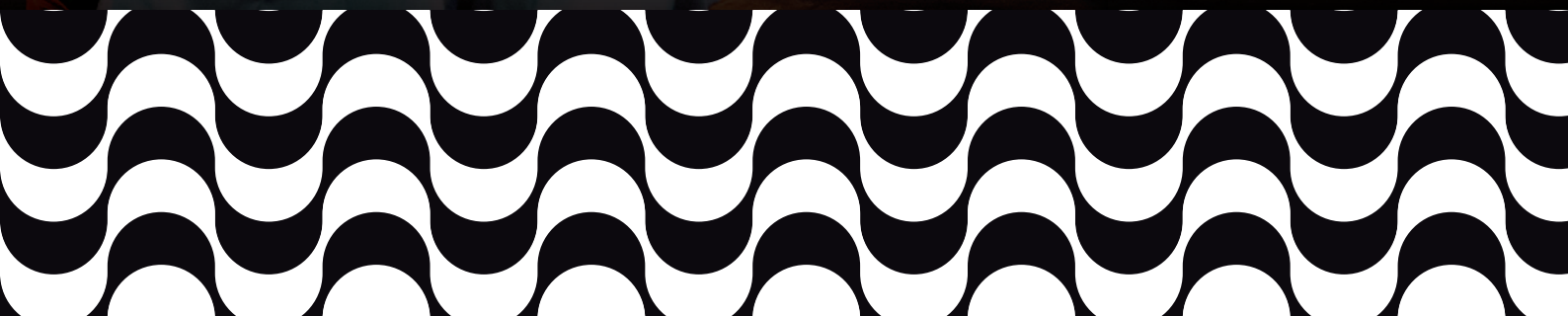
**JUBILEU DE
ALECRIM**

01



A woman with long black braids is smiling and dancing. She is wearing a white dress with a black and yellow floral pattern. She is holding a red and white striped stick. In the background, there are other people, including one wearing a red shirt and another wearing a red and white patterned shirt. The scene appears to be a carnival or festival.

RIO DE JANEIRO



PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL FLUMINENSE:

Um território de encontros, memórias e tradições populares

Por **Priscila Minani**

Jornalista e Diretora de Comunicação, Imprensa, Cerimonial e Eventos

Prefeitura da Estância Turística de Olímpia

O Estado do Rio de Janeiro possui um dos patrimônios culturais mais ricos e diversos do Brasil. Muito além da imagem da capital carioca internacionalmente conhecida, o território fluminense abriga tradições populares, manifestações religiosas, festas comunitárias, saberes ancestrais e expressões artísticas que revelam a profundidade histórica e cultural de seu povo.

A cultura fluminense foi construída a partir do encontro entre povos indígenas originários, colonizadores portugueses, populações africanas trazidas durante o período escravagista e diversos grupos de imigrantes europeus e migrantes brasileiros que ajudaram a formar a identidade do estado. Entre áreas rurais, regiões portuárias, serras, litoral e grandes centros urbanos, o Rio de Janeiro consolidou uma cultura plural, marcada pela mistura de ritmos, sotaques, religiosidades e modos de vida.

Da primeira expedição portuguesa às terras, registrada em 1502, passando pela invasão francesa em meados de 1550 – 1560 e sua expulsão nos anos seguintes, até a transferência da Corte de Portugal para o Rio de Janeiro, em 1808, foram anos de transformação do território e, consequentemente, de sua cultura, costumes e vivências.

O estado surgiu de porções de antigas capitanias como São Tomé e São Vicente e, somente em 1975, ocorreu a fusão do antigo Estado do Rio de Janeiro, com capital em Niterói, com o Estado da Guanabara, que correspondia à cidade do Rio de Janeiro, resultando em sua configuração atual enquanto estado.

Mudanças que promoveram uma profunda modernização urbana, cultural e administrativa na província. Toda essa diversidade reflete-se, diretamente, no patrimônio material e imaterial fluminense, que preserva desde construções históricas e cidades coloniais até manifestações populares transmitidas oralmente de geração em geração.

Heranças históricas: do ciclo do açúcar aos grandes portos

A formação do território fluminense está profundamente ligada aos ciclos econômicos do açúcar, do café e das atividades portuárias. Durante



Folia De Reis Milagres De Jesus – Piabetá/RJ

os séculos XVII, XVIII e XIX, o Rio de Janeiro tornou-se um importante centro político e econômico do país, concentrando intenso fluxo comercial e cultural.

As fazendas cafeeiras do Vale do Paraíba, os engenhos açucareiros, os caminhos coloniais e os portos ajudaram a moldar o patrimônio histórico do estado. Cidades históricas, casarões, igrejas, fazendas e antigas estações ferroviárias ainda preservam marcas desse período.

O fato da descoberta de ouro, no século XVIII, em Minas Gerais, transformou o Rio de Janeiro no principal porto de escoamento, transferindo a capital do Vice-Reino para lá em 1763, o que fortaleceu seu contexto território e potencial econômico na época.

Ao mesmo tempo, essas rotas econômicas favoreceram encontros culturais intensos. O contato entre



O 2º Encontro Estadual de Folia de Reis reuniu mais de 200 agremiações históricas, celebrando o patrimônio imaterial fluminense. Promovido pelo Governo do Rio, marca evento histórico da cultura popular e torna-se sede do anúncio do FEFOL 2026

diferentes povos criou uma identidade cultural híbrida, em que tradições africanas, indígenas e europeias passaram a coexistir e influenciar umas às outras.

O estado tornou-se, assim, um espaço onde convivem o rural e o urbano, o tradicional e o contemporâneo, preservando práticas culturais antigas mesmo diante da modernização e do avanço tecnológico.

Religiosidade popular e festas tradicionais

A religiosidade ocupa lugar central na cultura fluminense. Em diversas cidades do interior e também nas comunidades urbanas, manifestações religiosas populares continuam reunindo fé, música, dança, cortejos e celebrações coletivas.

Entre as tradições mais presentes estão as Folias de Reis, manifestações que misturam devoção, oralidade e música popular. Os grupos percorrem bairros, fazendas e residências celebrando a tradicional visita dos Reis Magos ao menino Jesus, utilizando instrumentos típicos, cantorias e vestimentas coloridas.

No Rio de Janeiro, as folias possuem características próprias em cada região, refletindo as influências culturais locais. A musicalidade ressalta a valorização

do samba de terreiro, com ritmo do pandeiro, da caixa e dos cantos de improviso, enquanto nas folias paulistas, por exemplo, a cultura sertaneja se destaca, com instrumentos acústicos como violas caipiras, acordeons e tambores. Diferenças que refletem as virtudes de cada tradição e propiciam um amplo intercâmbio cultural com outras regiões do país.

As Festas do Divino Espírito Santo também fazem parte do patrimônio imaterial fluminense. Herdadas da tradição portuguesa e transformadas pela cultura popular brasileira, essas celebrações unem procissões, rezas, comidas típicas, música e encontros comunitários que fortalecem os laços sociais e a preservação da memória coletiva.

Outro destaque são as Cavalhadas, presentes em alguns municípios do interior do estado. Inspiradas nas antigas encenações medievais entre cristãos e mouros, elas representam uma importante herança cultural da colonização portuguesa, combinando teatralidade, religiosidade e tradição equestre.

A religiosidade fluminense também se expressa fortemente nas tradições afro-brasileiras, presentes em terreiros, rodas culturais, festas populares e manifestações ligadas à ancestralidade africana. O respeito à diversidade religiosa é uma característica marcante da cultura do estado.

Cultura afro-brasileira e resistência ancestral

Grande parte da identidade cultural fluminense nasce da resistência e da contribuição dos povos africanos e afrodescendentes. O Rio de Janeiro possui forte tradição quilombola e diversas manifestações culturais ligadas à ancestralidade negra.

Entre elas, destaca-se o Jongo, reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Patrimônio Cultural do Brasil. Tradicionalmente praticado nas regiões do Vale do Paraíba, Serrana e Metropolitana, o Jongo reúne dança, canto e percussão em rodas marcadas pelo som dos tambores e pelos pontos cantados.

Mais do que expressão artística, o Jongo representa memória, resistência e preservação cultural. Sua origem está ligada às comunidades negras escravizadas das fazendas de café e cana-de-açúcar, mantendo viva a herança africana por meio da oralidade e da coletividade.

Outras manifestações também integram esse universo cultural, como os batuques, os tambores tradicionais, as danças populares e os festejos comunitários realizados em quilombos e comunidades tradicionais.

A cultura afro-fluminense ajudou a moldar não apenas a música e a dança, mas também a culinária, a religiosidade, os modos de convivência e a construção da identidade cultural do estado.

O samba como patrimônio popular e folclórico

Falar da cultura fluminense é, inevitavelmente, falar do samba. Muito além do espetáculo carnavalesco, o samba representa uma das mais importantes manifestações populares brasileiras e possui profundas raízes culturais e comunitárias.

Nascido das rodas, dos quintais, dos encontros populares e das tradições afro-brasileiras, o samba tornou-se símbolo da identidade cultural do Rio de Janeiro e do Brasil. As escolas de samba surgiram como espaços coletivos de resistência, pertencimento e produção cultural das comunidades.

O Carnaval fluminense, especialmente por meio dos desfiles das escolas de samba, é uma manifestação folclórica que reúne música, dança, fantasia, artesanato, memória e tradição popular. Cada enredo carrega narrativas históricas, personagens populares, religiosidades, lendas e elementos do imaginário brasileiro.

Os barracões, os sambas-enredo, as baterias, os mestres-salas, porta-bandeiras, passistas e baianas representam a força de uma manifestação construída coletivamente ao longo das décadas.

Ao lado do samba urbano, o estado também preserva diversas expressões musicais populares ligadas ao interior, às comunidades tradicionais e às culturas caiçaras, demonstrando a pluralidade sonora fluminense.





Anunciando oficialmente o lançamento da 62ª edição do Festival do Folclore de Olímpia (FEFOL), um dos mais tradicionais encontros de cultura popular do Brasil tendo o Rio de Janeiro como estado homenageado em 2026

Além das escolas de samba, o Rio de Janeiro preserva outras manifestações populares ligadas diretamente ao universo carnavalesco e às tradições urbanas e periféricas. Entre elas está o Bate-Bola, também conhecido como Clóvis, expressão cultural tradicional dos subúrbios e comunidades cariocas. Com fantasias coloridas, máscaras, performances e cortejos pelas ruas, os grupos de bate-bola transformam o Carnaval em um espetáculo de identidade coletiva e pertencimento comunitário. Outra manifestação popular é o Boi Pintadinho, presente principalmente em municípios do interior e em comunidades tradicionais, reunindo música, dança, teatralidade e referências às festas populares brasileiras ligadas à tradicional manifestação folclórica que envolve a história de morte e ressurreição do boi.

As marchinhas carnavalescas também fazem parte do patrimônio cultural fluminense e ajudaram a construir a identidade festiva do estado ao longo do século XX. Com humor, crítica social e forte participação popular, as marchinhas atravessaram gerações e permanecem presentes nos blocos de rua e nas festas populares. Ao lado delas, os blocos carnavalescos consolidaram o Rio de Janeiro como um dos maiores símbolos da cultura popular brasileira, ocupando ruas, praças e bairros com música, fantasia e celebração coletiva.

A cultura das favelas e periferias também exerce papel fundamental na construção da identidade cultural fluminense. Desses territórios surgiram importantes movimentos artísticos e musicais, como o funk carioca, expressão contemporânea que dialoga com a juventude, a realidade urbana e as

transformações sociais do estado. Mais do que um gênero musical, o funk representa linguagem, dança, comportamento e resistência cultural das comunidades populares. Assim como o samba em sua origem, o funk também nasce dos encontros coletivos, da criatividade popular e da força cultural das periferias fluminenses, reafirmando o Rio de Janeiro como um território de constante reinvenção cultural.

Arte, literatura e identidade cultural

O Rio de Janeiro também ocupa posição central na produção artística e intelectual brasileira. O estado foi cenário e inspiração para escritores, músicos, artistas plásticos, dramaturgos e poetas que ajudaram a construir a identidade cultural nacional.

A convivência entre modernidade e tradição faz da cultura fluminense um espaço dinâmico e criativo. Ao mesmo tempo em que abriga grandes centros urbanos e tecnológicos, o estado preserva práticas populares transmitidas entre gerações.

Museus, centros culturais, festas populares, grupos folclóricos, rodas culturais, espaços públicos e projetos comunitários ajudam a manter viva essa memória coletiva, promovendo a valorização do patrimônio material e imaterial fluminense.

Nomes como Machado de Assis, Lima Barreto, Clarice Lispector e Carlos Drummond de Andrade ajudaram a consolidar o Rio de Janeiro como referência da literatura brasileira. Na música, o estado revelou artistas fundamentais como Cartola, Noel Rosa, Pixinguinha, Tom Jobim, Beth Carvalho e Zeca

Pagodinho, além de movimentos que vão da bossa nova ao funk carioca. Nas artes visuais e no teatro, destacam-se nomes como Tarsila do Amaral, Hélio Oiticica, Oscar Niemeyer, Fernanda Montenegro e Abdias Nascimento, importantes para a construção da identidade artística e cultural do país.

No Rio de Janeiro, as tradições culturais continuam sendo reinventadas pelas novas gerações, que incorporam linguagens contemporâneas sem romper com as raízes históricas e populares.

Um patrimônio vivo do povo brasileiro

O patrimônio histórico e cultural do Estado do Rio de Janeiro é resultado de encontros, resistências e permanências. É uma cultura construída entre portos e fazendas, serras e litoral, tambores e cortejos, fé e celebração popular.

Cada manifestação preservada pelo povo fluminense carrega memórias coletivas, identidades territoriais e saberes ancestrais que ajudam a contar a história do Brasil.

Ao homenagear o Estado do Rio de Janeiro, o Festival do Folclore de Olímpia reconhece a grandiosidade de um patrimônio vivo, plural e profundamente enraizado nas tradições populares brasileiras. Uma cultura que ultrapassa os cartões-postais e revela, em cada canto do estado, a força da memória, da diversidade e da expressão popular de seu povo.

Uma memória dançante, alegre, resistente e rica em sua essência, vivida com profundidade não só durante os nove dias da festa, mas no decorrer de todo o processo de construção da edição, nas ruas, nas salas de aulas, nas reuniões de bastidores, no coração de quem carrega o amor pelo folclore brasileiro.



Encontro de Folia de Reis do Rio de Janeiro e Lançamento do Cartaz do Festival do Folclore, a convite do Rio de Janeiro

COLETIVO BOI PINTADINHO E MINEIRO PAU DE SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA - RJ

Por **Wellyngton Teixeira Gouvêa**

*Professor, Pesquisador, Fazedor de Cultura, Colecionador
Acompanha Mestre Nico e o Ponto de Cultura*

Coletivo Boi Pintadinho e Mineiro Pau de Santo Antônio de Pádua - RJ

Consultoria: Antônio Faria Thomaz - Mestre Nico

O Boi Pintadinho e Mineiro Pau é uma das mais antigas tradições culturais do município de Santo Antônio de Pádua - RJ.

Santo Antônio de Pádua é uma cidade localizada a cerca de 300 Km da capital com uma população de, aproximadamente, 50 mil habitantes e uma vasta tradição cultural, principalmente, com o Jongo Caxambu Sebastiana II, o próprio grupo Boi Pintadinho e Mineiro Pau, Blocos carnavalescos, Folias de Reis e ainda a manifestação cultural “As pastorinhas” que no momento encontra-se sem atuação.

O Boi Pintadinho e mineiro Pau é uma manifestação imaterial, centenária, surgida nas fazendas de café, de riqueza afro. Sua composição é formada por adultos, adolescentes e crianças que cantam e dançam. Ao som de sanfona, tambores, caixas, pandeiro e triângulo batem porretes acompanhando o som desses instrumentos e cantando.

Os “porretes” são retirados de uma madeira denominada “grumarim”, respeitando sua fase de crescimento, com foco na sustentabilidade. Seus personagens, que remetem ao campo, são o boi

pintadinho, a mulinha, o jaguará e os bonecos.

Durante as apresentações fazem movimentos acompanhando os cantos e as batidas dos porretes. As cores do grupo são bem vivas, alegres, feitas com tecido de chita. Já as canções são, em sua maioria, de composição do Mestre Nico.

O Mineiro pau, também assim chamado, é uma manifestação imaterial, considerada patrimônio Imaterial do estado do Rio de Janeiro. Em Santo Antônio de Pádua tem o Mestre Nico como seu maior guardião.

Mestre Nico atua na área cultural há mais de 40 anos. É mestre designado por seus ancestrais. Desde pequeno, no terreiro de sua casa, fazia tambores com latas e tocava acompanhando seus pais e bisavô nos toques que os mesmos faziam enquanto um grupo dançava e batia porretes. Era o Mineiro pau, dança de origem portuguesa e referências afro. Acompanhava também D. Sebastiana, matriarca, e grande devota de São Benedito. Ela dirigia o grupo de Jongo/caxambu onde mulheres e homens se encontravam dançando umbigo com umbigo, em uma roda onde havia revezamento entre eles.



Foto Acervo Coletivo Boi Pintadinho e Mineiro Pau de Santo Antônio de Pádua-RJ

Mestre Nico também acompanhava D. Sebastiana. Com o falecimento da matriarca recebeu a incumbência de continuar com o grupo. Mestre Nico é referência no município de Santo Antônio de Pádua e por todo o estado do Rio de Janeiro. Recebeu vários títulos ao levar o caxambu e o Boi Pintadinho e Mineiro Pau em várias localidades e regiões do Brasil. Participa, anualmente, do FEFOL - Festival do Folclore de Olímpia SP, Festival de Muqui, Festival Folclórico de Santo Antônio de Pádua, Festival Folclórico de Aperibé e ainda nos Encontros de Jongo do Pinheiral e Lapa - RJ. Mestre Nico possui um rico portfólio, junto aos demais grupos de cultura popular. Sempre priorizou a forma de dançar e cantar dos grupos aos quais representa, falando que "não basta apenas se movimentar, é preciso dar ritmo, ouvir e com o som dos tambores e dos porretes levar os que estão assistindo a se encantarem, pois dança e cato é isso, é encantamento". Faz questão que toda semana aconteçam ensaios. O diálogo é sua premissa. Além dos ensaios, fala muito das questões inerentes ao comportamento humano, como comprometimento, paixão pelo que faz, respeito, trato com os colegas, etc.

Atua com oficinas nas escolas, levando a cultura popular para crianças e adolescentes, assim, consegue de forma direta, manter as tradições.

Mestre Nico possui o título de Embaixador do Folclore de Olímpia, várias Moções de Aplauso, é Agente de Cultura, conselheiro de Cultura do Conselho Municipal de Políticas Culturais e outros.



A trajetória do Mestre Nico na Cultura popular constitui-se como referência indispensável para a valorização e a continuidade do patrimônio cultural imaterial do estado do Rio de Janeiro. Seu trabalho evidencia a relevância da cultura popular, sua arte que articula técnica, estética e valores simbólicos e folclóricos, promovendo a transmissão de saberes.

Por meio de processos formativos, apresentações e práticas comunitárias, Mestre Nico assegura a preservação de repertórios tradicionais e, simultaneamente, estimula a inovação e a recriação de

expressões corporais, fortalecendo a identidade cultural local. Sua contribuição extrapola o campo artístico, alcançando dimensões sociais, educacionais e culturais na medida em que democratiza a cultura popular por meio dos grupos de Caxambu e Mineiro Pau. Fomenta a inclusão e amplia as possibilidades de participação cultural. Sua trajetória representa um elemento estruturante para a difusão, preservação e renovação da cultura popular em Santo Antônio de Pádua e no estado do Rio de Janeiro, legitimando sua importância no cenário cultural e justificando plenamente o reconhecimento de sua contribuição.



O reconhecimento de Mestre Nico é como um fio que entrelaça diferentes territórios, linguagens e memórias, tecendo uma rede viva de saberes e afetos.

Entidades como INEPAC, IPHAN, FEFOL, Secretaria Estadual de Cultura e Economia Criativa SECECRJ, secretarias Municipais de Cultura e entidades de relevância social e educativas como UFF, UENF, FASAP, UERJ reconhecem Mestre Nico, sua importância para a perpetuação das manifestações culturais e, especificamente, o grupo de Boi Pintadinho e Mineiro pau — manifestação de importância centenária.





Legitimar essa indicação cria um campo fértil de encontros, onde a tradição dialoga com a invenção e a ancestralidade se projeta no futuro. Essa articulação em rede fortalece a presença destas artes como patrimônio imaterial, como força que une, inspira e transforma comunidades.

Mestre Nico, ao ser reconhecido, torna-se um farol que ilumina caminhos coletivos, ampliando horizontes

e reafirmando a cultura Popular do Caxambu e do Boi Pintadinho e Mineiro Pau como espaço de resistência, continuidade e esperança.

Há lugares onde a história não se escreve em papel, mas no compasso do tambor, na poeira das ruas, nas mãos que costuram e pintam com fé. Santo Antônio de Pádua é um desses lugares. Aqui, a cultura pulsa em forma de canto, de dança, de cor e de memória — um território onde o sagrado e o popular caminham lado a lado.

O Boi Pintadinho e o Mineiro Pau são mais que manifestações culturais: são espelhos da alma paduana. Cada toque do tambor, cada traço de tinta, cada sorriso durante a brincadeira traduz uma história coletiva — feita de devoção, trabalho e pertencimento. Nasceram do povo, cresceram com o povo e sobrevivem pelo amor do povo.

Em tempos de pressa e esquecimento, olhar para o Boi Pintadinho e o Mineiro Pau é reencontrar o Brasil profundo — aquele que canta, que dança, que cria e recria sua história todos os dias. É compreender que o patrimônio imaterial não vive apenas em museus, mas nos corpos, nas vozes e nos gestos de quem acredita na força da tradição.

Que a história do Boi Pintadinho e Mineiro Pau de Santo Antônio de Pádua - RJ inspire novas gerações a brincar, a pesquisar, a registrar e, sobretudo, a sentir orgulho de pertencer a uma terra onde o boi ainda dança e o tambor ainda fala.

O Boi segue pintado. O Mineiro segue firme. E a cultura segue viva.



ASSOCIAÇÃO CULTURAL RECREATIVA E FOLCLÓRICA DE TARITUBA

Por **Paula Toyama Brasilio de Bulhões**

Diretora Presidente da Ciranda de Tarituba

A tradição de baile popular que inclui várias modalidades de dança combinando influências indígenas (danças circulares), portuguesas (sapateados e danças enlaçadas) e francesas (danças de figuração coletiva, como quadrilha e minueto) e remonta há mais de um século e meio, conhecido em Paraty sob o nome coletivo de “Ciranda”, tem no Grupo de Danças Folclóricas de Tarituba um dos mais persistentes e consistentes responsáveis por sua preservação e difusão, o que o torna um detentor efetivo dos saberes e fazeres populares transmitidos de uma geração a outra, nessa vila de pescadores do extremo norte do município de Paraty.

A história oral faz retroceder sua origem à década de 1930 na qual, relata-se, que a vila teria 16 casas de telhado de sapê e uma de telha, e à família Bulhões: Pedro Candinho Marins de Bulhões e seus três filhos, José Pedro, Benedito José, e Francisco José de Bulhões, conhecido como Mestre Chiquinho, sendo os três mestres da Folia e exímios instrumentistas, sobretudo na viola.

Com certeza, a atuação de Mestre Chiquinho (1906-1992) e seu grupo era significativa o suficiente no início da década de 1970 para atrair o interesse da folclorista Maria de Cássia do Nascimento Frade, em processo que levou ao primeiro registro fonográfico do grupo e a sua organização em associação.



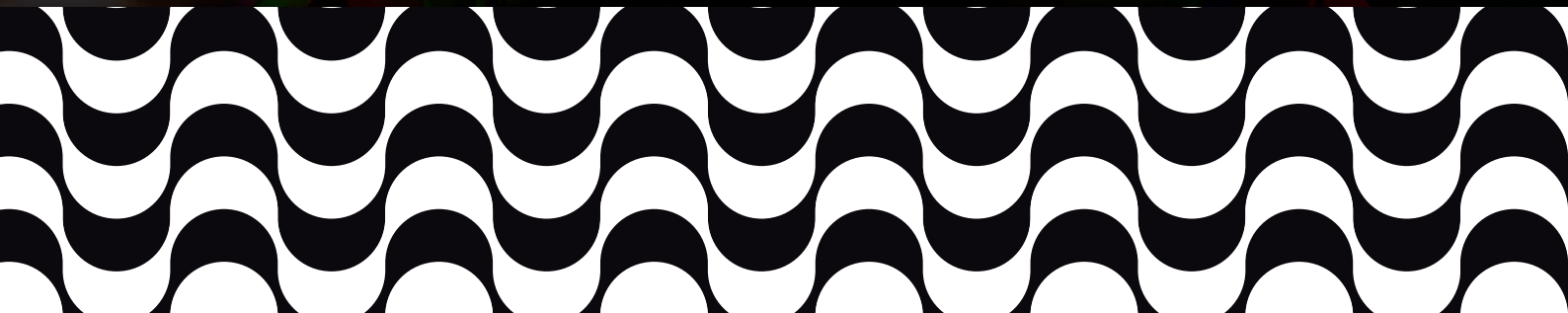
Fundado em 16 de maio de 1975, o grupo tem a finalidade de preservar e fortalecer a cultura local caiçara por meio dos versos de canções como Chiba (também conhecido como Cateretê); Flor do mar; Caranguejo; Tontinha; Caboclo Velho; Arara e Ciranda, onde todas as pessoas presentes são convidadas a dançar e celebrar nossas raízes conosco. Trata-se do único grupo da região onde, além de músicos, existem também os dançarinos, o que deixa a apresentação ainda mais animada.

Em Setembro de 2024 recebemos a Medalha Mérito Histórico Cultural pela Academia Brasileira de Ciências, Artes, História e Literatura – ABRASCI, pelo reconhecimento de manter viva a cultura e tradição caiçara. Continuando a parceria com a ABRASCI em agosto de 2025, foi realizado a Comenda Mestre Chiquinho, momento único com a Medalha Mestre Chiquinho.

O maior presente que a Ciranda nos traz é dividir a vida com pessoas de diferentes gerações, aprendendo, ensinando e, assim, enriquecendo a vida um do outro, mantendo viva a cultura caiçara da região de Paraty-RJ por meio da Ciranda de Tarituba.



02





62°
FEFOL



Em 1964, o Prof. José Sant'anna e eu carregávamos um sonho simples e gigante: dar ao folclore brasileiro um palco para chamar de casa.

Começamos pequeno, com verdade no peito. As primeiras apresentações dos grupos aconteciam debaixo da paineira da Escola Capitão Narciso Bertolino. Era chão de terra, céu aberto e coração cheio. Ali, entre cantigas, danças e causos, o festival nasceu.

Hoje vejo esse sonho transformado no grande Festival Nacional do Folclore de Olímpia, referência para todo o país. Que orgulho!

Meu desejo para as páginas deste anuário é um só: que a chama não se apague. Que as novas gerações entendam que folclore não é passado guardado. É identidade viva. É raiz que sustenta e galho que floresce.

Aos jovens de Olímpia e do Brasil: recebam essa herança com amor, reinventem com respeito e continuem. Toquem o bumbo, dancem o jongo, contem as lendas. Só morre a cultura que deixa de ser passada adiante.

Que a paineira que nos abrigou no começo seja símbolo: forte, enraizada e sempre oferecendo sombra para quem chega.

O sonho de 1964 segue vivo em cada passo de dança. Que siga para sempre.

Maria Aparecida de Araújo Manzoli

*Professora de Música, Folclorista, Pesquisadora,
Criadora do Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas – GODAP*

O FOLCLORE NA CAPITAL DO FOLCLORE

Por **Estêvão Amaro dos Reis**

Doutor em Música pela UNICAMP

Autor do livro “o Folclore é um processo”

Segundo Carlos Rodrigues Brandão (1984), o folclore é uma palavra que já nasce entre parênteses. Para Dan Ben-Amos (1971), as definições de folclore são tão numerosas e variadas quanto as versões dos contos e lendas mais conhecidos.

O termo foi criado em 1846 por William John Thoms (1803–1885), que uniu duas palavras do inglês antigo (povo) e lore (saber), atribuindo-lhes o sentido de “saber do povo”, e é importante lembrar que, antes dessa data, a palavra folclore não existia. Também é importante destacar que a compreensão do folclore e de seus objetos de estudo não permaneceu estática. Ao longo da história, suas definições, enfoques e campos de investigação foram se transformando, acompanhando as concepções teóricas e os contextos históricos de cada período. (Brandão, 1984; Cavalcanti, 2002; Reis, 2024).

Mas então, se a compreensão do que é folclore muda de acordo com o contexto e com o período histórico, o que é folclore na Capital do Folclore?

Há cidades que preservam memórias. Há cidades que organizam arquivos, restauram fachadas, guardam fotografias amareladas e aprendem a conviver com o passado como quem administra um patrimônio silencioso. Olímpia nunca foi exatamente assim. Em Olímpia, o passado canta e dança.

E talvez seja justamente por isso que a cidade tenha se tornado, ao longo das décadas, um dos mais importantes territórios de experiência das culturas populares brasileiras. Não porque conserve o folclore como quem protege uma peça rara do desgaste do tempo, mas porque permite que ele continue acontecendo. O que existe aqui não é apenas preservação. É continuidade em movimento.

Durante muito tempo, acostumaram-nos a pensar o folclore como algo imóvel. Uma herança intacta. Um conjunto de costumes antigos mantidos pela repetição fiel. Havia quase sempre a expectativa de encontrar, nas manifestações populares, algum tipo de pureza original, como se tradição fosse sinônimo de permanência absoluta.

Mas a cultura popular jamais soube permanecer imóvel.

Ela atravessa épocas como atravessa corpos: mudando sem deixar de ser reconhecível. Ajusta-se às linguagens do tempo, reorganiza símbolos, altera ritmos, incorpora ferramentas, desloca sentidos. E

talvez seja justamente nisso que reside sua permanência mais profunda.

Folclore é processo (Reis, 2024). Não uma coleção de relíquias culturais. Não um catálogo de práticas congeladas pela nostalgia. Processo. Movimento contínuo de recriação coletiva. Uma dinâmica permanente em que as manifestações populares sobrevivem não apesar das transformações, mas, precisamente, através delas.

Olímpia parece ter compreendido isso antes mesmo de a ideia ser transformada em formulação teórica.

O Festival do Folclore, por exemplo, nunca foi apenas um desfile de tradições preservadas. Quem observa atentamente, percebe outra coisa acontecendo ali. Os grupos não reproduzem mecanicamente um passado distante. Cada canto já chega alterado pelo tempo. Cada dança carrega marcas das gerações que a atravessaram. Cada figurino, cada instrumento, cada forma de ocupar o espaço revela pequenas adaptações que dizem muito sobre o presente.

Nada permanece absolutamente igual. E, ainda assim, tudo continua reconhecível.

É nesse território aparentemente contraditório que o folclore acontece: entre permanência e transformação. As manifestações populares não sobrevivem porque resistem ao tempo como estruturas rígidas. Sobrevivem porque aprendem a negociar com ele.

Em Olímpia, isso torna-se visível de maneira quase pedagógica. O brincante que hoje grava sua manifestação em um telefone celular não rompe necessariamente com a tradição. O grupo que reorganiza sua apresentação para dialogar com novos públicos não abandona automaticamente sua memória coletiva. A cultura popular não desaparece quando encontra novas mediações. Ela se desloca. Reconfigura-se. Continua.

Talvez, por isso, o folclore incomode tanto as definições rápidas. Porque ele escapa. Quando tentam aprisioná-lo numa imagem fixa do passado, ele já se moveu. Quando tentam transformá-lo em peça estática de museu, ele reaparece na rua, na praça, nos cortejos, nos corpos, nas vozes, agora atravessado por novas circunstâncias históricas.

Olímpia nunca tratou o folclore apenas como ruína cultural. E talvez resida aí sua maior importância no



cenário brasileiro. A cidade compreendeu, mesmo que intuitivamente, que tradição não é imobilidade. Tradição é trânsito. É aquilo que passa de geração em geração sem jamais chegar exatamente igual.

As culturas populares não são sobrevivências fósseis de um país antigo. São experiências contemporâneas de criação coletiva. Continuam sendo produzidas todos os dias por sujeitos concretos, inseridos em seu tempo, atravessados pelas mesmas transformações sociais, tecnológicas e simbólicas que atravessam toda a sociedade.

Pensar o folclore como processo é reconhecer exatamente isso: que a cultura popular permanece viva porque continua em estado de movimento. E

poucas cidades brasileiras expressam isso de maneira tão evidente quanto Olímpia.

Aqui, o passado não repousa em silêncio. Ele atravessa ruas, ocupa praças, reorganiza vozes, reaparece nos corpos.

Canta.

Dança.

Caminha.

E continua, ano após ano, reinventando maneiras de **permanecer no mundo**.

O FOLCLORE VIVO NA EDUCAÇÃO DE OLÍMPIA:

Uma celebração contínua

Por **Táise Renata da Cruz**

Coordenadora Técnico-Pedagógica: Arte e Folclore; Educação de Jovens e Adultos



Equipe da Secretaria Municipal de Educação com grupo folclórico no Minifestival

A Secretaria Municipal de Educação em parceria com a Secretaria de Cultura e Defesa do Folclore, realizam durante o Festival do Folclore várias ações educacionais com o propósito de permitir aos estudantes, professores e convidados a vivência do cotidiano de sala de aula em diversos contextos folclóricos.

Anualmente as Resoluções da Secretaria Municipal de Educação orientam o trabalho com o Folclore o qual deverá perpassar todos os componentes curriculares da Base Nacional Comum, considerando a amplitude e a vastidão do riquíssimo universo da cultura popular. Na rede municipal de Educação de Olímpia, o Folclore é compreendido como eixo estruturante do currículo, assumindo caráter transversal e integrador, articulando saberes, práticas e vivências ao longo de todo o processo educativo.

Em edições anteriores do Anuário foram apresentadas as ações da educação durante o Festival do Folclore. As atividades são planejadas com muita antecedência e iniciam-se já no primeiro momento. A abertura de cada edição do FEFOL é responsabilidade da equipe da Secretaria Municipal de Educação. Durante a semana, a movimentação

diária no período diurno também cabe à SME: Gincana de Brinquedos e Brincadeiras Tradicionais Infantis, a Folclorança, o Minifestival, Seminário e a abertura de cada edição do FEFOL, que é organizada e realizada pela equipe da Secretaria de Educação com uma média de 600 participantes, entre alunos, professores, funcionários, comunidade escolar, convidados e amigos da educação.

Revisitar as memórias construídas durante o Festival do Folclore de Olímpia é reencontrar afetos, emoções e experiências que permanecem vivas na identidade cultural do município. Cada lembrança compartilhada sobre o FEFOL carrega diferentes tonalidades de emoção: há o brilho nostálgico das recordações, a delicadeza das histórias contadas com carinho e a euforia daqueles que vivenciam intensamente a grandiosidade do festival.

Com o propósito de preservar a autenticidade dessas narrativas e valorizar a memória coletiva construída ao longo dos anos, a equipe da Secretaria Municipal de Educação de Olímpia organizou registros das ações desenvolvidas no Festival do Folclore por meio de entrevistas e relatos transcritos, dando voz às

memórias e aos sentimentos que atravessam a história do festival.

Este anuário tem como objetivo registrar e valorizar a profundidade desse compromisso cultural e educativo, evidenciado em diferentes ações pedagógicas promovidas pela rede municipal de ensino. Ao longo destas páginas, serão apresentados alguns relatos sobre ações como a Gincana de Brinquedos e Brincadeiras Tradicionais Infantis, o Minifestival do Folclore e o Espetáculo de Abertura do FEFOL.



Apresentação dos alunos da Pré-Escola no Minifestival

MINIFESTIVAL

Diretora Mirella Murça Martines Benetti

EMEB Jardim Hélio Cazarini - (Ensino Fundamental - Integral)

Qual é a relevância do Minifestival para garantir a preservação do patrimônio imaterial brasileiro, transformando crianças em agentes ativos da tradição de Olímpia?

O Minifestival tem um papel muito importante nessa preservação da cultura brasileira, porque ele permite que as crianças vivenciem essas tradições de forma muito alegre, muito significativa, uma vez que enquanto elas cantam e dançam, conhecem o folclore e se tornam os pequenos guardiões dessa cultura popular.

De que forma o Minifestival consegue aproximar a comunidade e as famílias da rotina escolar, especialmente no mutirão de preparativos, costura de roupas, maquiagem e na torcida durante as apresentações?

O Minifestival, aproxima a escola das famílias de um jeito muito bonito e muito afetivo também, porque assim, em tudo, nos preparativos, na costura das roupas, na maquiagem e na torcida para que tudo dê certo. Todo mundo se sente parte dessa mesma história e isso fortalece os laços de todos nós, e também cria memórias muito especiais para as crianças.

Deixe uma mensagem sobre a importância da participação dos alunos nas ações do Festival do Folclore.

Cada aluno, que participa do festival, leva para o

palco não apenas uma apresentação, mas também muita alegria, criatividade, muita riqueza das nossas tradições. Participar é manter viva a cultura brasileira com muito orgulho, com muita arte e com o coração nesse projeto.



Alunos da Pré-Escola dançando no Minifestival

Diretora Sueli Terezinha Silva

EMEB Irma Tereza Soares - (Pré-Escola - Integral)

De que forma o Minifestival consegue aproximar a comunidade e as famílias da rotina escolar, especialmente no mutirão de preparativos, costura de roupas, maquiagem e na torcida durante as apresentações?

O que aproxima é o encantamento, a alegria de ter um espaço e tempo para a manifestação dessa cultura.

Qual é a relevância do minifestival para garantir a preservação do patrimônio imaterial brasileiro, transformando crianças em agentes ativos da tradição de Olímpia?

É a garantia da continuidade da transmissão da cultura. Nosso público de hoje é o futuro do amanhã. Despertar o gosto e a valorização da cultura popular nas crianças é dar continuidade à tradição folclórica.

Deixe uma mensagem sobre a importância da participação dos alunos nas ações do Festival do Folclore.

Manter a tradição cultural do folclore em nosso município, considerando que o festival nasceu nas escolas, é dar às crianças o privilégio de conhecer a cultura de outros Estados do país.

Diretora Maria de Lourdes Porpeta Gerolin

EMEB Valentina Toazza (Pré-Escola)

Qual é a relevância do minifestival para garantir a preservação do patrimônio imaterial brasileiro transformando as crianças em agentes ativos da tradição de Olímpia?

Essa pergunta é muito importante porque nós vivemos na cidade do Festival do Folclore. Então, como dizia o professor Sant'anna, nós não

podemos deixar morrer essa cultura. Esse conhecimento popular passa de geração em geração, nós vamos cultivando, passando para essas crianças e essas crianças, provavelmente, no futuro, também passarão para outras pessoas, para outras gerações. É muito importante a gente viver,

vivenciar a cultura no Minifestival.

Deixe uma mensagem sobre a importância da participação dos alunos nas ações do Festival do Folclore.

Aprendizado e Alegria é isso.



Alunos das escolas municipais dançando na Abertura do 61º Festival do Folclore

ABERTURA

Professora Coordenadora Lilian Cristina Bertasso

Professora Coordenadora Fabiana Baldan Firmino Dutra

EMEB Theodomiro da Silva Melo (Ensino Fundamental)

De que forma a abertura do FEFOL consegue aproximar a comunidade, as famílias da rotina escolar? Especialmente no mutirão de preparativos, a costura de roupas, a maquiagem, a torcida para apresentação dos alunos.

Professora Coordenadora: Lilian Bertasso: Eu acho que é o sentimento de pertencimento, de identidade, que as famílias assumem um papel de responsabilidade, de querer que os filhos participem, que brilhem lá na hora da abertura. E eles, sentados

na arquibancada, verem as crianças, é uma gratificação muito grande, é uma coisa sem explicação. Geralmente são as famílias inteiras que vão, avós, tios, e eu acho que a sensação de ver as crianças dançando, encenando, participando, é uma recompensa por todo esse envolvimento, por toda essa colaboração com a escola.

Professora Coordenadora: Fabiana Baldan Firmino Dutra: E esse entusiasmo começa assim, logo no começo do ano, os pais já começam a perguntar se vai ter, se a escola vai participar, já quer deixar o nome da criança. Então eles já começam esse envolvimento bem cedo, bem no começo do ano. E quando chega a época que a gente começa a perguntar nomes de quem quer participar, aí se intensifica essa vontade mesmo de participar, esse pertencimento. Eles estão sempre

procurando saber que dia que vai ter ensaio, que hora vai ser o ensaio, perguntando que jeito é o figurino, se eles têm que confeccionar alguma coisa, se a escola vai providenciar tudo. Então as famílias acabam sim fazendo, estando mais presentes nesse momento de construção dessa dança. A família, a comunidade se aproximam sim.

Deixe uma mensagem sobre a importância da participação dos alunos nas ações do festival do folclore abertura no mini festival na gincana folclore tudo que acontece durante a semana.

Professora Coordenadora: Lilian Bertasso: Eu acho que é a promessa da cultura de um povo, da cultura local. É a promessa de garantia de que lá na frente a gente possa olhar para trás e ver que as raízes foram fincadas e muito bem fincadas. Não se perdeu a identidade, não se perdeu toda essa tradição, que é a tendência, aos poucos, conforme passam os anos, é ir se perdendo isso. Então eu acho que é uma promessa, uma promessa não apenas de manter, mas alargar horizontes culturais.

Professora Coordenadora: Fabiana Baldan Firmino Dutra: Também vejo dessa forma, a escola acaba sendo sempre esse ponto de referência porque hoje as famílias não conversam mais como antes, quando passavam as tradições de pai para filho, os ensinamentos. Hoje isso acontece mais na escola. E a escola mantém, a escola trabalha, a escola participa de todos esses momentos, não só na semana em que ocorre o festival, mas durante o ano todo. Fazendo isto ela está mantendo, está garantindo que as tradições sejam trabalhadas, revividas. Eu acho que isso é de suma importância.

Diretora Bruna da Silva Maestro

Professora Coordenadora Bruna Martins Amianti

Professora Coordenadora Natália Cristina Lucatelli Joventino

Professora Eliana Ribeiro Campos

EMEB Joaquim Miguel dos Santos - Ensino Fundamental

De que forma a abertura do FEFOL consegue aproximar a comunidade, as famílias da rotina escolar especialmente no mutirão de preparativos de costura de roupas, maquiagem e na torcida para apresentação dos alunos?

Professora Coordenadora Bruna Martins Amianti: É muito gratificante ver como as famílias se conectam com a escola nesse momento. Famílias que perguntam durante todo o ano, quando vai ser, quando vão começar os ensaios é que estão sempre dispostas a trazer as crianças, às vezes no outro período. No ano passado a gente tinha as meninas do Tambor de Crioula; elas eram do período da tarde. Inicialmente nossos alunos do

período da manhã somente tinham participado da abertura. E aí por conta do Estado homenageado ser o Maranhão, houve esse convite para que as meninas que iam representar o Estado também participassem da cerimônia de abertura. Por estudarem à tarde, elas tinham que vir alguns dias de manhã. Então essas famílias fizeram toda uma movimentação para trazê-las aqui. Tudo é e foi muito, muito bacana. Eles ficaram todos ansiosos, e, teve a mãe de um aluno específico que dançou também nessa parte do Tambor de Crioula do Maranhão, que ajudou a gente a confeccionar as roupas, os acessórios, foi muito solícita, muito prestativa, veio aqui na escola diversas vezes e virou assim uma parceira da escola mesmo.

Diretora Bruna da Silva Maestro: É um momento de vivência entre toda a comunidade escolar, não só com as famílias. Entre nós, os funcionários e professores. A contribuição de cada um é fundamental. Uma funcionária costura, a outra faz os acessórios, vai passar as vestimentas.

Professora Coordenadora Bruna Martins Amianti: Teve a história também das roupas dos índios do ano passado. Os alunos do período da manhã foram representar o Auto do Bumba-meu-boi, da Catirina e do boi. A gente precisava de roupas de índio, e a escola conseguiu algumas, pegou emprestado outras. Foi uma comoção geral, todos para confeccionar. Todo mundo colaborou, as meninas da limpeza, professores, professores do outro período, todo mundo ajudando, colando penas. Foi muito legal, assim, esse momento.

Todos os anos, no dia da abertura, a gente tem sempre, assim, aquele mutirão que vem aqui no sábado. Nós trocamos as crianças aqui na escola, maquiemos, trocamos, damos um lanche para elas antes de sair. Então o ônibus sai daqui da escola e as famílias confiam plenamente, deixam aqui e vão receber as crianças só lá no final e ver a alegria deles, todas as crianças.

A gente vê a paixão deles de estarem ali, estão fazendo realmente com amor. E essa turminha do Tambor, a gente pegou um carinho assim muito grande porque são meninas tão formosinhas, elas fizeram com aquele amor mesmo e agora elas estão passando o conhecimento que elas adquiriram para as meninas novas que algumas eram do 5º ano e saíram, e a gente pegou as meninas mais jovens. E elas estão participando de todos os ensaios para a próxima apresentação, já estão passando todo o conhecimento que adquiriram nesse processo.

E será que tudo isso foi possível por conta desse estudo prévio, de colocá-las cientes do que é a dança, sobre esse trabalho que foi feito que gera esse pertencimento?

Professora Coordenadora Bruna Martins Amianti: Com certeza sim! Porque quando a gente adotou a proposta do Tambor de Crioula a gente não conhecia. Nem a gente enquanto adulto, muito menos elas que nunca tinham tido essa vivência. Então, até antes de montar a coreografia de fato, de começarem os ensaios, a gente fez esse estudo. Então a gente assistiu vídeos, leu histórias, elas tinham um caderno, elas pintaram a saia conforme era o que elas viam ali, daquelas saias de chita. E aí elas entenderam como que era o figurino, porque os tambores eram de tamanhos diferentes. O nome das dançarinas, que é um nome diferente, coureiras. E elas falam isso até hoje para as meninas que estão dançando agora, que não passaram por esse processo ano passado. Então elas faziam anotações e compartilhavam. Todo dia elas pediam: Dá o nosso caderninho pra gente ler?

Quando que a gente vai ver o caderninho de novo? Então assim, foi muito bacana aquele momento.

Diretora Bruna da Silva Maestro: No dia da prova das saias que a dona Monique veio e elas experimentaram. Gente, elas rodavam, rodavam, todas eu lembro, elas amaram a roupa.

Deixe uma mensagem sobre a importância da participação dos alunos nas ações do Festival do Folclore.

Professora Coordenadora Natália Cristina Lucatelli Joventino: Eu acredito que esse momento seja muito rico de apropriação mesmo. Que mesmo com que a gente traga, que a gente fale, que a gente mostre, viver esse momento para os alunos é muito rico e eles ficam ansiosos, ficam tensos. Quando a gente está ensaiando, é de maneira fragmentada. A hora que eles vão vendo que vão juntando com outras coisas, com outras turmas, com outras organizações, eles vão ficando apreensivos, com medo. Ao final da abertura, quando deixam o espetáculo, o olhinho brilhando, comemorando, a gente não sabe se acolhe um que está descendo e eles comemorando. É muito rico!!! É muito gratificante, você ver o aluno se apropriando desse momento, é uma riqueza cultural mesmo e essa participação nas danças, em conhecer porque que funciona, como que é a cultura. Eu acredito que seja enriquecedor mesmo. E, para mim foi transformador, porque eu não sou daqui, eu não sou de Olímpia. E, na minha formação e no meu trabalho anterior, o folclore era o saci, a lara, o boi, e era isso que a gente trabalhava, não tinha essa vivência cultural que tem aqui, aí foi um grande aprendizado e é, como eu sempre digo, que eu gosto das reuniões por isso, porque é nesses momentos que a gente aprende e vai vendo, transformando nosso conhecimento a cada vez,

sempre aprendendo um pouco mais, para mim é transformador. É cada momento ver a diferença e aprender com ela. É muito bom, é muito emocionante. Na criação das roupas, em tudo.

Diretora Bruna da Silva Maestro: É um momento de aprendizagem não só para as crianças, é para toda a escola. A gente sofre com eles. Se eles estão ansiosos, angustiados: nós vamos conseguir? Vai dar tudo certo? A gente também, nós estamos por trás. Nós realizamos todo o trabalho por trás das câmeras e a proposta é essa, envolver todo mundo, envolver cada vez mais crianças. Esse ano nós conseguimos um número maior de crianças para participar do folclore. Envolver essas famílias. E, as famílias gostam bastante e confiam na escola e entregam entregam as crianças. sabem que vai que vai dar tudo certo no final.

Professora Coordenadora Bruna Martins Amianti: Eu acho que isso marca a vida dos alunos. Há crianças que a gente fala que se descobriram ali na dança, que encontraram o seu lugar no mundo, que, a partir, daquele primeiro contato que tiveram aqui na escola, de maneira assim mais breve, se apaixonaram por aquilo e passaram a buscar fora, procurar grupos de dança, procurar aulas, procurar os grupos parafolclóricos para participar. Um aluno, no ano passado, começou a ir todos os dias no festival assistia aos grupos dos adultos e, no dia seguinte, ele vinha para a escola ensaiar, mexia o pé e a mão e ele começava a imitar cada vez mais aqueles movimentos corporais e se apaixonar naquilo, é algo que marca para o resto da vida, nunca eles vão esquecer. Eu falo diferente da Natália, eu fui uma criança da rede, eu fui uma criança que viu o folclore enquanto aluna, muitos anos atrás. Eu participei de festival, participei de abertura na época e é uma coisa que eu não esqueço nunca. Eu lembro que eu dancei na abertura quando foi Minas Gerais, a gente dançou catira junto com as meninas da catira de Minas Gerais. Então foi uma troca ali muito bacana. No ano passado, as nossas meninas puderam dançar o tambor junto com as meninas da escola Capitão. Então teve essa troca, essa vivência, elas estavam se sentindo importantes porque elas estavam dançando com as meninas maiores. Então marca a vida, é algo que nunca vão esquecer.

Professora Eliana Ribeiro Campos: O folclore na nossa cidade, todos conhecem o folclore, mas a oportunidade de presenciar, de viver é na escola, então é muito importante. Há alguns tempos atrás não tinha essa oportunidade de todas as escolas participarem, e muitas crianças não conseguiram viver isso. Então a importância deles viverem isso agora é fundamental para conhecer e falar do folclore, levar o folclore e saber o que é um folclore de Olímpia. Uma oportunidade única e muito boa.



Aluna: Heloísa Caciolato - 5º ano B

EMEB Joaquim Miguel dos Santos (Ensino Fundamental)

Como foi pra você representar a nossa escola na abertura do Festival do Folclore no ano passado?

Ah, foi muito legal, eu gostei bastante e esse ano eu vou participar de novo porque eu amei.

Na abertura, são muitas crianças, são muitas escolas que participam, não são só vocês. Como foi a rotina dos ensaios gerais no recinto do FEFOL?

Ah! A gente chegava na escola, fazia o cabeçalho, ia para o folclore e depois voltava para a escola e era normal, a gente fazia as atividades normal. Era bem legal. Mesmo no começo, a gente estava aprendendo, então era um pouco difícil, mas depois que a gente foi pegando os passos, foi mais legal e mais divertido.



Alunas dançando na Abertura

E era difícil acertar o lugar da arena para se posicionar?

Não, não era difícil, era bem fácil, o professor estava o tempo todo para ajudar a gente.

E o que você lembra do momento quando estávamos aqui na escola, nos preparando, fazendo a maquiagem, colocando a roupa?

Eu lembro que a gente ficou separado, ficaram as meninas em uma sala e os meninos na outra. A gente fez as maquiagens e se trocou. É, foi muito legal também. Depois que nós acabamos, ficamos um pouco lá fora. Nós viemos num sábado que começou o folclore, depois fomos para o folclore no ônibus. Chegando lá, a gente já se posicionou, já se apresentou. Foi muito legal, depois nós ficamos esperando um pouco e depois a gente fez as outras apresentações nós também fizemos um ensaio com todas as escolas que estavam apresentando. A gente se apresentou com todas as escolas.

Como que você se sentiu na hora que vestiu a roupa, que passou a maquiagem, que você se olhou no espelho e se viu pronta?



Preparação dos alunos para a abertura do 61º Festival do Folclore

Eu achei que eu achei que nunca na minha vida ia me ver daquele jeito. Eu achei bastante legal como os índios se vestem e eu gostei bastante também.

E quando estava lá atrás do palco, já no recinto, na hora com a roupa, como que você se sentiu assim?

Muito ansiosa, muito feliz. Nós conversamos bastante lá atrás do palco para ver como que ia ficar, se ia ficar bom, olhamos nossa roupa várias vezes para ver se estava boa. E aí a hora que entramos, só foi. Foi muito bom, foi muito legal também.

Lá atrás do palco, vocês não tinham noção de quantas pessoas tinham e vocês subiram no palco, tinha todas as luzes e um monte de gente assistindo o que passou na sua cabeça?

Falei assim, nossa, eu acho que eu não vou conseguir. Mas depois eu olhei para frente e falei assim: Eu vou conseguir! E, depois, na primeira parte, foram algumas pessoas que estavam no começo da história e aí voltaram e falaram assim: É muito legal, tem muita gente lá, mas vocês vão

conseguir. Aí a gente foi. E é isso, nós gostamos bastante, a gente ficou com medo, mas depois ficou, foi muito feliz. Nós vimos as pessoas também com roupa normal, se trocando lá, né? Colocando a roupa para poder apresentar.

Qual lembrança ou sentimento que você vai levar no seu coração para o resto da vida sobre essa apresentação?

Eu acho que o jeito que a escola, tipo assim, cuidou da gente lá no folclore. Teve essa responsabilidade com a gente e foi muito bom, assim eu vou guardar. Na hora que eu subi no palco quando eu tava na arena foi muito legal, muito legal mesmo. Você vai lembrar para o resto da vida. Assim eu acho que esse pode ser o último ano, por isso eu vou participar, mas eu vou guardar para o resto da minha vida porque eu gostei bastante. Se eu tiver filhos eu vou e se essa escola tiver aberta, tomara que esteja, eu vou colocar eles aqui. E a cada passo da vida deles, eu vou deixar eles ensaiar no folclore, que eu gosto bastante.



Alunos das escolas municipais participando das brincadeiras tradicionais na Folclorança do 61º Festival do Folclore

GINCANA DE BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS TRADICIONAIS INFANTIS

Professora Coordenadora Maria de Lourdes Corsi da Silva

Professora Coordenadora Vanessa Diotto Luppi

EMEB Prof. Maurício César Alves Pereira (Ensino Fundamental)

A equipe gestora avalia a Gincana como uma importante oportunidade de resgate cultural, valorizando brincadeiras tradicionais e fortalecendo o sentimento de pertencimento às tradições de Olímpia, Capital Nacional do Folclore. Destacamos também a alegria da escola em estar mais próxima do Recinto do Folclore, permitindo às crianças vivenciarem mais de perto a Semana do Folclore e participarem com entusiasmo da dança do Minifestival.

A gestão deseja deixar registrada, durante a Semana do Folclore, a importância de valorizar, preservar e

transmitir às novas gerações as tradições culturais que fazem parte da história e da identidade do nosso povo. Em Olímpia, reconhecida como a Capital Nacional do Folclore, esse momento se torna ainda mais significativo, fortalecendo nas crianças o sentimento de pertencimento, respeito e orgulho pelas nossas raízes culturais. Além disso, a vivência das manifestações folclóricas contribui para o enriquecimento cultural, social e afetivo dos alunos, aproximando-os das tradições que marcam a história da nossa cidade.



Aluna: Ana Liz Santos Pampanin - 4º ano A

EMEB Professor Maurício César Alves Pereira
(Ensino Fundamental)

Qual foi sua brincadeira ou brinquedo favorito na gincana no ano passado?

Todas por causa que eu achei muito divertido. Sério, é muito legal! Você tem que tentar. Se você tivesse no meu corpo, você veria o quanto eu me diverti.

E quais brincadeiras que você brincou?

Eu brinquei de cabo de guerra, corrida de saco, acerte a lata, carrinho de rolimã e etc.

Como você se sentiu ao brincar na arena?

Eu achei muito empolgante. Sério, é muito legal, foi legal!

Você já conhecia essas brincadeiras ou costumava jogá-las em casa com seus pais ou avós?

Eu conhecia, já conhecia.

E eles te contaram alguma história de como brincavam na infância deles?

Não.

Eles não te contam como eram os brinquedos favoritos? Então agora você vai chegar em casa e vai perguntar como foi brincar junto com seus colegas de classe e interagir com estudantes de outras escolas e cidades visitantes durante o festival.

Minha filha, você nem imagina, é muito, mas muito da hora você conhecer outras pessoas. E é assim, se eu, se você imaginar o quanto, tão forte que eu sou! Bom, eu consegui levar o Gabriel no carrinho de rolimã sozinha.

Você empurrou seu amiguinho no carrinho de rolimã, que legal! Você já participou também da confecção de brinquedos na Folclorança. Como foi a experiência de criar seu próprio brinquedo? No ano passado, foi o catavento e depois poder brincar com ele?

Foi muito legal me faz nostalgia de quando eu era pequenininha e comia aqueles docinhos sabe e no docinho vinha um catavento também. E tinha alguns que vinha até com um passarinho que era tipo um apito de você fazer assim, ó... (assoviou imitando o som do passarinho).



Equipe da Secretaria Municipal de Educação no Seminário de Estudos

São relatos como estes que evidenciam o quanto a educação é pulsante na questão cultural e principalmente em Olímpia. Nesta edição, apresentamos alguns que consideramos apresentarem o pertencimento, o respeito e a vivência cultural que os olimpienses possuem nos bastidores do festival, no planejamento das ações que antecedem as apresentações dos alunos.

Nossos agradecimentos a todos que contribuíram para o enriquecimento dos registros folclóricos da educação de Olímpia. Que não medem esforços para contribuir, participar e se dedicar, pois acreditam no poder de transformação que a arte, a educação, a cultura e a vivência folclórica podem proporcionar às pessoas.

Aquele abraço! Nos encontramos na edição de 2027!

PARAFOLCLORE E FEFOL: QUE RELAÇÃO É ESSA?

Por **Luiz Fernando Monzani**

*Professor e Diretor da Associação Cultural Samba Sem Compromisso
Membro do Conselho Editorial deste Anuário.*

A primeira vez que o termo “parafolclore” aparece nestes anuários foi em 1973, no Anuário número 4, do 9º Festival do Folclore. Na sessão “Noticiário”, na época, também destinada à programação do Festival, é citado da forma em que denomina a manifestação parafolclórica mais frequente no FEFOL: “As danças parafolclóricas serão orientadas pelas professoras Maria Aparecida de Araújo Manzolli e Elsa Maria Pereira da Cunha”.

Antes, e naquele que foi considerado o Anuário número 1, a edição especial do jornal “Tabloide da Nova Paulista de 10/08/1970”, os termos utilizados foram “projeção folclórica”.

No programa do dia 13/08, quarta-feira, às 20h, “Danças folclóricas brasileiras (espetáculo estudantil de projeção folclórica)”, e no domingo, dia 16/08, às 19h, “Projeção de Danças Folclóricas”. Nessa mesma edição, no artigo “Folclore: fonte inesgotável de cultura”, novamente cita o “Espetáculo Estudantil de Projeção Folclórica, que apresenta danças regionais brasileiras” com a direção de Cidinha Manzolli.

No Anuário número 7, em 1976, do 12º FEFOL, é citado pela primeira vez, nestes anuários, a criação da “Comissão do Parafolclore”, composta pelas professoras Edemir Moreira de Oliveira e Maria Giuseppe Scura de Almeida. No Anuário seguinte, de número 8, do 13º Festival (1977), o fato se repete e acrescenta na comissão os seguintes nomes: Janete Aidar Parolim, Laura Ferreira de Castro Zangirolami e Sonia Najem Galetti.

Foi somente em 1984, no Anuário número 14, do 20º FEFOL, que um texto tratou especificamente do parafolclore. Texto escrito por dona Cidinha Manzolli com o título “Parafolclore”, onde ela ressalta a importância do trabalho com dança nas escolas, dos valores que podem ser compreendidos com esse trabalho e fala da formação no 5º FEFOL (1969) do Grupo de Danças Parafolclóricas “Cidade Menina Moça” (GODAP). “Esse trabalho foi motivado, incentivado e sempre apoiado pelo Prof. José Sant’anna, ...”, relata. Encerrando o texto, a professora nos apresenta a dança “Cana Verde de Passagem”.

A presença no Festival, das questões ligadas ao Parafolclore, se dá quase que desde seu começo, no mínimo, desde que foi criado o GODAP, em 1969, sendo que o primeiro Festival foi realizado em 1965. Apesar de serem utilizados os termos “projeção

folclórica” antes de 1973, é fato que esse conceito já era de clareza do seu significado por aqueles que organizavam e os que participavam, de alguma forma, inclusive as pessoas que limitavam sua participação como espectadores do evento, do que viria a se chamar no Festival de “Parafolclore”.



Para os grupos parafolclóricos, a participação nos Festivais do Folclore de Olímpia, representa, sem dúvida, um empoderamento em vários aspectos, contribuindo em muito com a sua manutenção e crescimento de importância.

O Festival proporciona vários espaços em que o Parafolclore possa estar presente, como no mini festival, seminários de estudos, peregrinações, visitas ao comércio e indústria, escolas, praças e ruas da cidade e, aquele de maior visibilidade, que é o palco principal.



Tanto no aspecto cultural, onde o contato e as trocas propiciadas entre os grupos folclóricos e parafolclóricos produzem aprendizados mútuos, temos outras questões como uma maior divulgação e reco-



nhecimento desses grupos após suas participações no Festival.

São inúmeras as manifestações de representantes dos grupos parafolclóricos em reconhecimento da importância nessa participação. Falas como “o palco do FEFOL é mágico”, “já estivemos em vários festivais, mas nenhum é como aqui”, “depois de participarmos aqui, recebemos vários outros convites”, etc. Esse querer participar é comprovado pelo grande número que anos após anos se inscrevem, manifestam esse desejo e, em algumas situações, o Festival se vê sem condições de absorver a todos os interessados.

O próprio Festival reconhece essas participações como importantes por meio de seu público e de seus organizadores. Elogios vindo do criador do Festival, professor Sant’anna, sempre foram ouvidos àqueles grupos que ele considerava, apesar de imprimirem o aspecto de espetáculo em suas apresentações, que respeitavam e valorizavam a manifestação autêntica que os inspiravam. Não resta dúvida que esses grupos, aqueles que poderíamos denominar de “honestos” com o folclore, contribuíram e contribuem com o FEFOL.

Os grupos parafolclóricos enriquecem o Festival com suas participações também em vários aspectos e no mesmo sentido que dele se aproveitam. Além de belos espetáculos, também contribuem com as trocas, aprendizagens, manutenção de manifestações — não mais ou pouco existentes de forma autênticas no nosso país. Aqui cabe o depoimento da professora Cidinha Manzolli, reforçando que “os grupos parafolclóricos ajudam a resgatar e preservar manifestações folclóricas autênticas. O GODAP fez isso com diversas

danças da cultura paulista como a cana verde, do café, a chimarrita, do bambu, quadrilha e a balainha”. “Mostram muitas coisas que não estariam sendo mostradas”. Contribuem também com a própria divulgação do FEFOL, ao levarem essas participações para seus locais de origem, bem como para os locais de suas outras apresentações. Além disso, e com a possibilidade de divulgação pelos meios digitais, ampliou-se em muito este fato.

Mas podemos considerar que a participação do Parafolclore no FEFOL nunca deu-se de forma plenamente harmônica. Desde esse início e até atualmente, sempre algumas questões são observadas.

No Anuário número 2, 7º FEFOL (1971), há um texto produzido pela Comissão Estadual de Folclore e Artesanato (Conselho Estadual de Cultura) do Estado de São Paulo, na qual Sant’anna fazia parte e denominado “Diagnóstico e Prognóstico do Folclore e do Turismo Cultural no Brasil”, que faz sérias críticas a modelos de festivais aos quais o nosso Festival se enquadra. E o interessante é que, mesmo assim, foi publicado nesse anuário — mesmo sofrendo recomendações negativas pelo artigo — e não deixou de publicá-lo.

Ao falar do turismo cultural, o texto defende que este deve propor levar turistas a locais onde ocorram o que denominam de ‘cultura espontânea, folclórica’, através da “... criação de uma consciência pública que favoreça a defesa, estímulo e a concretização dos fenômenos folclóricos ...”. Faz críticas a festivais que elegem rainhas e intervenções de políticos que alteram com suas propagandas o contexto dos grupos. E, em recado explícito, mas sem citar Olímpia, festivais que incluam

nos seus desfiles moças que representam diferentes Estados, o que aconteceu por muitos anos no FEFOL.

Afirma que “Os grupos podem e devem ser modificados, sempre, porém, de dentro para fora e nas características de cultura espontânea em que existem”. Décadas depois esse conceito, pode ser verificado no livro editado em 2024 por Estevão Amaro dos Reis, “O folclore é um processo”, no qual o autor defende conceitos que se aproximam muito dessa afirmação, da possibilidade e até da necessidade de terem que se adequar a novas condições impostas pelo meio para continuarem existindo.

Para ilustrar a questão dos desfiles de encerramento do Folclore em relação à crítica endereçada a ele, destacamos do Anuário número 3, do 8º Festival do Folclore de Olímpia (1972), trecho do artigo escrito por Iseh Bueno de Camargo, denominado “Turismo Cultural Folclórico”, em que ela elenca vários motivos para se visitar nosso Festival, e escreve “E não se esqueçam: os desfiles de carros alegóricos, grupos variados com suas ricas fantasias típicas, de foliões e dançarinos de inúmeras partes do Estado e de outros Estados também, é o ponto alto das comemorações do mês”. Destes desfiles participavam as moças representando os estados brasileiros.

Voltando ao artigo do Anuário número 2, ele afirma “que se deve dar preferência à realização de festivais regionais ou dentro de uma mesma área cultural, o que

não impedirá a promoção uma vez e outra de festivais nacionais”, o caso do FEFOL.

O texto encerra seu diagnóstico de forma enfática “que precisamos é deixar de lado as projeções ou, melhor dizendo, o aproveitamento do folclore, para espetáculo de turista ou “pra inglês ver”, desfiles de moças representando Estados, eleições de rainhas, competições ou concursos entre os grupos, e outras recomendações.

Segundo a Professora Cidinha Manzolli, como no Festival desde seu início houve a participação de grupos não autênticos, folcloristas não queriam considerá-lo como folclórico, assim, o Professor Sant’anna criou o termo “Parafolclore” discutido com alguns daqueles folcloristas, justificando e amenizando a questão.

Em outros momentos destes anuários o tema do Parafolclore foi abordado por José Sant’anna, Maria Aparecida de Araújo Manzolli e, no Anuário número 34, do 40º FEFOL (2004), por Rogers Ayres, folclorista de Maceió, com o artigo “A polêmica do “Parafolclore”. O autor destaca que “Os parafolclóricos surgiram para homenagear os folclóricos de raiz”. “É preciso que se mude esse tipo de mentalidade que insiste em discriminar o ‘parafolclórico’ como se fosse um ‘produto falso’ ou ‘lamentável’. Sem a existência deles não teríamos conhecido tantas festas tradicionais, tantas danças típicas e tantos costumes populares que chegaram até nossos dias...”.





Para o FEFOL, a participação do Parafolclore representa, sem dúvida, como já dito, questões favoráveis, ao mesmo tempo que é inegável que esta participação gera, em alguns momentos, espaços de tensão. O que dos textos citados e, apesar dos longos anos passados, ainda nos diz respeito? O que ainda temos que nos preocupar com essas participações? Por exemplo, uma questão nunca resolvida totalmente é a visibilidade em relação aos grupos autênticos e o palco principal. Como equacionar um grupo com grande apelo de espetáculo com outros nem tanto? O que se tem que garantir é que os grupos considerados autênticos tenham seus espaços de visibilidade garantidos, não que isso não tenha se buscado ao longo dos anos.

Além dos grupos parafolclóricos, outras coisas acontecem no Festival que, com a licença devida, poderíamos incluir como parafolclóricas e que fazem parte do contexto, não tendo aqui o intuito de querer extingui-las, mas sim de adequá-las da melhor maneira possível ao sentido da realização do Festival, que é o folclore.

Assim, as barracas de alimentação e bebidas, comércio em geral dentro do recinto, parque de diversões, apresentações musicais fora do programa oficial, etc., não podem fazer com que o motivo da realização do Festival fique em plano menor, ao menos pelos que o executam e por aqueles que o devam compreender.

No artigo de Estevão Reis, “O Palco Como Cartaz: entre espetáculo e participação no Festival do Folclore

de Olímpia”, o autor nos diz que “Embora o festival opere sob dispositivos típicos do espetáculo, como palcos profissionais, cronometragem das apresentações e formatos orientados ao consumo turístico, argumenta-se que as manifestações populares ali exibidas preservam dinâmicas próprias de aprendizagem, sociabilidade e pertencimento”.

E continua, “No entanto, em ensaios abertos, encontros musicais espontâneos, convivências em alojamentos e trocas entre grupos, emergem zonas de participação ampliada que reativam lógicas comunitárias. A metáfora do “palco como cartaz” permite compreender o festival como dispositivo de visibilidade que projeta culturas populares a públicos heterogêneos sem suprimir suas dinâmicas internas. Espectáculo e participação coexistem, portanto, em tensão produtiva, configurando o festival como arena híbrida na qual tradição, mediação institucional e reinvenção contemporânea se entrelaçam”.

Temos que ter um olhar carinhoso para o nosso Festival do Folclore. Temos que lutar para que sua essência, seus objetivos principais continuem sendo alcançados e sua magia aconteça, na convivência boa das diferenças, dos diferentes, do nosso povo; que continue sendo esse espaço de trocas, de aprendizado, de confraternização, de beleza e de alegria. Que a Festa Maior continue preservando, resgatando, vivenciando, valorizando, recriando o folclore!

FOLCLORANDO: DOS PALCOS AO MATRIMÔNIO

Depoimento: **Tiago Pessoa Lourenço**

Chefe do Setor de Formação e Capacitação Digital da SME
19/06/2026

Em agosto de 1997, minha irmã teve a brilhante ideia de entrar para o Grupo de Danças Parafolclóricas Cidade Menina Moça - GODAP após assistirmos a uma apresentação de um grupo do Rio Grande do Sul na praça da Matriz de São João Batista. Para aceitá-la no grupo, era necessário que ela fosse acompanhada por um parceiro. Mediante esta condição, fui imediatamente indicado como voluntário pela minha mãe. Após um ou dois anos, minha irmã deixou o grupo de danças e eu, que a esta altura já tinha pegado gosto, permaneci. Meninos sempre foram escassos no meio da dança; por este motivo, acabei subindo de nível bem rápido. Em pouco tempo, já me apresentava com o grupo principal do GODAP. Fiz muitas apresentações, em inúmeras cidades, alguns estados e países como Paraguai, Chile, França e Japão. Neste caminho, aprendi sobre cultura, tradição, cidadania, hierarquia, amizade, respeito, honra, compromisso e muito mais, mas a coisa mais valiosa que o folclore me apresentou neste percurso foi o amor.



Tive a grata satisfação de ter como parceira de danças, por bastante tempo, a melhor dançarina que já passou pelos Grupos Parafolclóricos de Olímpia e, para completar a minha sorte, a mais bela de todas. A minha parceira era popular; todos sabiam que era a filha do Magali, que filma o folclore. Um tempo depois, nossa parceria e amizade se tornaram mais agradáveis e tudo foi ganhando mais cor. Namoramos, engravidamos, nos casamos, engravidamos de novo e formamos uma linda família.

O folclore me ajudou também como profissional da educação, pois a indicação da minha mãe como voluntário para o grupo de danças acabou me proporcionando um conhecimento prático em dança folclórica que elevou meu currículo a patamares jamais imaginados. Entre os feitos, foram 13 espetáculos de

Tive a grata satisfação de ter como parceira de danças, por bastante tempo, a melhor dançarina que já passou pelos Grupos Parafolclóricos de Olímpia e, para completar a minha sorte, a mais bela de todas. A minha parceira era popular; todos sabiam que era a filha do Magali, que filma o folclore. Um tempo depois, nossa parceria e amizade se tornaram mais agradáveis e tudo foi ganhando mais cor. Namoramos, engravidamos, nos casamos, engravidamos de novo e formamos uma linda família.

O folclore me ajudou também como profissional da educação, pois a indicação da minha mãe como voluntário para o grupo de danças acabou me proporcionando um conhecimento prático em dança folclórica que elevou meu currículo a patamares jamais imaginados. Entre os feitos, foram 13 espetáculos de abertura dos festivais de folclore de Olímpia, de 2010 a



Pensar em folclore, para mim, é uma linda viagem de gratidão pela indicação da minha mãe, por todas as coisas boas que o folclore trouxe para a minha profissão e por ter me apresentado os amores da minha vida: minha eterna parceira, Ana Paula, e nossas flores, Luísa e Alice.

DA PLATEIA AOS BASTIDORES:

Uma Vida no Festival do Folclore de Olímpia

Por **Alan Saviolo Duran**

Diretor de Programas e Projetos Culturais

Secretaria Municipal de Cultura e Defesa do Folclore

Tudo começou quando eu ainda era criança. Minha mãe sempre conta que nunca teve problemas comigo durante o festival porque, ao contrário de muitas crianças que queriam brincar no parque de diversões, eu queria ficar em frente ao palco. Eu passava horas assistindo as apresentações, encantado com as danças, as músicas, os figurinos e toda a magia que aquele ambiente proporcionava. Era ali que eu queria estar.

Sem imaginar, aquele menino que assistia fascinado aos espetáculos começava a construir uma relação que marcaria sua vida para sempre.

No ano 2000, entrei para o GODAP. Foi nesse momento que deixei de assistir ao festival da plateia e passei a vivê-lo sobre o palco. Anos depois, em 2007, tive a honra de participar da fundação do Grupo Parafolclórico Frutos da Terra, juntamente com Loraine Melissa Fogagnoli. Desde então, continuo vivendo o festival como dançarino, sentindo a emoção das apresentações, a dedicação dos ensaios e a alegria de representar nossa cultura diante do público.

Em 2015, iniciei minha trajetória como servidor público municipal, atuando como PEB II de Educação Física. Inclusive, meu Trabalho de Conclusão de Curso na graduação teve como tema “A Dança no Contexto Escolar”, demonstrando que a dança e a cultura popular sempre estiveram presentes em minha formação profissional. Dois anos depois, em 2017, recebi um convite que mudaria novamente minha forma de viver o festival: integrar a Comissão Organizadora do Festival do Folclore, contribuindo na área artística e nos bastidores das apresentações. Mais uma vez, mudei de lugar. Saí do palco e fui para trás dele.

Foi nesse espaço que descobri uma nova paixão: ajudar a construir a engrenagem que faz o festival acontecer.

Em 2021 fui convidado para assumir a coordenação técnico-pedagógica da Secretaria Municipal de Educação. Entre as minhas atribuições, tive a honra de ser responsável pela direção artística dos espetáculos de abertura das edições de 2022, 2023 e 2024. A 60ª edição do Festival do Folclore de Olímpia, realizada em 2024, teve um significado ainda mais especial para mim, pois contou a história do próprio festival, permitindo que eu ajudasse a celebrar e narrar uma trajetória da qual também faço parte.

Foi um espetáculo construído a partir de muitas memórias afetivas, resgatando momentos, persona-

gens, tradições e sentimentos que marcaram gerações de olimpienses. Mais do que apresentar a história do festival, buscamos despertar lembranças e emoções, permitindo que o público se reconhecesse em cena e se sentisse, de alguma forma, homenageado. Ver as pessoas se emocionando ao recordar suas próprias vivências dentro do FEFOL foi uma das experiências mais gratificantes da minha trajetória.



A cada ano, participar da construção desses espetáculos era algo grandioso. Reunir alunos das redes municipal, estadual e particular, profissionais da educação, grupos culturais da cidade e centenas de colaboradores exigia dedicação intensa. Em média, eram realizados cerca de 72 ensaios envolvendo, aproximadamente, 600 pessoas. Ver tudo ganhar vida na arena era algo que sempre me emocionava profundamente.

Desde 2025, a convite da secretária municipal de Cultura e Defesa do Folclore, Priscila Foresti, passei a integrar a equipe da Secretaria como diretor. Sou profundamente grato pela confiança e pela oportunidade de ampliar minha contribuição para aquela que considero a maior festa da nossa cidade.

Hoje, tenho a satisfação de participar de diversas etapas que tornam o festival possível. Tenho a oportunidade de contribuir para a montagem do grande quebra-cabeça que é a programação geral do FEFOL; acompanho a logística para que os



grupos possam visitar as escolas do município; auxílio na organização da entrada dos grupos na Missa do Festival; participo das peregrinações realizadas de segunda-feira a sábado pelo centro da cidade; acompanho o Desfile Oficial de Encerramento; colaboro nos processos de contratação dos tapetes aéreos, formados pelas tradicionais bandeirinhas decorativas em mosaico que colorem o Recinto do Folclore durante o festival, bem como das pinturas temáticas que transformam os murais em espaços de valorização da cultura popular; e continuo atuando diretamente nos bastidores artísticos das apresentações.

Atrás do palco, todas as noites, existe um trabalho intenso e muitas vezes invisível para quem está na plateia. Organizamos horários, acompanhamos os tempos de apresentação, recebemos os grupos, orientamos a utilização dos camarins, coordenamos a passagem de som dos músicos, mantemos contato permanente com o apresentador e garantimos que cada detalhe aconteça no momento certo.

Quando tudo está pronto, liberamos o grupo para subir ao palco.

E é nesse momento que, mesmo depois de tantos anos, continuo me emocionando.

Já presenciei inúmeras situações nos bastidores, mas nada se compara ao instante que antecede uma apresentação. As orações, os olhares concentrados, o silêncio que antecede a entrada, a ansiedade, a expectativa e o frio na barriga de cada integrante são sentimentos que atravessam a coxa e chegam até nós.

Mas, talvez, o momento mais bonito aconteça depois.

Quando a apresentação termina, os grupos retornam comemorando. São abraços, lágrimas, gritos de guerra, sorrisos e a sensação de dever cumprido. É impossível não se contagiar. Muitas vezes, sem perceber, estamos comemorando junto com eles.

Hoje, olhando para trás, percebo que vivi o festival de diferentes maneiras: como criança, como dançarino, como educador, como organizador e como gestor público. Passei pela frente do palco, estive sobre ele e agora trabalho atrás dele. Mas existe algo que permanece igual desde o início: o amor pelo Festival do Folclore. Há 26 anos continuo dançando e vivendo intensamente essa festa que ajudou a construir quem eu sou.

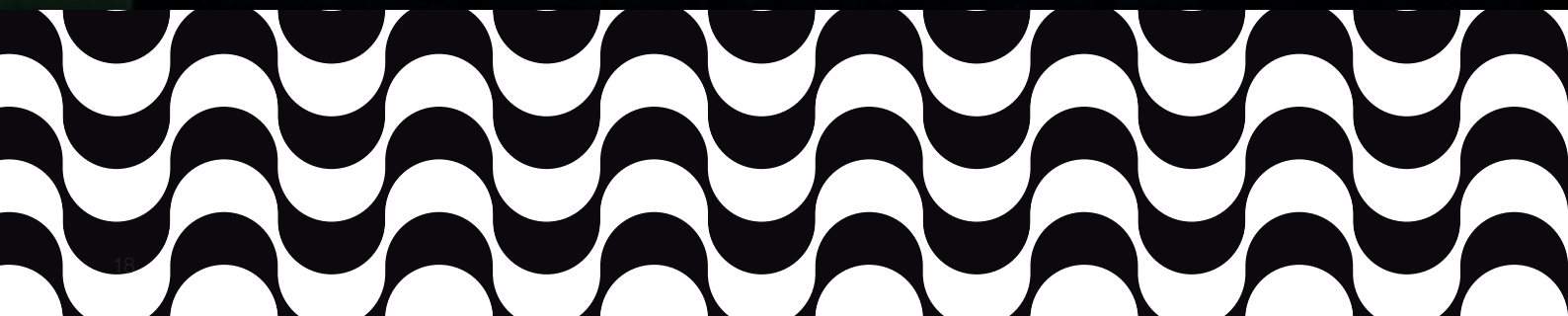
Afinal, independentemente do lugar que ocupo, meu coração sempre estará ligado ao palco e à cultura popular.

Cada uma dessas experiências me ensinou algo valioso.

Por isso, participar do Festival do Folclore de Olímpia continua sendo uma das maiores realizações da minha vida. Aquele menino que passava horas encantado assistindo às apresentações jamais poderia imaginar que, um dia, teria a honra de contribuir para a construção, a preservação e o fortalecimento dessa grande celebração da cultura popular brasileira.

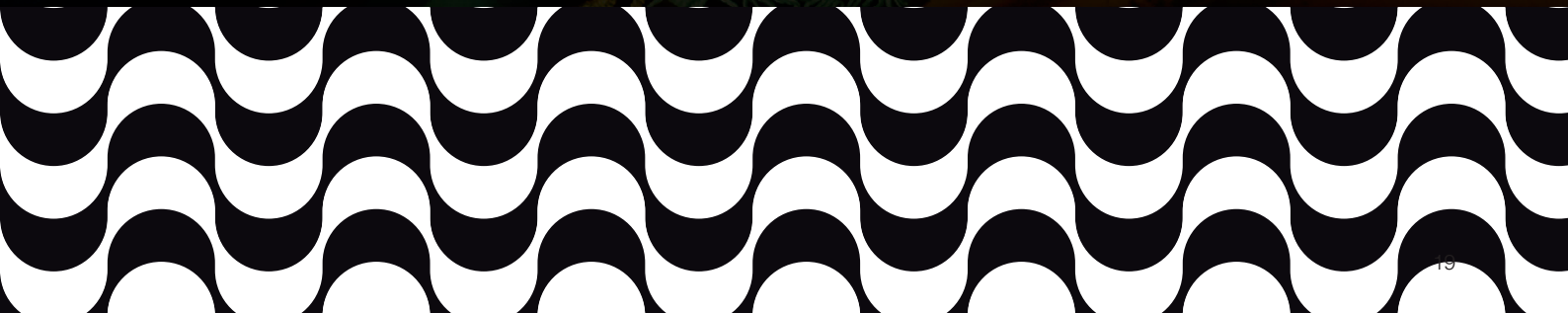
Hoje, mais do que recordar essa trajetória, celebro a oportunidade de continuar escrevendo novos capítulos dela. O Festival do Folclore de Olímpia faz parte da minha história. E tenho orgulho de afirmar que uma parte da minha história também passou a fazer parte dele.

03





RAÍZES DO FOLCLORE



40 ANOS DO RECINTO DO FOLCLORE:

O palco onde o Brasil se encontra em Olímpia

Por **Priscila Minani**

Jornalista e Diretora de Comunicação, Imprensa, Cerimonial e Eventos

Há 40 anos, Olímpia transformava um sonho coletivo em concreto e esperança. Nascia a Praça de Atividades Folclóricas, hoje Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas e Turísticas "Professor José Sant'anna", o querido Recinto do Folclore. Um espaço que é muito mais do que um palco para apresentações, tornou-se um lugar de encontros, de memórias, de identidade e de pertencimento. Um território onde o Brasil aprende, ano após ano, a reconhecer a riqueza de sua própria cultura.

A construção do recinto, em 1986, foi um feito extraordinário. Em pouco mais de quatro meses, ergueu-se uma estrutura que atendia ao crescimento do Festival do Folclore de Olímpia, que já não cabia nos espaços que o acolheram em suas primeiras décadas, como a Praça da Matriz e o Ginásio de Esportes. Em tempo recorde, surgia a casa definitiva do FEFOL, preparada para receber grupos de todas as regiões do país e milhares de pessoas que encontrariam ali um lugar para celebrar as tradições populares brasileiras.

Foi também um gesto de coragem e de visão. Enquanto muitos enxergavam apenas um evento, Olímpia compreendeu que preservar o folclore era investir na própria identidade do povo brasileiro. O recinto passou a simbolizar esse compromisso, tornando-se um dos maiores monumentos dedicados à cultura popular do país, quiçá um dos únicos no mundo.

Anos depois, recebeu o nome do professor José Sant'anna, idealizador do Festival do Folclore e um dos maiores defensores da preservação das manifestações populares brasileiras, que deixou este legado para ser mantido vivo desde sua partida, em 1999. A homenagem eternizou não apenas um nome, mas um legado que continua vivo em cada edição do festival, em cada dança apresentada, em cada música entoada e em cada visitante que atravessa seus portões.

Ao longo dessas quatro décadas, o recinto acompanhou o crescimento do FEFOL, viu gerações de artistas ocuparem seus palcos, testemunhou o encontro de culturas, sotaques, ritmos e tradições e segue a se reinventar, recebendo cuidado, revitalizações e novos espaços como o Museu do Folclore e, em breve, a nova Vila Brasil. Tornou-se referência nacional e ajudou a consolidar Olímpia como Capital Nacional do Folclore, fazendo da cidade um dos principais destinos da cultura popular brasileira.

Celebrar os 40 anos do Recinto do Folclore é celebrar um espaço que abriga histórias, emociona gerações e mantém viva a essência do Brasil. É reconhecer que ali não existem apenas arquibancadas, palco e barracões. Existem memórias, sonhos e a certeza de que a cultura popular sempre encontrará em Olímpia um lugar para "folclorescer". Porque, há quatro décadas, foi construída muito mais do que uma estrutura. Foi construída a casa do folclore brasileiro.



RECINTO DO FOLCLORE: UM PALCO DE SONHOS

Por **Maria do Carmo Moreira Kamla Passi**

Professora, Bibliotecária, Pesquisadora e Memorialista da História de Olímpia

*Foi a servidora pública responsável em fazer a **salvaguarda das fotos históricas** do Recinto do Folclore.*

Há 40 anos, o Recinto do Folclore abria suas portas sem imaginar que se tornaria um dos mais belos símbolos de Olímpia e um verdadeiro templo da cultura popular brasileira.

Por este chão passaram gerações. Crianças que chegaram de mãos dadas com seus pais e hoje trazem seus filhos e netos para viver a mesma emoção. Quantos reencontros aconteceram aqui! Quantos abraços, lágrimas de alegria, aplausos e momentos inesquecíveis ficaram guardados na memória de todos que tiveram o privilégio de pisar neste recinto.

Ao longo dessas quatro décadas, o palco do Festival do Folclore de Olímpia recebeu grupos que fizeram história e deixaram marcas eternas em nossos corações: o encanto do Bumba Meu Boi do Maranhão, a fé e a tradição da Congada de Catalão, a alegria contagiante do Carimbó, a riqueza do Fandango Caiçara, a magia do Boi-Bumbá e tantos outros grupos que, vindos de todas as regiões do Brasil, transformaram este espaço em um grande abraço entre culturas, costumes e tradições.

Cada música tocada, cada dança apresentada, cada bandeira erguida e cada emoção vivida ajudaram a escrever a história deste recinto, que se tornou muito mais que um espaço de eventos: tornou-se um lugar de pertencimento, de identidade e de amor às nossas raízes.

Celebrar os 40 anos do Recinto do Folclore é celebrar as pessoas que sonharam, construíram, preservaram e fizeram deste lugar um patrimônio de todos nós. É agradecer aos artistas, aos voluntários, aos organizadores e ao povo olimpiense, que aprendeu a transformar cultura em sentimento e tradição em memória.

Que venham muitos outros anos de cantos, danças e emoções. Porque, enquanto existir o Recinto do Folclore, viverá também a alma de Olímpia, Capital Nacional do Folclore, guardiã das tradições e do coração de um povo que jamais esquece suas raízes.

Parabéns, Recinto do Folclore! Há 40 anos você é palco de histórias, guardião de memórias e cenário de emoções que unem gerações.



DO CORAÇÃO DA AMAZÔNIA À CAPITAL NACIONAL DO FOLCLORE:

Uma união que fortalece a cultura brasileira

Por **Priscila Minani**

*Jornalista e Diretora de Comunicação, Imprensa, Cerimonial e Eventos
Prefeitura da Estância Turística de Olímpia*

Nos 62 anos do FEFOL, Olímpia conquista uma parceria histórica com Parintins

Em 2026, ano em que o Festival do Folclore de Olímpia celebra seus 62 anos de história, a Capital Nacional do Folclore conquista um dos marcos mais significativos de sua trajetória. Muito além da assinatura de um documento, Olímpia e Parintins oficializam, por meio do Termo de Cooperação Cultural, um laço construído pela força da cultura popular, tornando-se, a partir de agora, cidades-irmãs do folclore brasileiro.

O marco aconteceu em 26 de junho deste ano, em um dos cenários mais emblemáticos da cultura nacional: durante o Festival Folclórico de Parintins. Foi ali, no coração da Amazônia, onde o vermelho do

Garantido e o azul do Caprichoso transformam tradição em espetáculo, que nasceu uma parceria destinada a aproximar duas cidades que, embora separadas por milhares de quilômetros, compartilham a mesma missão: preservar, celebrar e manter viva a identidade cultural do povo brasileiro.

Olímpia e Parintins não se unem apenas por realizarem grandes festivais. São cidades que fizeram da cultura popular parte de sua essência, de sua história e do seu desenvolvimento. Em 2017, ambas receberam do Governo Federal um reconhecimento histórico: Olímpia tornou-se oficialmente a Capital



Nacional do Folclore, enquanto Parintins foi consagrada como a Capital Nacional do Boi-Bumbá. Desde então, passaram a representar, cada uma à sua maneira, dois dos maiores patrimônios imateriais do Brasil.

Agora, essa conexão ganha um novo capítulo. O Termo de Cooperação Cultural, assinado pelos prefeitos Geninho Zuliani (Olimpia) e Mateus Assayag (Parintins), estabelece uma agenda permanente de intercâmbio entre os municípios, prevendo a troca de grupos folclóricos, experiências de gestão cultural, oficinas, seminários, pesquisas e iniciativas voltadas à valorização das tradições populares. É um compromisso firmado sem interesses financeiros, mas sustentado pelo reconhecimento de que investir na cultura é fortalecer a identidade de um povo.

A conquista representa também um momento histórico para o Festival do Folclore de Olimpia. Ao completar 62 anos em 2026, o FEFOL amplia ainda mais sua relevância nacional ao estreitar relações com aquele que é considerado o maior espetáculo folclórico a céu aberto do mundo. A parceria abre caminho para que manifestações culturais amazônicas possam estar presentes em Olimpia e, ao mesmo tempo, leva as tradições preservadas pela Capital Nacional do Folclore para novos públicos, fortalecendo um intercâmbio que promete enriquecer ambas as festas.



Essa aproximação começou a ser construída no início deste ano, quando a secretária de Cultura de Parintins, Rozenilce Santos, visitou Olimpia para conhecer de perto o trabalho desenvolvido na preservação do folclore e iniciar as tratativas de cooperação, tendo a secretária de Cultura e Defesa do Folclore, Priscila Foresti, como anfitriã. O diálogo amadureceu, o convite foi oficializado pela Prefeitura de Parintins e a visita da comitiva olimpiense ao festival consolidou aquilo que já era um desejo comum: aproximar duas cidades que têm na cultura sua maior riqueza.



Mais do que unir dois eventos, a iniciativa aproxima pessoas, histórias e tradições. É um reconhecimento de que o folclore brasileiro não pertence a uma única região, mas é um patrimônio coletivo, construído por diferentes povos, sotaques, ritmos, danças e narrativas. Enquanto Parintins emociona o país com a grandiosidade dos bois-bumbás, Olimpia mantém viva, há mais de seis décadas, uma das maiores celebrações das manifestações populares brasileiras, reunindo grupos de todas as regiões do país em um encontro de diversidade e memória.

Ao oficializar essa irmandade, Olimpia escreve mais uma página importante de sua história, construindo um legado inédito. E quando duas capitais da cultura popular caminham juntas, quem ganha é o folclore brasileiro.



MUSEU DO FOLCLORE DE OLÍMPIA:

Memória, afeto, encantamento e permanência

Por **Rosiane da Silva Nunes**

Doutora e Mestre em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), Lisboa, Portugal, e Graduada em Museologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Museóloga COREM 187 - III, pesquisadora e funcionária pública municipal, atua em projetos relacionados ao patrimônio cultural, museus, folclore e processos de musealização comunitária.

"A Museologia, enquanto exercício profissional cotidiano e enquanto formação, não permite neutralidade, exatamente por assumir um compromisso com a Vida."

(GUARNIERI, 2010, p. 128).

Introdução

O Museu de História e Folclore "Maria Olímpia" constitui-se como um espaço de preservação das memórias sociais, culturais e afetivas do município de Olímpia. Entre os anos de 1973 e 2023, a instituição reuniu em um mesmo corpo museológico os acervos relacionados à história local, à arqueologia, aos festivais de folclore e às trajetórias dos grupos folclóricos e parafolclóricos da cidade, dentre os quais destacam-se as Companhias de Reis, o Congado, o Moçambique, o São Gonçalo, Capoeira e o GODAP — Grupo Olimpiense de Danças Parafolclóricas.

No ano de 2024, em consonância com o processo de ampliação e especialização institucional do patrimônio museológico olimpiense, a estrutura do museu foi redefinida por meio da Lei n.º 5.032, de 16 de outubro de 2024, que alterou dispositivos da Lei n.º 1.274, de 18 de abril de 1977. A nova legislação oficializou a criação de duas instituições distintas: o Museu de Arqueologia e História "Maria Olímpia" e o Museu do Folclore de Olímpia, reconhecendo a complexidade e a amplitude dos acervos preservados pelo município.

Mais do que documentos históricos ou coleções institucionais, os acervos preservados carregam as marcas da vida cotidiana e das experiências humanas. O patrimônio, ali salvaguardado, é também a história e o folclore das ruas, das casas, dos quintais e das sensibilidades humanas — aquilo que habita silenciosamente o cotidiano e que, muitas vezes, escapa às narrativas oficiais da história.

Compõem esse universo painéis de barro e ferro fundido, bules de ferragati que evocam a cozinha caipira e as memórias afetivas da infância; formas de bolo e utensílios produzidos artesanalmente a partir do reaproveitamento de latas de óleo, confeccionados por artesãos conhecidos popularmente como "foieiros"; toalhas de crochê, objetos domésticos e instrumentos de trabalho que, embora aparentemente simples, revelam densas camadas de pertencimento, memória e identidade cultural.

Esses objetos não preservam apenas formas materiais, mas modos de viver, saberes transmitidos entre gerações e experiências profundamente enraizadas na cultura popular. São testemunhos silenciosos da vida comum, capazes de despertar afetos, reminiscências e sentimentos de continuidade entre passado e presente.

O acervo também abriga importantes referências às práticas da religiosidade popular e aos saberes tradicionais, preservando memórias das benzedeiras, dos trançados em palha, dos entalhes em madeira, das modelagens em barro, das indumentárias festivas e dos instrumentos de trabalho vinculados às manifestações culturais da região. Soma-se a isso um expressivo conjunto devocional composto por imagens sacras, oratórios, bandeiras e estandartes, evidenciando a profunda relação entre cultura, espiritualidade e identidade coletiva.

Destacam-se os acervos formados pelos presentes ofertados pelos participantes do FEFOL, como instrumentos musicais, indumentárias e objetos representativos das diversas regiões brasileiras, além do expressivo acervo documental, audiovisual, multimídia e bibliográfico, fundamentais para a salvaguarda da memória do festival e da cultura popular brasileira.

No campo da história local, destacam-se documentos relacionados à fundação do município, diplomas e honrarias do Professor José Sant'anna, além de máquinas de datilografia, mimeógrafos, projetores e aparelhos televisivos que testemunham diferentes temporalidades da vida social olimpiense.

Já no âmbito arqueológico, o museu assume papel fundamental na preservação do denominado "Acervo Maranata", proveniente do sítio arqueológico identificado em Olímpia no ano de 1993. Desde sua descoberta, o sítio desperta interesse de pesquisadores de diversas áreas, constituindo-se como importante marco para os estudos arqueológicos regionais. Sua

identificação impulsionou o desenvolvimento de pesquisas e contribuiu para o mapeamento de onze sítios arqueológicos no município de Olímpia e mais de trinta em toda a macro-região.

Dessa forma, o Museu de História e Folclore “Maria Olímpia” — e, posteriormente, o Museu de História e Arqueologia “Maria Olímpia” e o Museu do Folclore de

Olímpia — configuram-se não apenas como espaços de preservação patrimonial, mas como territórios de memória, afeto e resistência cultural. Lugares onde o objeto ultrapassa sua materialidade e passa a existir como testemunho sensível da experiência humana, revelando que preservar patrimônio é, sobretudo, preservar vidas, histórias e vínculos coletivos.



Exposição MFO 2024 a 2026. Núcleo 5 Regiões.
Fonte: Acervo MFO.

O olhar museológico e o “objeto de valor”

Falar do Museu de História e Folclore “Maria Olímpia” é falar da sutileza do olhar museológico que ultrapassa a materialidade dos objetos e alcança os sentidos, os afetos e as relações humanas que neles habitam. Mais do que reconhecer o valor econômico ou estético de um bem cultural, trata-se de compreender aquilo que Waldisa Rússio Camargo Guarnieri denominou como o “objeto de valor”: o objeto investido de memória, experiência social, pertencimento e significado coletivo.

Nessa perspectiva, a Museologia desloca seu olhar do objeto isolado para a relação que se estabelece entre o homem, o patrimônio e o cenário social onde essa experiência ocorre. É nesse contexto que Rússio formula a chamada tríade museológica, composta por:

1. o homem — sujeito social, histórico e sensível;
2. o objeto — documento e testemunho da realidade;
3. o museu/cenário — espaço institucional e social onde essa relação se concretiza.

A autora compreende o objeto museológico não como elemento dissociado de seu contexto, mas como portador de memória, cultura, relações sociais e historicidade. Assim, o valor do objeto não reside apenas em sua existência material, mas na rede de significados construída socialmente ao seu redor.

Como afirma Waldisa Rússio:

“O objeto da Museologia é o fato museal ou o fato museológico. O fato museológico é a relação profunda entre o homem (sujeito conhecedor) e o objeto, parte da realidade à qual o homem pertence igualmente e sobre a qual ele tem o poder de agir.”

Desse modo, o Museu de História e Folclore “Maria Olímpia” constitui-se como espaço onde a transcendência do patrimônio ultrapassa a simples materialidade dos objetos. Cada peça preservada carrega dimensões simbólicas e afetivas que frequentemente escapam às lógicas utilitaristas e materialistas da sociedade contemporânea. O que aparentemente poderia ser considerado “simples” — uma panela, uma toalha de crochê, um estandarte, uma ferramenta de trabalho — transforma-se em testemunho sensível da experiência humana e da memória coletiva.

A “vontade de memória” e o surgimento do museu

Observa-se que, em Olímpia, existia uma verdadeira “vontade de memória”, perceptível desde as primeiras iniciativas museológicas registradas no município, ainda no ano de 1961. Embora não existam registros materiais ou orais suficientes que comprovem a efetiva implantação desse primeiro museu, sua existência documental revela um desejo coletivo de preservação da história e da cultura local.

Essa “vontade de memória”, entretanto, não permaneceu apenas no plano institucional ou legislativo. Ela manifestou-se no imaginário social e no inconsciente coletivo da cidade, fortalecendo-se especialmente a partir dos festivais folclóricos e das práticas culturais populares. É nesse contexto que nasce o Museu de História e Folclore “Maria Olímpia”: não apenas como instituição de guarda patrimonial, mas como expressão afetiva da relação entre a comunidade olimpiense, sua cultura e suas memórias compartilhadas.



Exposição Escola, déc. 1960. Coleção Slide Victório Sgorlon.
Fonte: Acervo MFO.

Desde o início da década de 1960, o movimento de constituição do acervo do futuro museu já se fazia presente por meio das pesquisas de campo realizadas pelos alunos e professores da Escola “Capitão Narciso Bertolino” e do “Colégio Olímpia”. Essas ações, profundamente vinculadas ao reconhecimento do folclore como patrimônio, possibilitavam que objetos do cotidiano, instrumentos de trabalho, indumentárias e expressões materiais do folclore fossem coletados, estudados e posteriormente expostos no salão nobre das próprias instituições escolares.

Posteriormente, em diálogo com o comércio local e com diferentes setores da sociedade olimpiense, essas exposições ultrapassaram os limites da escola e passaram a ocupar espaços da cidade, como a loja “Taba dos Carajás”, vitrines comerciais e até mesmo galpões de fábricas de móveis. Tal dinâmica evidencia que o museu, antes mesmo de possuir sede institucionalizada, já existia enquanto movimento cultural e ação coletiva de salvaguarda da memória popular.

Esse processo de construção museológica articulava pesquisa, educação e participação comunitária, revelando uma compreensão pioneira do folclore como elemento central da identidade local. Mais do que simples exposições, essas iniciativas constituíam experiências de sensibilização patrimonial, nas quais a população passava a reconhecer valor histórico e cultural em objetos até então considerados comuns ou ordinários.

O FEFOL e a formação do acervo museológico

A trajetória desse movimento pode ser parcialmente reconstruída por meio dos registros presentes no Anuário do FEFOL de 1978, especialmente nos textos de Rotschild Mathias Neto, que indicam os seguintes marcos históricos:

- O Professor José Sant’anna inicia suas pesquisas e interesse sistemático pelo folclore; **1956**
- Realização da primeira exposição folclórica; **1957**
- Exposição em vitrines da loja “A Triunfal Modas”; **1958**
- Exposição nas vitrines da “Camisaria das Fábricas”; **1959**
- Exposições realizadas no amplo salão do Colégio Olímpia; **1960 a 1963**
- Apresentação pública do acervo reunido ao longo dos anos anteriores, por meio da “Exposição de Móveis Bandeirantes”; **1964**
- Durante o primeiro Festival do Folclore, o acervo foi exposto na loja “Taba dos Carajás”. **1965**

Esses registros demonstram que a formação do museu ocorreu de maneira gradual, orgânica e profundamente vinculada à vida cultural da cidade. O museu nasce, portanto, não apenas como instituição formal, mas como expressão de um desejo coletivo de preservar saberes, práticas e memórias populares.

A pesquisa de campo sempre constituiu um espaço de descoberta, sensibilização e reconhecimento cultural. Foi por meio do contato direto com as famílias, com os modos de vida e com as manifestações folclóricas que alunos e professores passaram a compreender o folclore não como algo distante ou folclorizado, mas como expressão viva do cotidiano da própria comunidade.

Ao investigar saberes, objetos, celebrações, práticas e memórias transmitidas entre gerações, os estudantes desvendavam que aquilo que fazia parte de suas próprias vidas — seus quintais, suas cozinhas, suas festas, suas

crenças e tradições — possuía profundo valor cultural e histórico. Nesse processo, o cotidiano deixava de ser invisível para transformar-se em patrimônio.



Exposição Escola, déc. 1960. Coleção Slide Victório Sgorlon.
Fonte: Acervo MFO.

Assim, para além dos estudos sobre o folclore, desenvolvia-se também uma formação profundamente ligada à cidadania, à identidade cultural e ao sentimento de pertencimento. O reconhecimento da própria cultura como digna de preservação despertava consciência social, valorização das memórias coletivas e vínculos afetivos com a comunidade.

É justamente sobre esses pilares — memória, identidade, pertencimento e afeto — que também se alicerça a trajetória do Museu de História e Folclore “Maria Olímpia”. Antes mesmo de existir plenamente como instituição formal, o museu já nascia no encontro entre pessoas, histórias e experiências compartilhadas, consolidando-se como expressão sensível da relação entre a comunidade olimpiense e seu patrimônio.

Presentes que eternizam memórias do FEFOL

A estreita relação entre o Festival do Folclore de Olímpia e o Museu de História e Folclore “Maria Olímpia” amplia ao longo de sua trajetória, especialmente considerando que o FEFOL alcança, neste ano, sua sexagésima segunda edição, o museu consolidou-se também como espaço de acolhimento, registro e permanência da memória dos grupos folclóricos convidados de diferentes regiões do Brasil.

Historicamente, os grupos participantes do Festival do Folclore de Olímpia estabeleceram com o museu uma relação de pertencimento e reconhecimento. Muitos deles, ao passarem pela cidade e participarem do FEFOL, deixaram objetos, indumentárias, instrumentos, adereços, lembranças e outros bens culturais como presentes à instituição. Esses gestos ultrapassam a simples doação material: constituem atos simbólicos de presença, gratidão e inscrição histórica.

Tais objetos foram entregues ao museu com o objetivo de registrar materialmente a passagem desses grupos pelo festival, eternizando sua participação no FEFOL e integrando suas memórias à narrativa cultural olimpiense. Assim, cada peça ofertada carrega consigo não apenas a identidade do grupo que a produziu ou utilizou, mas também o testemunho de um encontro cultural vivido em Olímpia.

Nesse sentido, o acervo formado a partir desses presentes constitui um recorte expressivo do Brasil plural e diverso. Nele encontram-se marcas de diferentes territórios, musicalidades, religiosidades, corporalidades, técnicas artesanais, modos de vestir, dançar, cantar, celebrar e transmitir saberes. O museu, portanto, não preserva apenas a memória local, mas também



Exposição Escola, déc. 1960. Coleção Slide Victório Sgorlon.
Fonte: Acervo MFO.

acolhe fragmentos da diversidade cultural brasileira que, ao longo de décadas, encontrou no FEFOL um espaço de visibilidade, celebração e reconhecimento.

Esses presentes que eternizam memórias do FEFOL reafirmam o museu como território de encontro entre população, patrimônio e território, em consonância com os princípios da Nova Museologia. O objeto deixado por um grupo não é apenas uma peça incorporada ao acervo: é testemunho de uma presença, de uma viagem, de uma apresentação, de uma troca afetiva e de uma relação de confiança entre o grupo, o festival, o museu e a cidade de Olímpia.

Dessa forma, o Museu do Folclore de Olímpia torna-se também guardião das memórias dos grupos folclóricos brasileiros que passaram pelo festival. Ao preservar esses objetos, a instituição preserva vínculos, afetos e rastros materiais de uma história coletiva construída entre Olímpia e o Brasil. O FEFOL, por sua vez, reafirma-se não apenas como evento festivo, mas como fenômeno cultural capaz de gerar acervo, memória, pertencimento e patrimônio.

Essa dimensão amplia a compreensão do museu como espaço vivo. Se, em sua origem, o acervo

nasceu das pesquisas escolares, das exposições comunitárias e do desejo olimpiense de preservar sua cultura popular, ao longo das décadas ele também passou a ser enriquecido pelas contribuições dos grupos visitantes. Assim, o museu se constitui como uma espécie de mapa sensível do folclore brasileiro, no qual cada objeto doado representa uma presença eternizada e uma memória partilhada.

Com essa importante contribuição, compreende-se que o Museu do Folclore de Olímpia não é apenas resultado da história do FEFOL: ele é também seu arquivo afetivo, sua extensão museológica e seu lugar de permanência. Enquanto o festival celebra a cultura em movimento, o museu acolhe os vestígios materiais dessa passagem, garantindo que as memórias produzidas no tempo da festa continuem vivas no tempo da preservação.

Essa inclusão dialoga diretamente com a trajetória já apresentada no texto, especialmente com a formação gradual do acervo, a relação entre museu e FEFOL, a função social do museu e a compreensão do patrimônio como expressão viva das relações humanas, afetivas e comunitárias.



Exposição MFO 2024 a 2026. Núcleo Homenagem Maria Miranda.
Fonte: Acervo MFO.

O acervo audiovisual, bibliográfico e documental: a memória viva

Outro importante eixo de preservação do Museu do Folclore de Olímpia relaciona-se ao seu expressivo acervo audiovisual, fotográfico, bibliográfico e arquivístico, responsável por salvaguardar grande parte da memória histórica de Olímpia e do FEFOL e das manifestações do folclore brasileiro ao longo de mais de seis décadas.

Constituído por diferentes suportes documentais, esse conjunto preserva não apenas registros técnicos e institucionais, mas testemunhos vivos das experiências culturais, artísticas e humanas que atravessaram a trajetória do festival. Trata-se de um acervo fundamental para pesquisadores, estudantes, folcloristas, artistas, educadores e para toda a comunidade interessada na preservação da memória cultural brasileira.

O acervo audiovisual reúne aproximadamente 180 fitas VHS, contendo entre 360 e 540 horas de registros relacionados à história do FEFOL. Esse conjunto documental corresponde a cerca de 15 a 22 dias ininterruptos de gravações, isso demonstra a relevância do acervo audiovisual como importante fonte documental para a pesquisa da história do Festival do Folclore de Olímpia e das manifestações da cultura popular brasileira, contendo registros de apresentações folclóricas, entrevistas, cortejos, celebrações, bastidores e documentações do FEFOL realizadas ao longo de diferentes décadas. Esses materiais constituem como documentos históricos, permitindo observar transformações estéticas, performáticas, musicais e sociais das manifestações populares brasileiras.



Indumentárias. Exposição MHFMO, déc. 1980.
Fonte: Acervo MFO.

O acervo sonoro também possui significativa relevância cultural, reunindo cerca de 507 discos de vinil e 33 fitas cassete (K7), totalizando aproximadamente 430 a 470 horas de gravações, o equivalente a quase 19 dias ininterruptos de áudio compostos por gravações de músicas folclóricas, manifestações regionais, cantos tradicionais, registros de grupos populares e produções relacionadas ao universo da cultura brasileira. Esses suportes preservam sonoridades, ritmos, vozes e expressões musicais que frequentemente já não circulam nos meios contemporâneos, tornando-se importantes instrumentos de pesquisa, salvaguarda e difusão cultural.

No âmbito fotográfico, o museu preserva aproximadamente 2000 imagens, entre fotografias, slides e registros iconográficos que documentam diferentes momentos da história do FEFOL, dos grupos

folclóricos, das pesquisas de campo, das exposições museológicas e das transformações culturais de Olímpia. Esse acervo imagético constitui verdadeiro patrimônio visual do folclore brasileiro, permitindo a reconstrução de memórias individuais e coletivas.

A biblioteca do museu também se destaca como um dos mais importantes núcleos de pesquisa da instituição, reunindo aproximadamente 2.305 volumes especializados em folclore, cultura popular, antropologia, história, museologia, patrimônio cultural e áreas correlatas. Grande parte desse conjunto pertenceu ao Professor José Sant'anna — pesquisador, folclorista e idealizador do FEFOL — cuja biblioteca pessoal foi incorporada ao museu, preservando não apenas livros, mas também os rastros intelectuais de sua trajetória dedicada à cultura popular brasileira.



Palha de Milho. Exposição MHFMO, déc. 1980.
Fonte: Acervo MFO.

Soma-se a isso a importante doação da biblioteca da pesquisadora e folclorista Laura Della Monica, ampliando significativamente o potencial de pesquisa e aprofundamento teórico do acervo bibliográfico da instituição. Essas coleções transformam o museu não apenas em espaço expositivo, mas também em centro de documentação, pesquisa e produção de conhecimento sobre o folclore brasileiro.

No campo arquivístico, o Museu do Folclore de Olímpia preserva aproximadamente 30 metros lineares de documentação, compostos por correspondências, projetos, relatórios, cartazes, anuários, documentos administrativos, materiais de imprensa e registros históricos relacionados ao FEFOL, aos grupos folclóricos, a vida e carreira de Prof. José Sant'anna e

às ações culturais desenvolvidas ao longo das décadas. Esse conjunto documental revela a dimensão organizacional, política, educativa e cultural do festival, permitindo compreender sua importância no cenário nacional da cultura popular.

Assim, o acervo audiovisual, bibliográfico, fotográfico e arquivístico do Museu do Folclore de Olímpia ultrapassa a função de simples armazenamento documental. Constitui-se como memória viva do FEFOL e da cultura popular brasileira, preservando vozes, imagens, sonoridades, narrativas e experiências que ajudam a compreender a diversidade cultural do Brasil e a trajetória histórica de um dos mais importantes festivais de folclore do país.

O movimento folclórico nacional e a institucionalização do museu

Durante esse período, observa-se que o movimento museológico desenvolvido em Olímpia encontrava-se em consonância com o cenário nacional de valorização e salvaguarda do folclore brasileiro. Nas décadas de 1960 e 1970, a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, vinculada à Comissão Nacional de Folclore, desempenhava papel fundamental na promoção de pesquisas, exposições, festivais e na criação de instituições voltadas à preservação da cultura popular. Nesse contexto, diversos museus dedicados ao folclore foram inaugurados em diferentes regiões do país, evidenciando a consolidação de uma política cultural voltada à proteção das manifestações tradicionais brasileiras.



Luminárias. Exposição MHFMO, déc. 1980.
Fonte: Acervo MFO.

Dessa forma, o que acontecia em Olímpia não se configurava como um movimento isolado, mas integrava um amplo processo nacional de reconhecimento do folclore como patrimônio cultural e elemento constitutivo da identidade brasileira. A experiência olimpiense dialogava diretamente com os debates e iniciativas que emergiam no campo da cultura e da museologia naquele período, especialmente no que se refere à valorização das expressões folclóricas e à construção de políticas de memória.



Tear. Exposição MHFMO, déc. 1980.
Fonte: Acervo MFO.

A partir dos dados bibliográficos, registros documentais e fontes de história oral, destacam-se como figuras fundamentais nesse processo o Professor José Sant'anna — em todo o processo — e o Professor Victório Sgorlon, frequentemente acompanhado de sua esposa, Lourisse Sgorlon, nas duas primeiras décadas.



Rocas. Exposição MHFMO, déc. 1980.
Fonte: Acervo MFO.

Por meio de pesquisas de campo, registros fotográficos, coleções de slides, textos, exposições e relatos orais, esses agentes culturais iniciaram, de maneira sensível e consciente, um importante movimento de preservação da memória e do folclore olimpiense.

Mais do que colecionadores ou pesquisadores, atuaram como mediadores culturais entre a comunidade e seu patrimônio, compreendendo que os saberes populares, os objetos cotidianos e as manifestações folclóricas possuíam profundo valor histórico, social e afetivo. Seus esforços foram fundamentais para consolidar uma consciência patrimonial no município e para estruturar as bases do futuro museu.

Embora o museu tenha sido fundado no ano de 1973, sua regularização jurídica ocorreu apenas em 5 de julho de 1977, por meio da Lei n.º 1.274, que oficializou institucionalmente sua existência. Posteriormente, em 15 de julho de 1978, a Lei n.º 1.358 atribuiu oficialmente à instituição a denominação de Museu de História e Folclore “Maria Olímpia”.

Esse processo de institucionalização representa não apenas um marco administrativo, mas a materialização de um desejo coletivo de preservação da memória cultural olimpiense — desejo este construído ao longo de anos por pesquisadores, professores, foliões, folcloristas, artistas populares e pela própria comunidade.

As mudanças de sedes e a permanência simbólica do museu

O primeiro endereço físico em 1973 foi onde hoje é a sede da Polícia Militar, na atual Avenida Deputado Waldemar Lopes Ferraz, 1277 – Centro/Patrimônio de São João Batista. No início da década de 1980, o museu foi transferido para a Rua David Oliveira, n.º 410, onde permaneceu por aproximadamente trinta e sete anos. Esse longo período consolidou-se como uma das fases mais significativas de sua trajetória institucional, marcada pela intensificação das ações de preservação,



MUSEU DE HISTÓRIA E FOLCLORE

Avenida XV de Novembro, 1224

(Instalado oficialmente em agosto de 1973)

pesquisa e difusão da cultura popular olimpiense, fortalecendo o vínculo afetivo entre o museu, a comunidade e o Festival do Folclore de Olímpia.

Em razão da reforma do edifício que anteriormente abrigava a instituição, o Museu de História e Folclore “Maria Olímpia” foi transferido para a Rua David Oliveira, n.º 89, onde permaneceu entre os anos de 2017 e 2023, por aproximadamente seis anos. Essa mudança representou mais um capítulo da trajetória de resistência e permanência do museu, que, mesmo diante das transformações estruturais e institucionais, continuou desempenhando seu papel de salvaguarda da memória e da cultura popular olimpiense.



Exposição MFO 2024 a 2026. Núcleo Olímpia.

Fonte: Acervo MFO.

Posteriormente, entre os anos de 2024 e 2026, o museu passou a ter como sede oficial o Recinto do Folclore, espaço profundamente simbólico para a cultura popular olimpiense. A transferência para esse local reforça a estreita relação histórica entre o museu e o FEFOL, consolidando o recinto não apenas como espaço de realização festiva, mas também como território permanente de memória, salvaguarda e valorização das tradições populares brasileiras.

A expografia deste período, de curadoria da museóloga Dra. Rosiane da Silva Nunes e Rodrigo Borges Marini apresenta o FEFOL e o Museu do Folclore como espaços de encontro, memória e celebração da diversidade cultural brasileira. A narrativa expositiva foi organizada em núcleos temáticos que articulam patrimônio material, patrimônio imaterial, memória afetiva e identidade cultural.

O percurso iniciava-se com o núcleo expográfico ‘Patronos do FEFOL’ apresenta os seres encantados, mitos, lendas e orixás como elementos fundamentais do imaginário popular brasileiro e da identidade cultural do Festival. Ao longo de sua história, o FEFOL homenageou diversas entidades simbólicas, consolidando O Curupira, protetor das florestas e dos animais, escolhido como patrono oficial nas décadas de 1980 e 1990, tornando-se um dos símbolos mais marcantes da história do Festival.

A museum display featuring a guitar, a framed painting of a guitar, a small statue, and a colorful floral outfit. The guitar is positioned on the left, with a small statue and a framed painting of a guitar on the wall behind it. A colorful floral outfit is displayed on the right. The display is set against a white wall with a yellow base.

O núcleo expográfico ‘História do FEFOL’, por meio de fotografias históricas do acervo do Museu do Folclore de Olímpia, apresentava a trajetória do FEFOL desde suas origens nas escolas até sua consolidação como um dos mais importantes festivais de cultura popular do Brasil. As imagens revelaram seis décadas de encontros, tradições, trabalho coletivo e valorização da cultura popular brasileira. O núcleo também homenageia o professor José Sant’anna (1937–1999), idealizador do FEFOL e do Museu de Folclore, pesquisador e grande defensor da cultura popular. Autor da letra do ‘Hino de Olímpia’, vereador por seis mandatos e primeiro secretário municipal de Educação, deixou um importante legado para a preservação da memória e da identidade cultural do município. Sua biblioteca e documentos pessoais, administrativos e legislativos constituem parte significativa do acervo do Museu. Seu trabalho foi fundamental para a preservação da memória cultural de Olímpia e para a consolidação do município como a Capital Nacional do Folclore.

Em seguida, a exposição abordou as estratégias de comunicação e divulgação responsáveis pela projeção nacional do Festival. Anuários, fotografias, correspondências, cartazes, selos, adesivos, discos e materiais promocionais são apresentados como patrimônio documental que demonstra como Olímpia se consolidou como referência nacional em folclore. A música aparece como importante elemento expográfico, com destaque para composições criadas em homenagem à cidade e ao Festival.

A história do Museu de Folclore foi apresentada em um ambiente cenográfico inspirado em uma cozinha afetiva, utilizando a memória dos cheiros, sabores e convivências familiares como recurso museográfico. Nesse espaço, são homenageados o professor José Sant'anna, fundador do FEFOL e do museu, e Maria Jesus de Miranda, responsável por décadas de dedicação à preservação do acervo.

Por fim, o percurso expográfico culminava em um espaço dedicado às memórias afetivas, aos causos populares e às narrativas orais, representados pela figura de Pedro Malazarte, havia um espaço de exposição e interação por meio de desenhos ou textos realizados pelos visitantes do museu. O objetivo foi reforçar que o folclore não está apenas nos objetos preservados mas, principalmente, nas histórias, nas pessoas, nos encontros e nas experiências compartilhadas.

58

Maria Jesus de Miranda: afeto, resistência e permanência

Dentre as inúmeras personalidades que atravessam a trajetória do Museu de História e Folclore “Maria Olímpia”, percebe-se que seu acervo é constituído, sobretudo, pelas memórias de muitos “José”, “João” e “Marias” — sujeitos anônimos da cultura popular que, durante décadas, permaneceram diluídos na ideia de coletividade associada ao conceito de folclore. Até a década de 1970, uma das categorias frequentemente atribuídas ao chamado “fato folclórico” estava relacionada à noção de anonimato, domínio público e produção coletiva do povo.

Entretanto, entre tantas Marias invisibilizadas pela história oficial, existe uma que merece ser reconhecida nominalmente por sua profunda contribuição à memória cultural olimpiense: Maria de Jesus Miranda. Sua trajetória ultrapassa o anonimato historicamente atribuído aos sujeitos da cultura popular e inscreve-se como presença fundamental na constituição afetiva, estética e social do museu.

No início da década de 1980, o Professor José Sant’anna confiou à Maria de Jesus Miranda a responsabilidade de colaborar na reestruturação do museu em seu então novo endereço, no Palacete Giosué Tonanni, espaço reformado durante a gestão do prefeito Álvaro Marreta Cassiano Ayusso (1977–1982), período em que José Sant’anna também atuava como vereador. Foi nesse contexto que o

edifício passou por adequações estruturais e recebeu importantes elementos expositivos, dentre eles, a emblemática máquina da Maria-Fumaça.

Mais do que exercer funções técnicas, Maria depositou no museu sua sensibilidade, sua memória afetiva e seu profundo compromisso com a preservação do folclore. Mulher de origem simples, pertencente a uma família tradicionalmente ligada às Folias de Reis, à Folia do Divino e aos violeiros, carregava em sua própria trajetória de vida os saberes e experiências do universo folclórico olimpiense.

Com olhar atento e delicado, Maria selecionava objetos, organizava exposições, construía narrativas expográficas, decorava ambientes e cuidava cotidianamente do museu. Durante mais de três décadas, dedicou-se intensamente à preservação do acervo e à manutenção de um museu vivo, socialmente ativo e afetivamente acolhedor, mesmo em períodos nos quais o reconhecimento institucional da museologia e do folclore ainda era limitado.

Sua atuação ultrapassou o trabalho museológico convencional: Maria sustentou, com afeto e resistência, a permanência simbólica do museu. Enquanto o “ser museu” ainda não possuía visibilidade ou valorização social em Olímpia, ela permaneceu cuidando da memória coletiva com devoção silenciosa. Se hoje a história do museu assume novos contornos e reconhecimento, é também porque houve aqueles que resistiram antes, quando preservar parecia apenas um gesto de amor.



Maria resistiu com amor e por amor. E é também dessa mesma matéria sensível que o Museu de História e Folclore “Maria Olímpia” foi constituído: afeto, memória e permanência.

Na expografia que esteve entre 2023 e 2026, destacou-se o núcleo expositivo “Com Amor e Afeto: homenagem a Maria Miranda”, concebido como tributo à sua trajetória e contribuição ao museu. Em um momento íntimo de diálogo e confiança, Maria expressou um pedido simples, porém, profundamente simbólico: “No novo Museu do Folclore, vocês vão manter minhas panelinhas?”

A frase, carregada de delicadeza e pertencimento, revela a dimensão afetiva do patrimônio museológico. As “panelinhas” não eram apenas objetos utilitários; eram fragmentos de memória, testemunhos da cozinha caipira, da convivência familiar e dos afetos cotidianos.

A cozinha, afinal, é espaço onde se alimenta não apenas o corpo, mas também a alma. É lugar de transmissão de saberes, de encontros familiares e de permanência das lembranças mais ternas da infância. O cheiro do bolo recém-assado, do café quente e da lenha acesa frequentemente desperta imagens da avó, da casa antiga e dos gestos de acolhimento que permanecem vivos na memória afetiva.

É nesse ambiente nostálgico e sensível que se insere a homenagem a Maria Jesus de Miranda: Sua presença permanece inscrita em cada peça do acervo — seja tridimensional, imagética ou bibliográfica — revelando que o museu também é feito das pessoas que o amaram profundamente.

Saudamos, portanto, Maria do Museu.

Saudamos o Professor José Sant’anna.

E saudamos o amor que uniu ambos na construção e preservação da memória cultural olimpiense.

Considerações finais

O Museu do Folclore de Olímpia consolidou-se como importante espaço de preservação da memória, da cultura popular e das experiências afetivas da comunidade olimpiense. Sua trajetória, profundamente vinculada ao Festival do Folclore de Olímpia (FEFOL), demonstra que o museu ultrapassa a função tradicional de guarda patrimonial, tornando-se território vivo de pertencimento, educação e resistência cultural.

Referências Bibliográficas

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. Interdisciplinarity in Museology. *Museological Working Papers – MuWoP/-DoTraM*, Stockholm, n. 2, p. 58-59, 1981.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. Formação profissional. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010. v. 1, p. 128.

VARINE, Hugues de. *As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local*. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

A trajetória dos museus olimpienses dialoga diretamente com os princípios da Nova Museologia, especialmente a partir das reflexões de Hugues de Varine e Waldisa Rússio Camargo Guarnieri que compreendem o museu não apenas como espaço de preservação de objetos, mas como território vivo de relações entre população, patrimônio e cenário social. Nessa perspectiva, o patrimônio deixa de ser entendido como elemento isolado e passa a ser reconhecido como expressão das experiências humanas, dos afetos, das memórias e das identidades coletivas.

Assim, o Museu do Folclore de Olímpia preserva não apenas bens materiais, mas também vínculos, saberes, espiritualidades e modos de existência que constituem a diversidade da cultura brasileira. Seu expressivo acervo reafirma a importância da salvaguarda da memória do folclore nacional, transformando o museu em espaço de produção de conhecimento, consciência coletiva e valorização cultural. Dessa forma, a instituição reafirma seu compromisso ético com a vida, com a cultura popular e com as relações humanas que atribuem significado ao patrimônio cultural.



*Exposição Escola, déc. 1960. Coleção Slide Victório Sgorlon.
Fonte: Acervo MFO.*



A SEMENTE DO FUTURO DIGITAL!

Como nasceu o Centro de Referência do Folclore de Olímpia

Por **José Antônio Arantes**

Jornalista, Advogado, Pesquisador e Escritor. Graduado em Filosofia, Ciências Sociais, Pedagogia e Direito.

A proposta idealizada pela Secretaria de Cultura busca preservar, organizar e disponibilizar ao mundo o acervo histórico acumulado por José Sant'anna ao longo de mais de seis décadas dedicadas ao folclore brasileiro.

Durante décadas, o professor José Sant'anna acumulou silenciosamente manuscritos, fotografias, jornais, partituras, correspondências e documentos que ajudam a contar não apenas a história do Festival do Folclore de Olímpia, mas também parte significativa da construção cultural da própria cidade.

Todo esse material permaneceu guardado por anos, resistindo ao tempo como testemunho vivo da trajetória que transformou Olímpia em referência nacional do folclore brasileiro.

A percepção de que esse patrimônio histórico precisava ser preservado de forma técnica, organizada e acessível deu origem ao projeto do Centro de Referência do Folclore de Olímpia (CRFO).

A ideia partiu da Secretária Municipal de Cultura e Defesa do Folclore, Priscila Seno Mathias Netto Foresti, com respaldo do prefeito Eugênio José Zuliani, o Geninho Zuliani, dentro da proposta de fortalecimento das políticas públicas de preservação cultural do município.



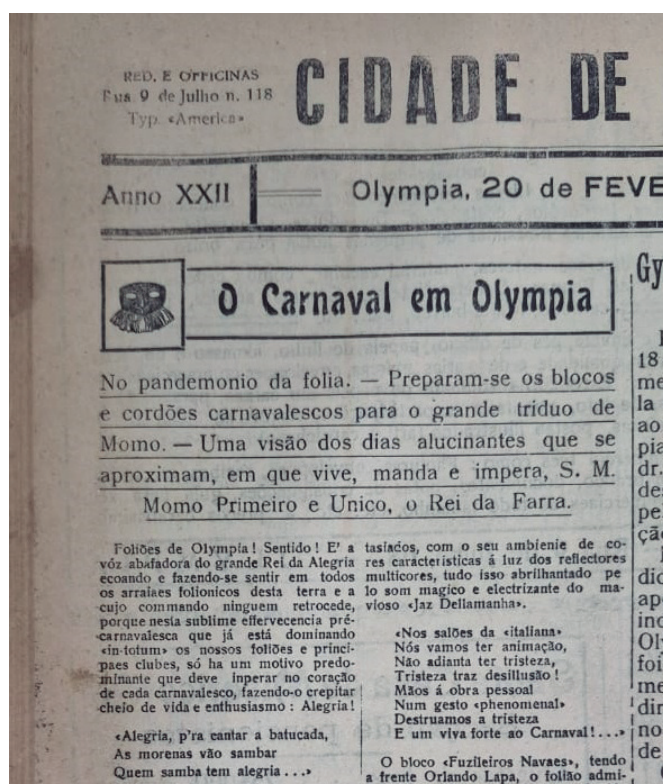
Prefeito Geninho Zuliani e Secretária da Cultura e Defesa do Folclore, Priscila Foresti, com descendente de Antônio Olímpio

O projeto nasceu como uma complementação ao Museu de História e Folclore Maria Olímpia, ampliando sua atuação para além do espaço físico tradicional.

Enquanto o museu preserva objetos, indumentárias e a experiência presencial do visitante, o Centro de Referência foi concebido para atuar, principalmente, na salvaguarda documental, permitindo consultas presenciais e também acesso digital ao acervo histórico.

A proposta prevê a organização de centenas de documentos antigos, alguns com mais de 60 anos,

acumulados por José Sant'anna ao longo de sua vida inteiramente dedicada à pesquisa, à valorização da cultura popular e à consolidação do Festival do Folclore de Olímpia como um dos mais importantes eventos culturais do país.



Mais do que digitalizar papéis antigos, o CRFO foi pensado como um espaço permanente de preservação da memória cultural olimpiense. A iniciativa estabelece uma estrutura voltada para organização técnica, catalogação, pesquisa e futura disponibilização pública do material histórico, permitindo que estudantes, pesquisadores, professores e a própria comunidade tenham acesso a conteúdos que até então permaneciam restritos a arquivos físicos.

A implantação do Centro de Referência representa um passo importante na modernização das políticas de preservação cultural do município. Com isso, Olímpia inicia um processo sistemático de tratamento arquivístico e digitalização de parte significativa de sua memória imaterial, criando condições para que esse patrimônio histórico permaneça protegido e acessível às futuras gerações.



Prof. José Santana

Nasceu em Olímpia a 8 de julho de 1937. Filho de João Joaquim de Santana e de Hipólita da Silveira Santana.

Fêz o curso primário em Ribeiro dos Santos, vindo mais tarde ocupar no curso secundário as carteiras do Colégio Olímpia, cursando no mesmo estabelecimento o curso de formação profissional de professor pela Escola Normal Livre "Nossa Senhora da Conceição" e técnico em contabilidade, pelo Colégio Comercial "Olímpia". Iniciou seus estudos de Direito na Universidade Católica de Campinas, mas não concluiu o curso para dedicar-se ao magistério.

Como professor participou do Curso de Aperfeiçoamento de Português, curso ministrado pelo Ministério de Educação e Cultura e ainda, o curso de Francês, em São José do Rio Preto.

Exerce o magistério há 7 anos.

Lecionou e leciona no Colégio Olímpia, Colégio Comercial "Olímpia" e Ginásio Estadual de Cajobi, ministrando aulas de Português e de Francês.

Foi professor de Metodologia da Língua Pátria para Professores Primários - Serviço de Expansão Cultural - do Departamento de Educação, em diversas cidades de nosso Estado.

Lecionou, ainda, as cadeiras de História Administrativa e Técnica de Venda através do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), na cidade de Olímpia.

Exerce, atualmente, as funções de Secretário do Colégio Olímpia, Escola Normal Livre "Nossa Senhora da Conceição" e do Colégio Comercial "Olímpia", sendo, também, diretor do Curso de Aplicação Anexo à Escola Normal "Nossa Senhora da Conceição".

É registrado no Ministério de Educação e Cultura em diversas matérias, nas seguintes Diretorias:

Ensino Secundário:- Português e Artes Industriais;

Ensino Comercial:- Português;

Ensino Industrial:- Português, História, Geografia e Ciências.

Já freqüentou diversos cursos de férias, tanto de especialização primária como secundária.

Ama muito a pobreza compadecendo-se dos velhos desamparados e das crianças inválidas.

Como prova foi diretor e provedor do Abrigo São José de Olímpia.

Exerceu, também o cargo de Secretário do Centro de Difusão Cultural de Olímpia, órgão criado por intelectuais olimpienses de boa vontade.

Como jornalista colaborou com o jornal "Voz do Povo", semanário olimpiense, do qual foi diretor e redator.

Na política encontra também o seu ideal, tendo sido candidato a vereador por nossa cidade em 1959, ficando numa das primeiras suplências, e no corrente ano, a 13 de outubro, elegeu-se vereador tendo sido o líder de seu partido.

É um professor às vezes nervoso, mas este nervosismo nunca modela o seu íntimo. Tem se revelado bom, rigoroso, otimista, entusiasmado, compreendedor dos problemas de seus discípulos. Exemplar professor, tudo o que idealiza e concretiza na escola é por amor ao magistério sem se deixar influenciar por outras ambições.

Gosta muito de música sacra, apreciando também as valsas vienenses e as canções napolitanas. Das músicas brasileiras prefere as folclóricas.

Escreveu alguns sonetos e crônicas, que ainda não foram publicados.

O LABIRINTO DOS DOCUMENTOS

O desafio de organizar mais de seis décadas de memória cultural

Por **José Antônio Arantes**

Jornalista, Advogado, Pesquisador e Escritor. Graduado em Filosofia, Ciências Sociais, Pedagogia e Direito.

Fotografias sem identificação, manuscritos antigos e arquivos dispersos exigiram pesquisa histórica, análise documental e trabalho técnico minucioso para estruturar o acervo do CRFO.

A criação do Centro de Referência do Folclore de Olímpia trouxe consigo um desafio muito maior do que simplesmente reunir documentos antigos. O acervo acumulado pelo professor José Sant'anna ao longo de décadas não seguia uma organização arquivística formal.

Em meio às caixas estavam fotografias sem identificação, recortes de jornais antigos, manuscritos, correspondências, anotações pessoais, programas de festivais e documentos históricos produzidos em diferentes períodos da história cultural de Olímpia.

Grande parte desse material chegou ao projeto sem classificação técnica, exigindo um trabalho lento e detalhado de identificação e contextualização histórica. Em muitos casos, foi necessário comparar imagens, consultar jornais antigos e cruzar informações para descobrir datas aproximadas, locais, personagens retratados e circunstâncias relacionadas aos documentos encontrados.

Para permitir a organização do acervo, o projeto estabeleceu a criação de uma taxonomia específica, estruturada em séries documentais capazes de separar e identificar cada conjunto histórico. Entre as principais categorias definidas estão os arquivos pessoais, escritos, documentos políticos, materiais relacionados ao Festival do Folclore, fotografias e conteúdos de imprensa.

O trabalho desenvolvido vai muito além da simples digitalização. Antes de qualquer documento ser escaneado, torna-se necessário analisar seu contexto histórico, verificar autenticidade, identificar personagens, compreender referências da época e registrar informações capazes de garantir precisão futura nas pesquisas realizadas através da plataforma digital.

A própria caligrafia do professor José Sant'anna, presente em inúmeros manuscritos e anotações, exige atenção especial durante o processo de catalogação. Muitos documentos apresentam desgaste natural provocado pelo tempo, manchas, grampos enferrujados e marcas de armazenamento inadequado acumuladas ao longo de décadas.

Essa etapa metodológica passou a ser considerada uma das bases mais importantes do Centro de Referência. A preocupação central do projeto é garantir que o material disponibilizado futuramente ao

público possua identificação segura, confiável e historicamente contextualizada.

A estruturação técnica também prevê a criação de códigos específicos de identificação para cada item do acervo. Somente após esse processo de validação documental os materiais seguem para as etapas de digitalização em alta resolução, indexação e futura disponibilização para pesquisa pública.



Volumes dispostos sobre prateleiras e áreas adjacentes às estantes, em razão da ocupação do espaço disponível.



Estantes metálicas contendo livros e volumes diversos, compondo acervo bibliográfico de referência histórica, folclórica e literatura geral.

DA CAIXA AO ACERVO DIGITAL

O trabalho técnico já realizado no Centro de Referência

Por **José Antônio Arantes**

Jornalista, Advogado, Pesquisador e Escritor. Graduado em Filosofia, Ciências Sociais, Pedagogia e Direito.

Higienização, retirada de materiais metálicos, separação documental e catalogação fazem parte das etapas já executadas na organização do patrimônio histórico deixado por José Sant'anna.

A fase prática de implantação do Centro de Referência do Folclore de Olímpia transformou o antigo conjunto de caixas e arquivos acumulados durante décadas em um acervo em processo de organização técnica permanente.

O trabalho começou pela estabilização física dos documentos, considerada essencial para evitar a deterioração acelerada do material histórico.



Uma das primeiras etapas executadas foi a higienização manual folha por folha. Durante esse processo, milhares de grampos, cliques metálicos e outros materiais ferrosos foram removidos dos documentos antigos, já que a oxidação desses elementos provoca danos químicos e físicos aos papéis ao longo do tempo.

Após a limpeza inicial, os documentos passaram a ser separados por categorias e acondicionados em caixas organizadoras apropriadas para preservação arquivística. O objetivo é reduzir os riscos provocados por umidade, poeira, atrito e manipulação inadequada.

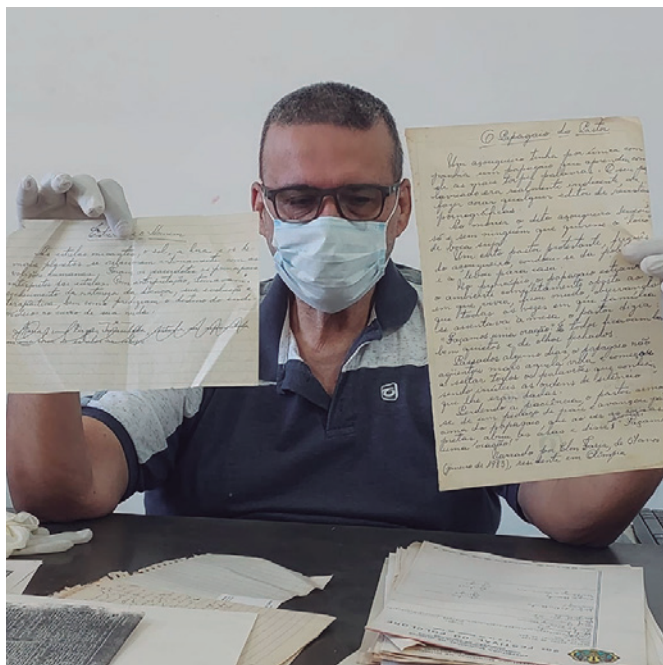
Paralelamente à organização física, iniciou-se o trabalho de catalogação documental. Diversos itens considerados relevantes para a história cultural de Olímpia já receberam identificação técnica e codificação específica dentro da estrutura criada para o CRFO.

Entre os materiais analisados estão manuscritos do professor José Sant'anna, registros históricos do Festival do Folclore, fotografias antigas de grupos folclóricos, recortes de jornais, correspondências e documentos relacionados à consolidação do movimento cultural olimpiense ao longo das últimas décadas.

O trabalho de pesquisa também permitiu identificar imagens raras de apresentações folclóricas e eventos culturais realizados em Olímpia nas décadas de 1960, 1970 e 1980.

Parte desse material encontrava-se sem qualquer identificação cronológica, exigindo consultas complementares em arquivos históricos e periódicos antigos.

A proposta técnica prevê que todo o material tratado passe futuramente a integrar uma plataforma digital estruturada para consulta pública, permitindo que a memória documental ligada ao folclore olimpiense permaneça preservada e acessível às próximas gerações.



UM MUSEU SEM FRONTEIRAS

A plataforma digital e o futuro do Centro de Referência

Por **José Antônio Arantes**

Jornalista, Advogado, Pesquisador e Escritor. Graduado em Filosofia, Ciências Sociais, Pedagogia e Direito.

O projeto prevê acesso on-line ao acervo histórico, integração com sistemas digitais e ampliação das ações de preservação e pesquisa cultural em Olímpia.

Além da preservação física dos documentos históricos, o Centro de Referência do Folclore de Olímpia foi concebido para atuar também no ambiente digital. A proposta prevê a criação de uma plataforma on-line capaz de permitir consultas públicas ao acervo, ampliando significativamente o acesso ao patrimônio cultural acumulado ao longo da trajetória de José Sant'anna.

A estrutura tecnológica do projeto começou a ser desenvolvida por meio de sistemas de gerenciamento e indexação documental integrados ao ambiente digital da Prefeitura de Olímpia.

A intenção é que estudantes, pesquisadores, professores e interessados em cultura popular possam acessar documentos históricos sem a necessidade de deslocamento físico até o acervo.

Entre os objetivos da plataforma está a disponibilização gradual de manuscritos, fotografias, registros históricos, jornais antigos e documentos relacionados ao Festival do Folclore de Olímpia e à história cultural do município.

O projeto também prevê mecanismos de organização capazes de facilitar futuras pesquisas acadêmicas, produção de conteúdos educacionais e ações de preservação da memória imaterial olimpiense.

Outra meta estabelecida durante a estruturação do CRFO é a criação de diretrizes permanentes de funcionamento e manutenção do acervo.

O planejamento inclui protocolos para novas doações documentais, expansão da base digital e futuras ações de mediação cultural voltadas especialmente para escolas e pesquisadores.

A proposta construída pela Secretaria Municipal de Cultura e Defesa do Folclore busca transformar o Centro de Referência em um espaço permanente de preservação histórica, permitindo que documentos antes restritos a arquivos físicos passem a integrar uma memória cultural acessível de forma ampla e organizada.

Com isso, o acervo acumulado por José Sant'anna ao longo de sua vida dedicada ao folclore ganha condições de permanecer preservado, pesquisado e compartilhado pelas próximas gerações, fortalecendo ainda mais a ligação de Olímpia com sua própria identidade cultural.



Acervo histórico físico.



Acervo histórico em processo de digitalização

Por **Clarissa Rossi**

Arte Educadora e Artista Visual

Meu avô era seleiro e tinha um comércio na cidade chamado “Selaria para Todos”. Era uma loja de artigos rurais, com uma oficina incrível onde eram produzidos arreios de montaria além de tantos outros objetos em couro e lona, como as Mochilas verdes que por tanto tempo foi o sonho dos estudantes da época.

Esse era meu lugar preferido no mundo. Me lembro dos aromas, das texturas e do olhar atento do Rubens costurando o couro com enormes agulhas com fio encerado. Esse lugar ficava na parte da frente da casa dos meus avós e foi ali, também, que chegou até as minhas mãos pela primeira vez um Anuário do Folclore. Tudo isso parece uma coisa só. Eu morava na cidade grande (São Bernardo do Campo) e vinha de férias para esse lugar mágico onde andava de charrete pela cidade, chupava laranja cortada de copinho no sítio do Vô Pídio, almoçava a comida da Vó Maria, vasculhava as gavetas e portas de armários atrás de tesouros e abria os Anuários... Neles, todo mistério podia ser revelado. Me chamava a atenção as palavras: simpatias, magias, crendices, superstições.



Capa do Anuário de 1972 - Caiapó

Mezinha? (sugestão de remédios de curandeiros, raizeiros e benzedores)...

As capas, como a do ano de 1972, aquele Caiapó de respeito ou a de 1987 com o Moçambique, ou ainda a capa com a garotinha de vermelho do reisado de 1982... “Quem eram essas pessoas”, eu me questionava. “Onde elas estão?”

Onde mais eu poderia encontrar “Estórias da Quaresma” com relatos sobre o Lobisomem? E não era um relato só não. Onde mais eu poderia me deparar com um ponto riscado com pomba sobre São João Batista num terreiro de Umbanda?



O professor Sant'anna trazia um assunto como Mel, por exemplo, e daí surgiam receitas culinárias, simpatias, remédios, crendices... Esmiuçava todo o potencial do produto de forma mágica. “O mel podia tudo”, pensava eu.

O tempo passou...

Em 2021, fazendo parte da comissão do folclore e no desenvolvimento do Anuário, meu coração, junto com as borboletas no estômago, sugeriram um encarte dentro do próprio Anuário, onde pudéssemos falar diretamente com as crianças. A secretária de Cultura na época, Priscila Foresti, a Guegué, gostou da ideia e levou para o prefeito daquela gestão, Fernando Cunha, já em forma de Gibi, autônomo, sozinho.

Que história fantástica: trazer novos conceitos sobre folclore, falar sobre o Estado do Pará que era o homenageado do ano, mas faltava alguma coisa...

Em 2022, o que faltava chegou, o Santaninha.



Inspirado no Professor José Sant'anna, ele apresenta seus amigos e juntos passeiam pelas páginas do Anuarinho fazendo descobertas e brincadeiras em forma de almanaque com cruzadinhas, palavras cruzadas, enigmas, entre outros jogos.

Com sua caneta no bolso e sua curiosidade, aportou de primeira em Santa Catarina com a Bernunça do Boi de Mamão. Depois, consolidado e cheio de graça, veio de parafuso. Na 4ª edição, trouxe para perto o Mestre Adelís Paula dos Santos, Capitão José Ferreira e a Professora Maria Aparecida Manzoli. No ano seguinte foi beber da água da Fonte do Ribeirão em São Luís do Maranhão e, nessa edição de 2026, vem com a Tia Ciata trazer a beleza da cultura popular do Estado do Rio de Janeiro.

"Quando algo é classificado como folclore por meio da frase "isso é folclore", entendemos que aquilo a que se refere é uma mentira, é falso. No novo normal da atualidade talvez ouviremos: "isso é fake".

(Reily, S. A., 57º Anuário)

Verdade seja dita, falar de folclore é pisar num campo minado. A palavra gera desconforto em alguns grupos culturais por levar o pensamento coletivo a algo pejorativo, menor.

Hoje, ainda temos uma outra questão crescente desde que o Curupira não pode mais receber a chave da cidade durante a festa — as religiões pentecostais. A relação entre as religiões pentecostais e o folclore geralmente é marcada por cautela, rejeição ou reinterpretção. Todo ser espiritual que não seja o Espírito Santo ou os anjos de Deus é enganador e deve ser rejeitado. Por isso, brincar ou acreditar nesses seres encantados e santos católicos seria abrir a porta para influências negativas. Uma cultura distinta da nossa história do Brasil com a miscigenação indígena, africana e europeia como base da nossa cultura popular.

Com todas essas questões, ensinar as crianças de forma lúdica, questões que desmistificam a palavra folclore mostrando a etimologia da palavra é um privilégio, trabalhar citações como " Ah, fulano é lenda", "Tal fato só acontece em Olímpia, cidade do folclore", que depreciam as palavras é essencial para a Clarissa do passado que valorizava cada ensinamento da cultura popular mesmo que fosse pequena demais para entender que se tratava do registro de um povo, mas sentia que tudo aquilo fazia parte de quem ela era e cresceu sendo.

O Anuarinho do Folclore hoje é impresso e distribuído para todas as crianças da rede municipal de ensino.



Segue firme em seu 6º ano de vida, e feliz por fazer parte de uma história de 62 anos com tantos nomes importantes que contam e realizam essa essa façanha de manter viva essa cultura em nossa cidade.

E Viva o Fefol!

Viva o Anuário do Folclore!

Viva o Anuarinho!

DE NZINGA MBANDE À CASA DAS GÊS: TRADIÇÃO, CULTURA E FÉ EM OLÍMPIA-SP:

O Legado das Identidades Culturais Brasileiras Salvaguardadas pelo Festival do Folclore

Por **André Aluize**

Antropólogo e Professor Doutorando

O tempo em uma perspectiva da filosofia africana difere-se da concepção ocidental, na cosmo percepção de muitos povos tradicionais possui uma conotação de sagrado, de guardião dos saberes ancestrais que guiam os modos de vida e a expressividade na manifestação cultural dessas permanências tradicionais. Há 62 o Festival de Folclore de Olímpia-SP, também se constitui como tempo, como território sagrado, um arauto para manifestações das culturas dos povos tradicionais brasileiros.

Olímpia, município do estado de São Paulo, é a Capital Nacional do Folclore, onde, anualmente, ocorre o Festival do Folclore, importante celebrador da diversidade dos povos tradicionais, propicia protagonismo à beleza das manifestações culturais. O palco deste imponente Festival subsidia a continuidade cultural dos povos pluriétnicos, que, ao se apresentarem evidenciam atos de resistência e resiliência, perpetuando suas tradições. Neste contexto propício à valorização da diversidade das culturas brasileiras, Olímpia também guarda em seu território um relicário cultural, filosófico, indenitário e religioso aforreferenciado a TUCCPC - Tenda de Umbanda Caboclo Caramã e Pai Cesário.

Para além de um templo de Umbanda tradicional o templo está inserido diretamente na história das religiões afro-brasileiras. Nos estudos e registros os quais compõem minha dissertação de mestrado: “Negro Interior: raízes e vozes de comunidades de Candomblés e Umbandas em três cidades do interior do estado de São Paulo, Brasil”, (UNESP-2024) evidencia-se que as práticas umbandistas deste templo antecedem à nacionalmente conhecida origem da Umbanda atribuída à Zélio Fernandinho de Moraes (1891-1975), considerado em algumas narrativas históricas de forma equivocada como o fundador da Umbanda no Brasil, respeitosamente, é importante justificar o equívoco! Não poderia ter sido Zélio o fundador da Umbanda devido às evidências históricas que trazem a Cábula como a precursora religiosa das Umbandas modernas, evidências essas que se encontram na obra “Os Africanos no Brasil” do antropólogo Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), publicada postumamente em 1932.



Professor José Sant'anna fundador do Festival do Folclore de Olímpia e a senhora Jesuína de Souza Silva matriarca antecessora da TUCCPC (década de 1980).

A história da origem das Umbandas também foi observada etnograficamente na pesquisa de campo realizada para a dissertação, na qual a datação histórica das práticas umbandistas da TUCCPC antecedem os adventos atribuídos à Zélio Fernandino de Moraes, sendo este um novo dado histórico importante trazido pela pesquisa. Atualmente, a Tenda é liderada por Maria Gertrudes da Silva de Araújo, nascida na cidade de Olímpia, SP em 04/05/1947, filha de Daniel da Silva e Jesuína de Souza Silva, viúva, mãe de duas filhas; Gesiele Augusta Silva de Araújo Frias e Gesielma Aparecida Silva de Araújo. Maria Gertrudes é carinhosamente conhecida como Madrinha Gê, uma mulher de uma força ancestral única, dona de uma voz cativante e um olhar que evidencia suas lutas e superações na vida e na condução deste importante templo.

Todo o gênesis histórico-cultural-religioso que são bases estruturais da TUCCPC advém tradicionalmente dos povos Bantu (africanos). Em minha trajetória acadêmica, em contato direto com outros pesquisadores africanos, destacando minha querida amiga/irmã Prof. Dra. Sônia André (Moçambique) que é com quem de fato aprendo (para além da literatura) sobre as filosofias africanas, sempre me surpreendi



Maria Gertrudes da Silva de Araújo (Madrinha Gê) e o Antropólogo Prof. André Aluize, exposição Almas Pretas, trajetórias ancestrais, ECO - Estação Cultural-Olímpia, SP-2025. Acervo do pesquisador.

visto que, quando Sônia André relata sobre seus costumes tradicionais familiares, instantaneamente me remete à associação antropológica de que a família de Madrinha Gê segue uma mesma estrutura social, mantendo fortemente tradições no Brasil similares à família de Sônia André no continente africano.

Antropologicamente, identifico que mesmo com o terrível processo de escravização ocorrido no Brasil, a tradição conseguiu sobreviver às mazelas transatlânticas e fortificou-se em outros territórios, perpetuando-se. Consideradas as diferenças temporais históricas e territoriais que separam cronologicamente os primeiros escravizados africanos trazidos ao Brasil (por volta de 1530) após 496 anos encontra-se na TUCCPC um significativo território de filosofia afrorreferenciada que, ressignificada, mantém cuidadosamente características de suas origens africanas.

Por ser uma comunidade de tradição fortemente matriarcal, destaca-se a cada período histórico a liderança de mulheres potentes, iniciando com a senhora Jesuína de Souza Silva e, atualmente, por Maria Gertrudes da Silva de Araújo, Gesiele Augusta Silva de Araújo Frias e Gesielma Aparecida Silva de Araújo, assim, reverenciando essa linhagem, carinhosamente a nomeei de “A Casa das Gês”. O legado dessas matriarcas possui características proximais com o legado da soberana Rainha Nzinga

Mbande (1582–1663). Nzinga foi rainha do Ndongo e Matamba (atual Angola) que se tornou imortalizada e reverenciada, reinando como guerreira, com força e resistência em seu tempo.



Maria Gertrudes da Silva de Araújo (Madrinha Gê), Gesiele Augusta Silva de Araújo Frias, Antropólogo Prof. André Aluize e convidados- Festa de São Jorge/Ogun. Olímpia, SP - 2026. Acervo do pesquisador.



Maria Gertrudes da Silva de Araújo e filhas; Gesiele Augusta Silva de Araújo Frias e Gesielma Aparecida Silva de Araújo, Festa de São Jorge/Ogun - Olímpia, SP-2026.

Nzinga foi e continua a ser uma força ancestral que ultrapassa gerações e se manifesta em suas descendentes e em todas as linhagens de mulheres de descendência angolana como no caso de todas as “Gês” da tenda TCCPC em Olímpia. É neste reconhecimento de traços de Nzinga, nessas grandes mulheres, que desenvolvo atualmente minha tese de



Comunidade TUCCPC e convidados, Festa de São Jorge/Ogun. Olímpia-SP - 2026 - Acervo do pesquisador.

doutoramento: “Tríade sócio-histórico-cultural entre Angola e Brasil: as religiosidades Bantu em foco”, (UNESP-2025-atual) sob a orientação do importante antropólogo Prof. Dr Dagoberto José Fonseca.

A comunidade TUCCPC mantém forte tradição cultural, conhecida e reconhecida no município de Olímpia e região. Destaco a anual festa de “São Jorge/Ogun” que em 2026 em sua 58ª edição também comemorou os 15 anos de organização do evento pela querida Madrinha Gê.

São todas as dimensões cosmoperceptivas evidentes que tornam a comunidade TUCCPC tão importante para o nosso estado e país, por ser um território de genuína presença ancestral africana. E essa constatação foi por vezes evidenciada no Festival de Folclore de Olímpia pelo Professor José Sant’anna, fundador do Festival e amigo da senhora Jesuína de Souza Silva, matriarca, antecessora da TUCCPC. Assim, sinto-me honrado em poder, enquanto antropólogo e pesquisador, ser representante da história da TUCCPC e da Casa das Gês em minha produção acadêmica.

Produzir academicamente sobre essa comunidade, assim como Olímpia realiza o Festival do folclore, nos uniram em uma perspectiva para a valorização dos povos tradicionais, tornando-nos capazes de reconhecer nossas identidades culturais, reforçando a potência de nossas ancestralidades às quais celebramos enquanto cultura, e essas manifestações tradicionais continuam florescendo, anualmente, no Festival do Folclore de Olímpia, celebrando nossa brasilidade.



TRADIÇÃO E FAMÍLIA NO TERNO DE CONGADA CHAPÉUS DE FITAS DE OLÍMPIA

Por **Profa. Dra. Tatiane Pereira de Souza**
Terno de Congada Chapéus de Fitas.

"Família é para sempre." Esta é uma expressão presente nas relações e vivências do Terno de Congada Chapéus de Fitas, de Olímpia-SP. Mais do que uma frase, ela representa um princípio que orienta a vida dos congadeiros, evidenciando a importância da família na transmissão dos conhecimentos, dos valores e da própria tradição de geração em geração. Por meio da tradição oral, da convivência comunitária e da fé, a Congada mantém viva a memória dos antepassados e fortalece os laços que unem pessoas, histórias e territórios. A palavra, a escuta, a convivência da família e da comunidade constituem elementos fundamentais para a continuidade dessa cultura de origem africana.

De modo geral, a Congada faz parte de um movimento mais amplo da tradição denominado Congado. O Congado, também conhecido como Reinado, é uma celebração cultural afro-brasileira que reúne contribuições de vários povos africanos, representados pelos grupos que o compõem, aliando devoção religiosa, memória histórica e ancestralidade africana. Em suas celebrações, recria simbolicamente o Reino do Kôngo em território brasileiro, preservando aspectos da organização social, da democracia, dos valores comunitários, étnico-culturais e das formas de existência e resistência construídas pelos povos africanos e seus descendentes desde o período colonial.

Dentro dessa celebração festiva, localiza-se a Congada, que se manifesta por meio de diferentes guardas, ternos e grupos responsáveis pela proteção simbólica da corte real. Embora não seja objetivo deste texto aprofundar as funções específicas de cada grupo dentro do Congado, tais discussões podem ser encontradas em estudos especializados, como a tese *Permanências Africanas no Congado Brasileiro* (SOUZA, 2018) e obras de Jeremias Brasileiro. Mas, nesse momento, vamos adentrar na origem do Terno de Congada Chapéus de Fitas a partir de elementos estudados na dissertação *Áfricas: Processos Educativos no Terno de Congada Chapéus de Fitas* (2012), bem como das memórias vividas por mim enquanto neta do Capitão José Francisco Ferreira e da Dona Edna Ferreira, patriarca e matriarca dessa importante tradição em Olímpia.

A Promessa familiar que deu origem à Congada de Olímpia

A história do Terno de Congada Chapéus de Fitas está profundamente ligada à trajetória de vida do Capitão José Francisco Ferreira. Nascido em uma família de congadeiros na região de Lagoa da Prata,



Capitão José Francisco Ferreira e sua esposa, Edna Ferreira.
Fonte: Arquivo da Família Ferreira (2026).



em Minas Gerais, o Capitão teve contato com a Congada desde muito pequeno. Aos sete anos de idade já dançava, foi aprendendo a tradição e passou a exercer funções de liderança dentro dela. Filho, neto e bisneto de congadeiros e portadores de coroa, o Capitão aprendeu desde a infância os ensinamentos transmitidos por sua família e sua formação ocorreu não apenas pela observação mas, principalmente, pela participação ativa nos grupos de Congada e Moçambique e nas celebrações congadeiras do Reinado/Congado.

Mesmo após mudar-se de Minas Gerais para o estado de São Paulo e para outras cidades, a Congada permaneceu viva em sua memória, sendo mantida. Antes de falecer, o Senhor Chico Cândido, pai do Capitão Ferreira, recebeu uma promessa de seu filho: a de que a tradição não morreria e teria continuidade por meio dele, de sua família e das futuras gerações. Com o passar dos anos, o tempo se encarregou de criar as condições para que essa promessa se concretizasse.

Nesse percurso, o Capitão Ferreira conheceu Dona Edna Ferreira. Embora compartilhassem o mesmo sobrenome, pertenciam a famílias diferentes e possuíam trajetórias culturais complementares, já que as famílias se encontravam para fazer música. Enquanto o Capitão trazia consigo a herança do Congado mineiro e as memórias de seus ancestrais angolanos, Dona Edna carregava saberes ligados ao jongo do Rio de Janeiro, às práticas de benzimento e ao conhecimento tradicional das ervas de origem indígena. A união dos dois fortaleceu não apenas uma família, mas também uma comunidade construída pela fé, pela solidariedade e pelo compromisso com a cultura popular.

A oportunidade de cumprir a promessa surgiu por meio da amizade com José Sant'anna, criador do Festival do Folclore de Olímpia. A partir da amizade e

do convívio estabelecido por meio da Companhia de Santos Reis Estrela da Paz, o professor passou a conhecer mais profundamente as tradições preservadas pelo Capitão Ferreira. Sensibilizado com a riqueza cultural daqueles conhecimentos, surgiu em Sant'anna o desejo de criar o primeiro grupo autêntico de Congada da cidade de Olímpia para participar do Festival do Folclore e esse desejo encontrou-se com a promessa feita pelo Capitão Ferreira ao seu pai Chico Cândido Ferreira. De um lado estava o apoio do professor Sant'anna que colaborou financeiramente na aquisição de materiais, instrumentos e vestimentas. Do outro lado, estavam os conhecimentos tradicionais congadeiros herdados pelo Capitão Ferreira, o apoio de Dona Edna, da filha, dos filhos, sobrinhos e da comunidade. Assim, em 5 de junho de 1974 nasceu, oficialmente, o Terno de Congada Chapéus de Fitas, resultado da concretização de um sonho coletivo e do cumprimento de uma promessa familiar entre pessoas congadeiras de Minas Gerais. Como sempre disse o Capitão Ferreira, "esta cultura é de origem africana e um legado de nossos familiares".

Memória, Pertencimento e Ancestralidade

Nesse sentido, quando afirmamos que "família é para sempre", não estamos nos referindo apenas aos familiares vivos. Na Congada, os ancestrais permanecem presentes por meio das memórias, dos ensinamentos e dos exemplos deixados para as novas gerações. As pessoas que já realizaram sua passagem continuam ocupando um lugar importante na construção da identidade familiar e comunitária, suas vidas e histórias são narradas, lembradas e compartilhadas para que nunca sejam esquecidas.

Esse processo fortalece o sentimento de pertencimento à comunidade e à família, pois jamais

se pode esquecer de quem veio antes de nós, e quem está no agora precisa se preocupar com quem ficará no amanhã. Esse é um princípio de responsabilidade compartilhada ou de corresponsabilidade. Conhecer quem foram os antepassados, compreender suas lutas, conquistas e desafios permite que as novas gerações desenvolvam uma relação positiva com sua própria identidade e origem, se identificando com as narrativas e experiências, podendo orientar suas próprias vivências e desafios.

Na família Ferreira, as rodas de conversa sempre fizeram parte da educação das crianças. O Capitão Ferreira e Dona Edna contavam histórias de infância, narravam experiências familiares, compartilhavam ensinamentos e relatavam situações marcadas pela fé, pela coragem, pela amorosidade, pelo respeito e pela superação. Muitas dessas histórias envolviam acontecimentos extraordinários, histórias de proteção espiritual, curas, livramentos, formas de trabalho, festividades, experiências comunitárias e narrativas familiares. Outras traziam elementos do imaginário popular, como lendas sobre sacis, lobisomens, minas de ouro e personagens misteriosos que habitavam as narrativas do interior brasileiro. Essas histórias despertavam a imaginação das crianças e contribuíam para a construção de referências culturais e afetivas. Mais do que ouvir histórias, aprendíamos a viver. Aprendíamos a brincar, cantar, rezar, compartilhar refeições, conhecer plantas, respeitar os mais velhos, pedir bênção, cuidar uns dos outros e contemplar a beleza da natureza. Aprendíamos, sobretudo, que a vida acontece em comunidade e em família. Assim foi nossa educação congadeira, comunitária e familiar.

Educação Congadeira: Família, Comunidade e Experiência

Uma das características importantes observadas na educação congadeira é a compreensão de que os processos educativos acontecem por meio da convivência. Conforme destacado na dissertação *Áfricas: Processos Educativos no Terno de Congada Chapéus de Fitas* (SOUZA, 2012), três noções são fundamentais para compreender essa dinâmica educativa: a família/comunidade, a pessoa mais velha ou mais experiente e o corpo que aprende e ensina. A primeira delas é a noção ampliada de família.

Na Congada, família não se limita aos laços sanguíneos, ela inclui também as relações de amizade, afeto, respeito e compromisso construídas ao longo da vida. Uma pessoa pode nascer na tradição por herança familiar, mas também pode nascer nela pelo coração, pelo pertencimento construído através da convivência, da experiência e do amor pela cultura. Essa compreensão fortalece o sentido de coletividade e amplia a noção de família. “Ninguém faz nada sozinho”, já dizia o Capitão Ferreira. Todos dependem uns dos outros para manter viva a tradição, independentemente

da idade, gênero, religião, escolaridade ou condição econômica. As pessoas encontram na Congada um espaço de acolhimento e pertencimento que as aceita como são, potencializando suas vidas para que sejam melhores a cada dia. Essa noção por si só já é desafiadora, mas possível.



Capitão José Francisco Ferreira e sua esposa, Edna Ferreira.
Fonte: Arquivo da Família Ferreira (2026).

A segunda noção refere-se à pessoa mais velha ou mais experiente, embora os mais velhos sejam importantes guardiões da memória e da sabedoria, a experiência não está vinculada exclusivamente à idade cronológica. Uma criança nascida dentro da tradição ou mais velha de tempo, nela, pode possuir conhecimentos que permitam ensinar alguém mais

velho que esteja chegando ao grupo. Assim, a experiência compartilhada torna-se um elemento fundamental para os processos de aprendizagem e essa troca permanente fortalece vínculos, amplia conhecimentos e promove relações baseadas na cooperação, na confiança, no respeito e na corresponsabilidade com o coletivo. Logo, em certa medida, todos aprendem e ensinam a tradição congadeira à medida que vão convivendo nela, de corpo inteiro.

O Corpo que Aprende e Ensina

A terceira noção fundamental é a compreensão do corpo como espaço de aprendizagem — uma escola da natureza humana. Na Congada, aprende-se com o corpo inteiro. Aprende-se cantando, dançando, tocando instrumentos, preparando alimentos, rezando, caminhando em cortejo e convivendo com a comunidade e a família. O conhecimento não está restrito ao pensamento racional, ele se manifesta também nas emoções, nos sentidos, nas percepções e nas experiências compartilhadas e vividas.

Quando o tambor toca, quando as vozes cantam, quando os corpos dançam, quando se saboreiam as comidas tradicionais e se emocionam com os momentos, a tradição se torna ainda mais viva e pulsante, pois sua continuidade está em processo. É por meio do corpo que a tradição se mantém contínua. O corpo transforma-se em memória, expressão e conhecimento. É por meio dessa integração entre corpo, palavra, coração, razão, fé e convivência que a tradição congadeira permanece viva até os dias atuais. A oralidade, o respeito aos mais velhos, a valorização da família, o acolhimento das crianças e a participação das mulheres constituem elementos fundamentais para a continuidade dessa herança africana no Brasil.

Desse modo, a tradição vai se recriando sem perder seus fundamentos: é a modernidade caminhando junto com a tradição, sem perder os valores e princípios que sustentam as práticas dessa cultura.

Como neta do Capitão Ferreira e da Capitã Dona Edna, filha da primeira Rainha da Congada, Maria Abadia, e sobrinha do Capitão atual, João Batista Ferreira, sigo com meus familiares, consanguíneos e comunitários, a continuidade da palavra empenhada entre nós: a de que nossa cultura nunca irá acabar...

Considerações Finais

A trajetória do Terno de Congada Chapéus de Fitas demonstra que tradição, fé e família caminham juntas. O grupo nasceu de uma promessa, fortaleceu-se pela união comunitária e permanece vivo graças ao compromisso das gerações que continuam transmitindo seus conhecimentos. Hoje, os filhos, netos, bisnetos, sobrinhos e a comunidade dão continuidade a esse legado que foi cantado em um dos últimos desfiles do Fefol de que meu avô participou. A saudade ainda dói e machuca muito, mas, mais do que preservar uma manifestação cultural, a Congada preserva as narrativas dessas pessoas: as histórias, memórias, afetos e modos de viver. A Congada ensina que quem nos antecedeu continua presente como parte da família, pelo amor que nunca acaba, pela história que é a memória da lembrança. Em cada canto cantado, em cada toque de tambor e em cada ensinamento compartilhado, suas presenças atualizam a tradição. Por isso, quando dizemos que família é para sempre, afirmamos que as pessoas que construíram essa tradição continuam vivas em nossas lembranças, em nossos valores e em nossas práticas cotidianas, sobretudo, em nossos corações. Amamos vocês! Gratidão!



Viva o patriarca Capitão José Francisco Ferreira.

Viva a matriarca Dona Edna Ferreira.

Viva o Terno de Congada Chapéus de Fitas.

Viva a memória dos antepassados que tornaram possível essa história.

O 'SEBASTIÃO SALGADO' DO VALE DO RIO GRANDE

Por **Cláudio Galleti**
Jornalista

Gabriel Jorge de Almeida fotografou os desfiles do FEFOL nos anos 1980; sua coleção veio à luz em 2025, quando a família doou parte do acervo impresso para o Museu do Folclore de Olímpia

Antes de falar sobre a sensibilidade do olhar, o enquadramento correto, a sagacidade da perspectiva ideal, a harmonia sincronizada entre luz e sombra, é preciso apresentar o homem que está por trás das lentes.

Gabriel é o barretense mais olimpiense que eu conheço. Casado com Maria Marta Nogueira de Almeida. Pai de Antônio Carlos Nogueira de Almeida, o Tunico.

Funcionário aposentado do Banco do Brasil (BB), é um aficionado pelos detalhes.

Articulou a compra do terreno e coordenou a obra de construção da Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), em Olímpia, onde hoje pousa pujante a estrutura do Hot Beach.

Entusiasta do Judô, foi tesoureiro da Associação Takahashi de Cultura Física, capitaneada pelo Sansei Sankiti Takahashi.

Pescador, cultivador de orquídeas, urucum e seringueira.

Leitor contumaz. Apreciador da boa música.

Agricultor criterioso. Contador exigente.

A Fotografia é a "apoteose" de um homem em constante movimento e na permanente busca pela evolução.

Chegar à imagem do "Sebastião Salgado do Vale do Rio Grande" é semelhante a montar um quebra-cabeça de muitas milhares de peças.

Cada clique perfeito; cada imagem capturada; cada história contada; traduz o sentimento e a sensibilidade de quem fez dos desafios da vida os pilares para a construção de uma vida melhor.

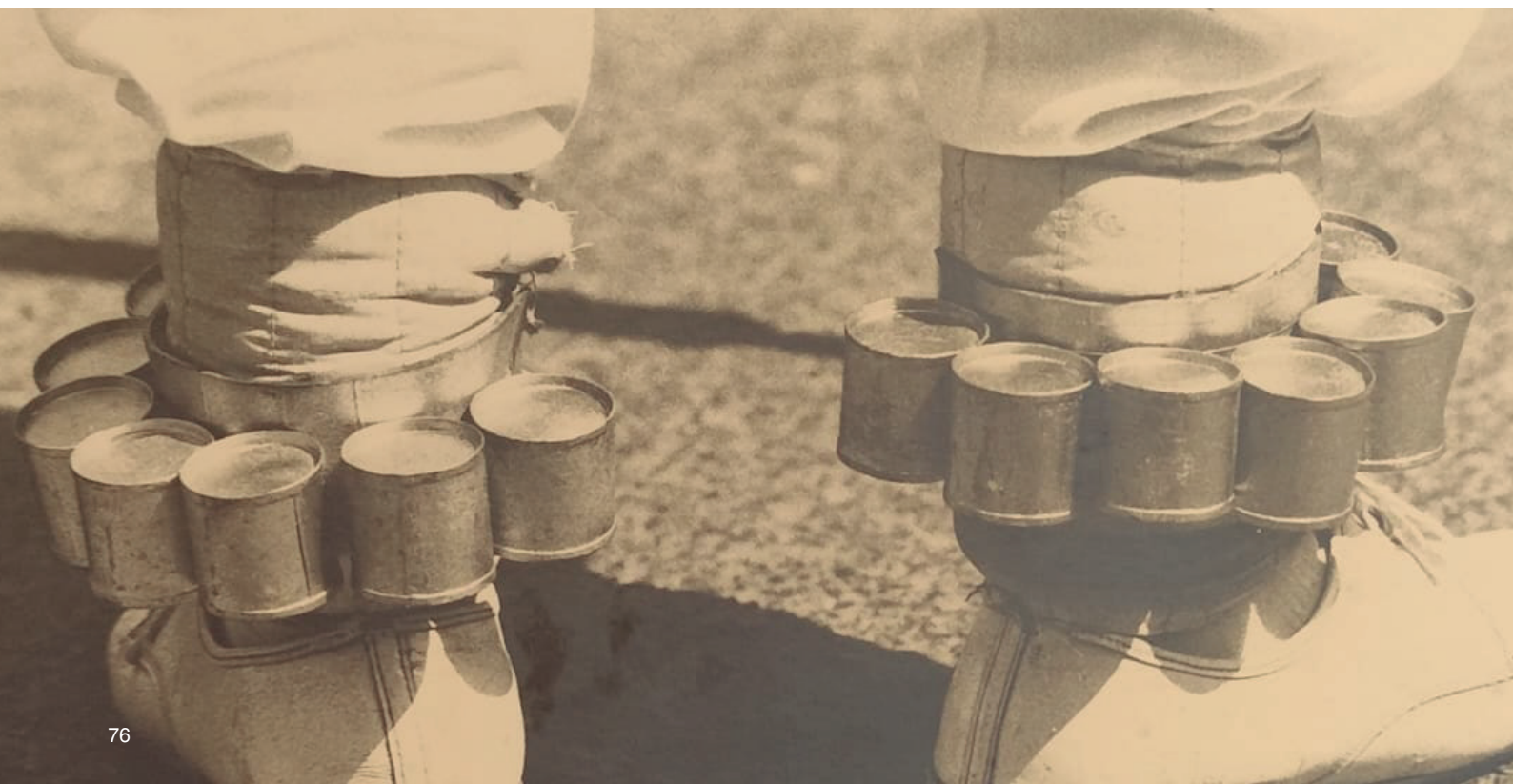
Homem de sorriso largo, do abraço apertado, da gargalhada generosa.

Gabriel perdeu o pai cedo. Cuidou da mãe, dos irmãos e assumiu o comando da pequena propriedade rural, localizada em Jaborandi.

Da roça, carrega a bagagem da sabedoria popular.

Do campo, a vivência de lapidar o olhar certo, desbravador, pioneiro.

Da profissão, a responsabilidade de percorrer as lavouras, financiadas pelo Banco do Brasil, com integrante da equipe de fiscais da Carteira Agrícola.



Da vida, o prazer de contemplar a natureza. Nas pescarias ou nas viagens de férias.

Nos rios ou no mar, sempre uma imagem a traduzir o momento.

Em um primeiro momento, preferia o slide em fotografia que permitia imagens mais nítidas com os detalhes mais aparentes.

Era a época da natureza rara. Paisagens, animais, as orquídeas a quem cultivava outra paixão, o horizonte largo.

O preto e branco chegou como um desafio, de buscar o equilíbrio entre o claro e o escuro. Entre a luz e a sombra.

A fase “Sebastião Salgado” contempla, também, outra característica da personalidade do Grafil.

Organizado e disciplinado, nutre a determinação de percorrer os caminhos do começo ao fim.

Com o preto e branco, o fotógrafo se transforma em um alquimista.

Ele precisa dominar todo o processo. Do ajuste do filme na máquina até ver a foto revelada no papel.

Da sensibilidade do filme à luz. Da abertura do diafragma. Da velocidade do obturador. Do ângulo perfeito. Do enquadramento ideal.

Todas peças a serem observadas antes do clique e ao tempo de flagrar o “retrato” desejado.

Na Era da Fotografia Analógica, com o recurso do filme, o fotógrafo tinha que ter a precisão de um atleta olímpico que precisa atingir o centro do alvo para conquistar o sonho de subir no lugar mais alto do pódio. Cada clique valia “medalha de ouro”.

Para atingir um nível de padrão superior era preciso muita leitura e vários contatos com outros fotógrafos para o intercâmbio de experiências e a troca de ideias.

Gabriel, cidadão de cultura rara, “mergulha fundo” na busca do conhecimento.

Livros e revistas especializadas são companheiros inseparáveis.

Nesta fase, sob a mira do olhar, os alvos são parentes, amigos, lugares por onde passa e consegue compor um cenário para explorar a nuance da sombra e valorizar os contornos.

A Glória era agosto. Na segunda semana do mês, máquinas, lentes, pilhas e filmes preparados.

“Armado até os dentes” saía em busca do Bumba Meu Boi, Folias de Reis, Congados, Reisados, Samba de Roda, Chapéu de Fitas, Bacamarteiros e as mais diversas manifestações folclóricas que desfilavam pelas ruas de Olímpia sob a batuta do Professor José Sant’anna.

No Fefol, Gabriel se esbaldava. Era onde o olhar certo, contemplativo, desbravador, pioneiro, superava-se.

Apesar de as câmeras a tiracolo, Gabriel circulava invisível.

Na vida e na arte é Homem de muitos amigos, mas de pouca badalação.

Tanto que os “tesouros” registrados pelas lentes dele era de conhecimento de um seletivo grupo de pessoas.

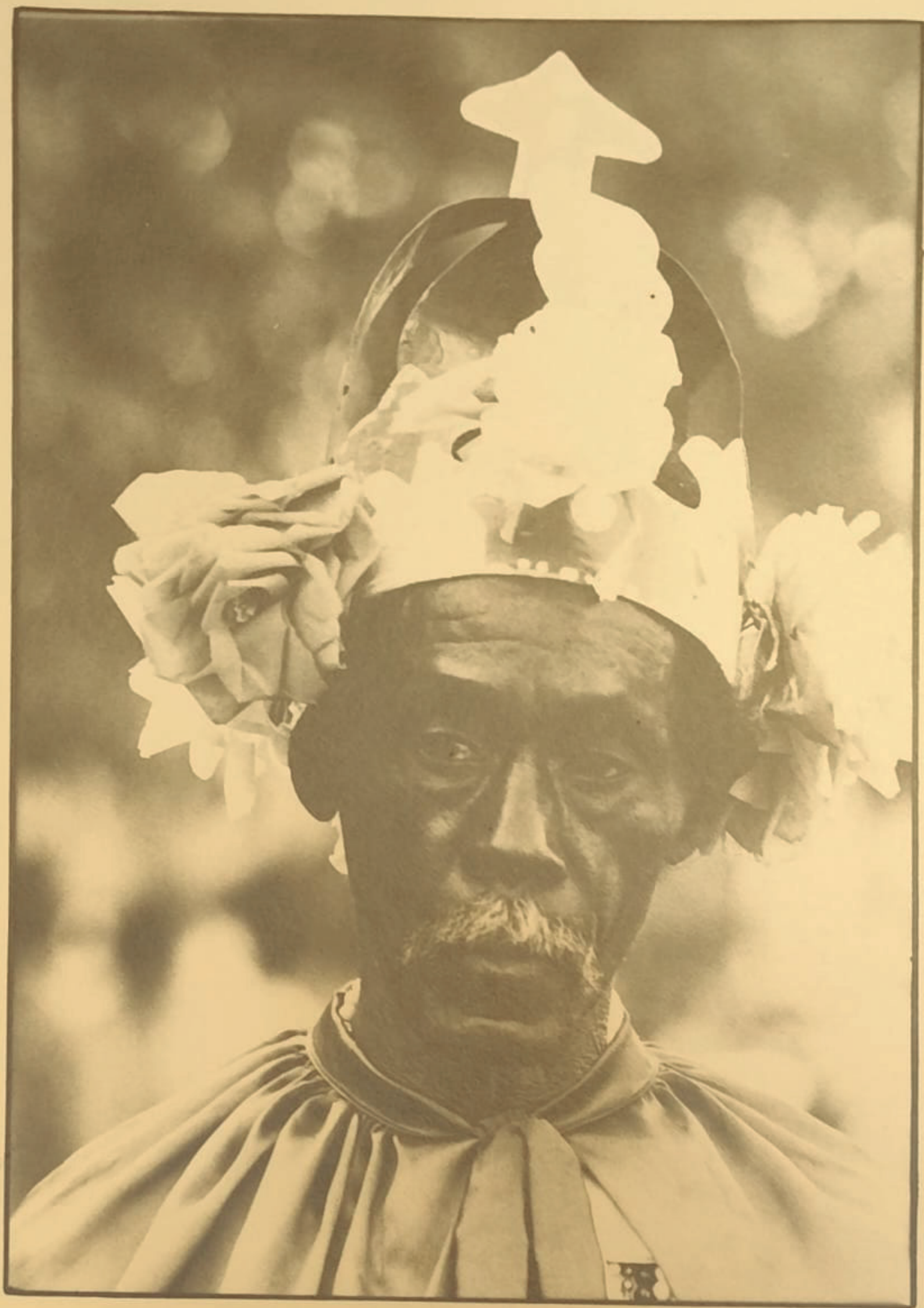
Em Olímpia, Gabriel acumula a bagagem de viver as três principais fases da história recente do Município: Cidade Menina Moça, Capital Nacional do Folclore e, a hoje celebrada, Estância Turística; a Terra dos Thermas dos Laranjais.

Na vida, reúne uma trajetória vitoriosa de agricultor, articulador e conciliador.

Na Fotografia, encontrou a expressão ideal para eternizar as memórias de uma vida bem vivida.











A VIOLA QUE VOLTA PARA CASA:

Patrimônio Imaterial no FEFOL

Por **Robson Batista Ferraz**

Pesquisador em Dança e Patrimônio Cultural Imaterial

No Dia dos Pais do ano passado, liguei para meu pai, Aparecido Batista Ferraz, enquanto estava no Recinto do Folclore "Professor José Sant'anna", durante o Festival do Folclore de Olímpia. Disse a ele onde eu estava. Houve uma pausa. Então ele respondeu algo que eu não esperava:

"Eu nasci em Olímpia."

Sempre acreditei que ele tivesse nascido em Catanduva. Meu pai explicou que nasceu na Fazenda dos Coqueiros e que, ainda bebê, mudou-se com a família para Catanduva, onde cresceu. Naquela noite, sentado no mesmo chão onde tantas gerações tocaram, cantaram e celebraram suas tradições, entendi que eu não estava apenas acompanhando um festival. Sem perceber, também estava voltando para casa.

Meu pai é violeiro. Aprendeu a tocar observando os mais velhos. Escutava, imitava, errava e tentava novamente. A viola chegou até ele pela convivência. Foi assim que esse conhecimento circulou por gerações no interior paulista. E é justamente nesse processo de transmissão que encontramos uma das expressões mais significativas do patrimônio cultural imaterial.

O que o folclore guarda

Antes de falar sobre convenções e políticas de preservação, vale olhar para aquilo que o folclore reúne. A palavra deriva dos termos ingleses folk e lore, que podem ser entendidos como saberes do povo. Trata-se do conjunto de histórias, crenças, práticas, celebrações e conhecimentos transmitidos de geração em geração.

São as narrativas sobre o Saci e a Mula-sem-Cabeça. São os cantos das folias de reis, as rezas, os festejos, as danças e os modos de fazer que atravessam o tempo porque continuam encontrando quem os pratique.

Também fazem parte desse universo os encantados. Presentes em diferentes tradições populares brasileiras, eles habitam histórias ligadas a rios, matas, caminhos e lugares de memória. Suas narrativas ajudam a transmitir ensinamentos, explicar fenômenos e fortalecer vínculos entre comunidades e territórios.

Esse patrimônio não vive em arquivos ou vitrines. Vive nas pessoas. Por isso depende da transmissão. Quando uma história deixa de ser contada ou um saber deixa de ser compartilhado, parte desse universo corre o risco de desaparecer.

Meu pai nunca havia mencionado que nasceu em Olímpia. Aquela conversa me fez pensar em quantas histórias familiares permanecem guardadas, esperando apenas uma pergunta para voltarem a circular.

Patrimônio imaterial: da experiência ao reconhecimento

A preocupação com a preservação desses saberes ganhou força internacionalmente ao longo da segunda metade do século XX. Em 2003, a Unesco aprovou a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, definindo esse patrimônio como práticas, expressões, conhecimentos e técnicas reconhecidos pelas comunidades como parte de sua identidade e continuamente recriados ao longo do tempo.

No Brasil, o Decreto nº 3.551, de 2000, instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e criou instrumentos voltados ao reconhecimento e à salvaguarda desses bens.

Em São Paulo, o Condephaat ampliou sua atuação nas últimas décadas para incluir também o patrimônio cultural imaterial. Além da proteção de edifícios, sítios históricos e paisagens culturais, o órgão passou a reconhecer celebrações, saberes e referências culturais que ajudam a compreender a diversidade da cultura paulista.

Olímpia e a cultura que permanece em movimento

O Festival do Folclore de Olímpia compreendeu a importância desse patrimônio muito antes de ele ganhar definições jurídicas e reconhecimento internacional.

Desde 1965, quando o professor José Sant'anna transformou iniciativas escolares em um movimento cultural de alcance nacional, o festival tem promovido a circulação de saberes, memórias e práticas tradicionais. Seu mérito está justamente em manter essas expressões em movimento, permitindo que sejam vividas, compartilhadas e recriadas por novas gerações.

Durante os dias de festival, Olímpia recebe representantes de diferentes tradições culturais do país. O folclore ocupa o recinto, as escolas, as ruas e diversos espaços da cidade. Crianças e jovens encontram manifestações que talvez nunca tenham visto de perto e passam a reconhecer nelas parte da riqueza cultural brasileira.

Em 2026, o festival celebra o estado do Rio de Janeiro sob o tema "Aquele Abraço". A homenagem reúne expressões culturais de diferentes origens e lembra que as tradições populares continuam presentes tanto nas pequenas cidades quanto nos grandes centros urbanos, reinventando-se sem perder seus vínculos com a memória coletiva.

Aquele abraço

O patrimônio imaterial não é algo que se guarda. É algo que se compartilha.

Está na mão que ensina os primeiros acordes da viola. Está na história contada ao redor da mesa. Está nos cantos, nas festas, nas crenças e nos modos de viver que passam de uma geração para outra.

Quando liguei para o "Seu Aparecido" naquele Dia dos Pais e contei que estava em Olímpia, ele não me revelou apenas o lugar onde nasceu. Devolveu uma parte da minha própria história.

Talvez seja esse o abraço que o FEFOL oferece ano após ano. Não apenas a oportunidade de conhecer tradições brasileiras, mas a possibilidade de reconhecer nelas algo de nós mesmos.

Que o festival continue sendo esse lugar de encontro, memória e transmissão. Um lugar onde o Brasil se reconhece em sua diversidade e onde histórias antigas seguem encontrando novos caminhos para permanecer vivas.



AS FOLIAS DE REIS DE OLÍMPIA:

Tradição, música e devoção na Capital Nacional do Folclore

Por **Estêvão Amaro dos Reis**

Doutor em Música pela UNICAMP

Autor do livro 'O Folclore é um Processo'

Eles chegam tocando

Sanfona e violão

Os pandeiros de fita

Carregam sempre na mão¹



Figura 1. Folia Magos do Oriente, Embaixador Toninho Alves, Olímpia, SP
Fonte: Estêvão dos Reis (2026)

A Folia de Reis, também conhecida em diferentes regiões do Brasil como Companhia de Reis ou Reisado, figura entre as mais expressivas manifestações das culturas populares brasileiras. Vinculada ao ciclo natalino e às celebrações da Epifania, momento em que a tradição cristã relembra a visita dos Reis Magos ao Menino Jesus, essa prática chegou ao país por meio da herança ibérica trazida pelos colonizadores portugueses. Ao longo dos séculos, incorporou elementos das culturas locais, assumindo características próprias em cada região e consolidando-se como uma das mais importantes expressões da religiosidade popular brasileira.

Todos os anos, entre os dias 25 de dezembro e 6 de janeiro², grupos de foliões percorrem ruas, bairros e comunidades em um ritual conhecido como giro.³ Munidos de bandeiras, instrumentos musicais e cantorias, visitam casas e famílias levando bênçãos, fé e devoção. A jornada simboliza a peregrinação dos Reis Magos em direção a Belém, transformando ruas e residências em espaços ritualizados de encontro, partilha e celebração.

Mais do que uma manifestação religiosa, a Folia de Reis constitui um importante mecanismo de preservação da memória coletiva e dos vínculos comunitários. Como observa Suzel Ana Reily (2014), as folias funcionam como associações católico-populares organizadas de forma autônoma e voluntária, nas quais música, devoção e pertencimento se articulam em uma experiência compartilhada. A cada ano, a renovação dos cortejos reafirma não apenas a narrativa bíblica, mas também os laços afetivos e identitários que sustentam as comunidades envolvidas.

Entre as narrativas míticas associadas à origem da tradição, destaca-se aquela segundo a qual, após oferecerem ouro, incenso e mirra ao Menino Jesus, os Reis Magos teriam recebido de Nossa Senhora instrumentos musicais em sinal de agradecimento. A narrativa ajuda a compreender a centralidade da música na Folia de Reis, elemento que conduz o cortejo, emociona os participantes e dá sentido à celebração.

Entre os diversos contextos em que essa tradição se desenvolveu, Olímpia ocupa posição singular. Reconhecida nacionalmente como Capital do Folclore, a cidade abriga um dos mais importantes conjuntos de Companhias de Reis do interior paulista, preservando estilos musicais, personagens e formas de devoção que conferem identidade própria à manifestação.

Folia de Reis no Brasil: unidade e diversidade

Embora compartilhe fundamentos religiosos e estruturais em diferentes regiões do país, a Folia de Reis apresenta variações significativas em seus personagens, repertórios musicais, instrumentos, indumentárias e formas de organização. Essas diferenças revelam a capacidade da manifestação de

¹ Trecho da canção A Festa do Santo Reis, de Tim Maia.

² Devido à dinâmica da vida na cidade, muitas folias passaram a antecipar o início de seus giros, começando ainda em meados de novembro, geralmente nos finais de semana, para conciliar a tradição com a rotina de trabalho. A justificativa é que, dessa forma, conseguem mais tempo para arrecadar os alimentos destinados para a realização da Festa de Chegada de Reis.

³ No passado, as folias de reis estavam presentes principalmente nas zonas rurais das pequenas cidades. Atualmente, porém, essa manifestação cultural também pode ser encontrada nos bairros periféricos dos grandes centros urbanos e nas áreas urbanas das pequenas cidades, reflexo do processo de migração em busca de melhores condições de vida.

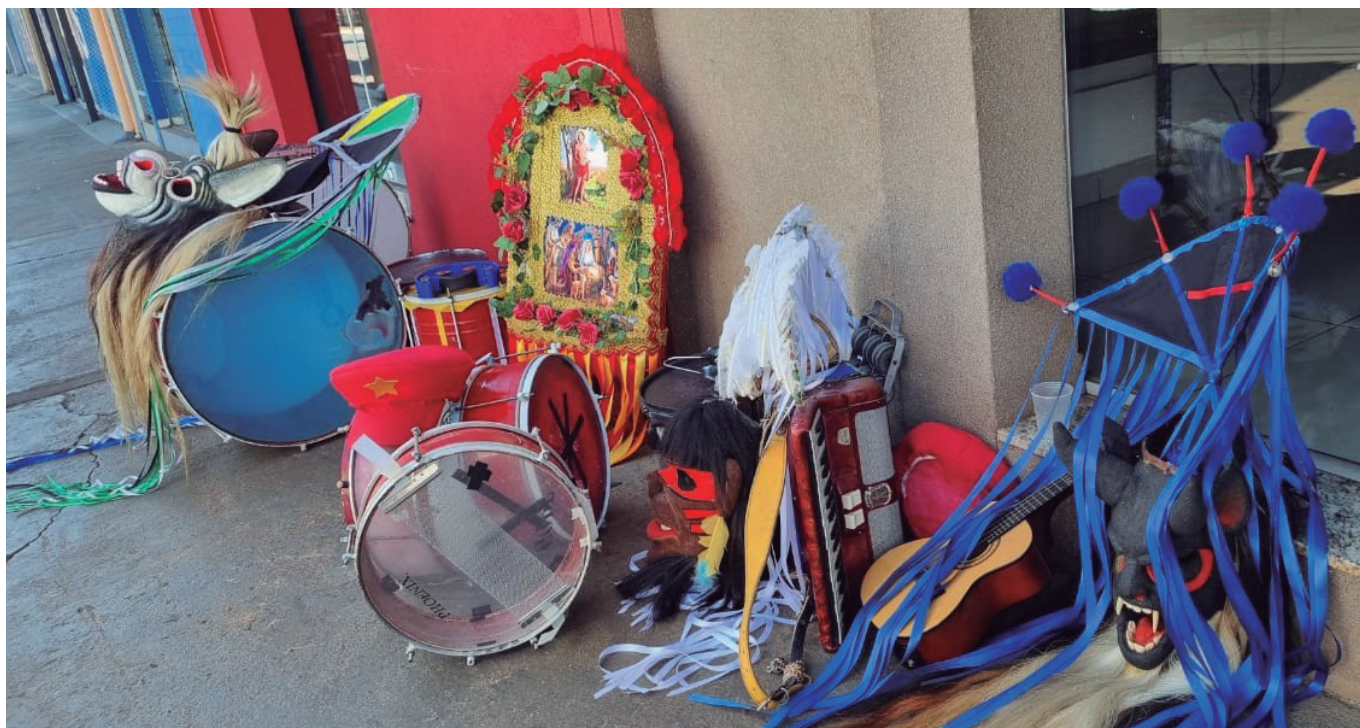


Figura 2. Instrumentos musicais Folia Nova Estrela do Oriente, Miracema, RJ
Fonte: Camila Pedrozo (2024)

dialogar com os contextos culturais locais, incorporando influências históricas e simbólicas próprias de cada comunidade.

As diferenças regionais da Folia de Reis podem ser observadas de forma clara quando se colocam lado a lado as Companhias fluminenses que participaram do FEFOL nos últimos anos e as Folias de Reis de Olímpia.

Nas folias fluminenses, especialmente as de Miracema, destaca-se a forte presença da percussão, com o uso de tambores e caixas que, em muitos aspectos, aproximam sua sonoridade das baterias das escolas de samba. Essa característica reflete a influência das tradições afro-brasileiras presentes na região de Miracema, especialmente do jongo. Como resultado, os cortejos desenvolvem uma dinâmica rítmica intensa e marcante.

Também os personagens apresentam diferenças significativas. Em Miracema, os palhaços utilizam trajes volumosos e máscaras de grande impacto visual, frequentemente associadas a figuras fantásticas, grotescas ou demoníacas presentes no imaginário popular. Em Olímpia, embora também exerçam funções simbólicas semelhantes, esses personagens assumem características visuais próprias, vinculadas à tradição local.

As diferenças observadas demonstram como uma mesma matriz religiosa pode originar manifestações culturais distintas, preservando elementos essenciais enquanto incorpora marcas identitárias específicas de cada território.



Figura 3. Palhaços, Folia Nova Estrela do Oriente, Miracema, RJ
Fonte: Acervo do grupo (2026)

As Folias de Reis na Capital Nacional do Folclore

Em Olímpia, a tradição das Folias de Reis permanece profundamente vinculada às famílias de reiseiros que, há gerações, mantêm vivos os giros, cantorias e promessas dedicados aos Santos Reis. Atualmente, o município abriga onze⁴ Companhias em atividade, algumas delas com trajetória próxima de um século, evidenciando a força e a continuidade dessa manifestação na cultura popular local. Para além do âmbito religioso, as folias de reis constituem um dos pilares da identidade cultural olimpiense, desempenhando papel fundamental na transmissão de saberes ligados à música, à oralidade, à confecção de instrumentos, à produção de indumentárias e à organização comunitária das festas, atuando como espaços de sociabilidade e formação

⁴ Nos últimos anos, faleceram os mestres Loro (Folia Filhos de Maria), José Ferreira (Folia Estrela da Paz) e Adelis Paula dos Santos (Folia Santos). Após essas perdas, as Folias Santos e Filhos de Maria encerraram suas atividades, a Folia Estrela da Paz segue em atividade, com o mestre João Ferreira, filho de José Ferreira.

cultural, reunindo diferentes gerações em torno de práticas compartilhadas que fortalecem o sentimento de pertencimento à comunidade.

As Folias de Reis tiveram papel decisivo nos primeiros anos do Festival do Folclore de Olímpia (FEFOL), contribuindo diretamente para a construção da identidade cultural que transformaria a cidade na reconhecida Capital Nacional do Folclore.

Nesse processo, destacaram-se especialmente os mestres da família Miranda, importantes interlocutores do professor José Sant'anna durante as primeiras iniciativas de pesquisa e valorização das manifestações populares locais. Seus conhecimentos, repertórios musicais, memórias e experiências ajudaram a fundamentar a compreensão das tradições populares que posteriormente seriam incorporadas ao festival.

A participação constante das Companhias nos primeiros Festivais permitiu que as Folias de Reis se tornassem uma das referências simbólicas da cultura olimpiense. Ao lado de outras manifestações populares, contribuíram para consolidar uma imagem da cidade associada à preservação e valorização do patrimônio cultural imaterial brasileiro.

Sonoridades reiseiras: os estilos musicais de Olímpia

A música constitui um dos elementos centrais das Folias de Reis. Em Olímpia, os próprios foliões classificam seus estilos como “à moda baiana”, “mineira” ou “paulista”, distinções relacionadas às formas de cantar, às estruturas melódicas e aos instrumentos utilizados nos cortejos.

As folias à moda mineira caracterizam-se pela presença reduzida de instrumentos de percussão e pelo destaque dado às vozes. Violas, violões, cavaquinhos, bandolins, pandeiros e bumbos acompanham um elaborado sistema de canto coletivo, no qual as vozes entram gradualmente até culminarem na voz mais aguda, conhecida como tala ou requinta.

Já as folias à moda baiana apresentam uma sonoridade sustentada pelo canto em duas vozes paralelas, aproximando-se da tradição das duplas caipiras. Uma de suas marcas mais características é a utilização de duas flautas artesanais, geralmente confeccionadas em alumínio, que acompanham e ornamentam as melodias vocais.

O conjunto instrumental inclui ainda bumbo, caixa, pandeiros, afoxés, violões, violas e cavaquinhos, produzindo uma sonoridade vibrante que combina devoção e celebração. Não por acaso, esse estilo tornou-se predominante entre as Companhias olimpienses.

Destaca-se ainda a Companhia Estrela da Paz, conduzida pelo embaixador João Ferreira, reconhecida como a única representante do chamado estilo paulista no município. Entre suas singularidades encontra-se a ausência da figura do palhaço, característica rara no contexto das folias locais.



Figura 4. Instrumentos musicais da folia à moda baiana
Fonte. Estêvão dos Reis (2023)



Figura 5. Flautista da Folia Estrela da Guia
Embaixador Valdevino Ambrósio, Olímpia, SP
Fonte. Estêvão dos Reis (2020)



Figura 6. Flautas da Folia Os Viajantes de Santos Reis
Embaixador Geraldo dos Santos, Olímpia, SP
Fonte. Estêvão dos Reis (2023)



Figura 7. Instrumentos musicais folia à moda mineira, Folia Família Fernandes
Embaixador Nilson Fernandes, Olímpia, SP
Fonte. Estêvão dos Reis (2024)

Os fardados e a dimensão simbólica do cortejo

Nas Folias de Reis de Olímpia, os palhaços são tradicionalmente conhecidos como fardados e ocupam posição central na dimensão simbólica da celebração.

Em torno deles gravitam promessas, devoções e compromissos familiares transmitidos entre gerações. Não é incomum que famílias prometam “colocar a criança na farda” caso uma graça seja alcançada, iniciando-a ainda pequena na tradição. Muitos permanecem vinculados às Companhias durante toda a vida.



Figura 8. Fardados da Folia de Reis Santos
Embaixador Adélis Paula dos Santos (1952-2024)
Fonte. Estêvão dos Reis (2022)



Figura 9. Fardado Pedro Delamodarme dança com crianças observando,
Folia de Mensageiros da Paz, Olímpia, SP
Fonte. Estêvão dos Reis (2019)

Os fardados exercem funções fundamentais dentro do cortejo. Com máscaras, roupas ornamentadas e movimentos coreografados, protegem simbolicamente a bandeira e a Companhia, abrindo caminho para os foliões durante o giro. Em Olímpia, sua origem é frequentemente associada aos soldados do rei Herodes que, arrependidos da perseguição ao Menino Jesus, passaram a acompanhar os Santos Reis em sua peregrinação.

As máscaras constituem um dos elementos visuais marcantes da tradição olimpiense. Produzidas artesanalmente com couro, tecido, metal, alumínio, flores artificiais e fitas coloridas, apresentam frequentemente longas barbas, característica distintiva das folias locais. Lantejoulas, espelhos, franjas e chapéus ornamentados completam a composição visual desses personagens.

Mais do que adornos, as máscaras simbolizam um processo de transformação ritual. Durante o giro, o fardado mantém seu rosto oculto, retirando a máscara apenas diante do presépio, em um gesto carregado de respeito, devoção e profundo significado simbólico.



Figura 10. Fardados tiram a máscara diante do presépio
Folia Família Fernandes, Olímpia, SP
Fonte. Estêvão dos Reis (2024)

A Festa de Chegada e a vida comunitária

As práticas ligadas às Companhias de Reis revelam uma forma de organização profundamente coletiva. O giro e a realização das Festas de Chegada dependem da colaboração de dezenas de pessoas envolvidas direta ou indiretamente com a tradição.

Durante a jornada, moradores recebem as Companhias em suas casas, oferecem refeições, realizam doações e renovam promessas aos Santos Reis. Algumas famílias assumem a guarda da bandeira durante o percurso, função cercada de prestígio e significado religioso.

As Festas de Chegada representam o momento culminante do ciclo ritual. Realizadas geralmente no dia 6 de janeiro ou em datas próximas, reúnem foliões, devotos e visitantes em grandes encontros comunitários marcados por rezas, cantorias e refeições coletivas.



Figura 11. Chegada de Reis da Folia Família Miranda
Embaixador Toninho Miranda, Olímpia, SP
Fonte. Estêvão dos Reis (2024)

Nessas ocasiões, os Reis Festeiros desempenham papel fundamental na organização da celebração, assumindo responsabilidades financeiras e logísticas. As Festas de Chegada não são simples comemorações, simbolizam o cumprimento de promessas, a renovação da fé e o fortalecimento dos laços de solidariedade que sustentam a vida comunitária.

Considerações finais

As Foliias de Reis de Olímpia constituem muito mais do que uma herança cultural transmitida ao longo das gerações. Representam uma tradição viva, continuamente recriada por seus participantes por meio da música, da devoção, dos encontros comunitários e dos modos próprios de organizar e celebrar a festa.

Seus estilos musicais, seus fardados, suas festas e suas formas de organização conferem à manifestação características singulares que a distinguem das folias encontradas em outras regiões brasileiras. Ao mesmo tempo, mantêm viva a memória de famílias e comunidades que encontram nessa tradição um espaço de fé, pertencimento e construção de identidades coletivas.

Em uma cidade reconhecida nacionalmente como Capital do Folclore, as Foliias de Reis permanecem entre as mais importantes expressões do patrimônio cultural local. Sua permanência, contudo, não decorre da simples conservação de costumes do passado, mas da capacidade de seus praticantes de renovar continuamente a tradição, mantendo vivos seus significados religiosos, sociais e culturais.

Ao final da jornada, quando as bandeiras retornam ao ponto de partida e a Festa de Chegada reúne foliões, familiares, devotos e visitantes, torna-se visível o sentido mais profundo da manifestação. Mais do que encerrar um ciclo ritual, esse momento reafirma laços comunitários, atualiza memórias compartilhadas e projeta a tradição para o futuro.

As Foliias de Reis de Olímpia demonstram que o folclore não é um conjunto de práticas imobilizadas pelo tempo. Ao contrário, permanece vivo porque continua sendo recriado por aqueles que o vivenciam. É nesse equilíbrio entre continuidade e transformação que reside sua força como expressão da cultura popular brasileira e como patrimônio cultural em permanente processo de renovação.



FOLCLORE & CASCUDO

Por **Anna Maria Cascudo Barreto** (*In Memoriam*)

Abertura do 47º Festival de Folclore de Olímpia (FEFOL), São Paulo, 2011.

Considerado, por Carlos Drummond de Andrade, o Homem a quem se consultava sobre tudo, e por Jorge Amado, um trabalhador infatigável, cuja obra gigantesca tinha a dimensão dos projetos de uma Universidade, Câmara Cascudo lançou métodos científicos e pioneiros de pesquisa, investigação sistemática e saber desinteressado.

A atividade de folclorista-persistente, constante, profunda – surgiu pela ânsia de reconstituir os valores nacionais. Ele a descreveu como “a busca da permanência, aquilo que resiste ao tempo”. Sim, folclore é continuidade. Eterno porque vem do povo, novo por resistir ao tempo.

A cultura popular, que ele trouxe à tona, resgatou, aprofundou e deu foros de ciência, o fez ser apontado por Stith Thompson como “um dos melhores e mais perfeitos entre os maiores folcloristas do mundo”.

A determinação do meu pai em preservar e imortalizar informações torna-se ainda mais impressionante se considerarmos a ausência de bibliotecas e de documentos escritos, que guardavam pequena parcela do seu passado. Por isso, as fontes orais são tão preciosas para a composição e feitura das suas pesquisas históricas.

A Literatura Oral, que na classificação dos fenômenos folclóricos, inclui os contos de fadas, anedotas, causos, desafios, provérbios, par lendas, cantos, orações, enfim, manifestações culturais de fundo literário são transmitidas por processos não gráficos, preservando-se na memória do povo (*Dicionário do Folclore Brasileiro*/Luís da Câmara Cascudo).

Hoje, com a globalização, a técnica e a informática, sua obra parece – como disse o Senador José Sarney, “resultante de um passe de magia, de um milagre”.

Diferentemente da maioria dos escritores da época, que viam com indiferença e até desprezo a manifestação da alegria do povo, Cascudo defendia, participava, estudava os eventos tradicionais, considerando-os expressão legítima dos sentimentos regionais.

Apenas para ainda enriquecer o comprovado pioneirismo cascudiano, quanto à sua obra e aos seus estudos, queremos apresentar publicamente uma descoberta feita pela Diretora do Ludovicus - Instituto Câmara Cascudo, Daliana Cascudo Roberti Leite, que localizou na Revista do Brasil, número 67, julho de 1921, tendo como Diretores Afrânio Peixoto e Monteiro Lobato, e editada por Monteiro Lobato, um artigo intitulado “O Aboiador”, cujo texto, de beleza e



Acervo privado Ludovicus – Instituto Câmara Cascudo



perfeição dignas de um perito em palavras e idéias, já valorizava, analisava e investigava o encantamento e originalidade do som do nosso sertão.

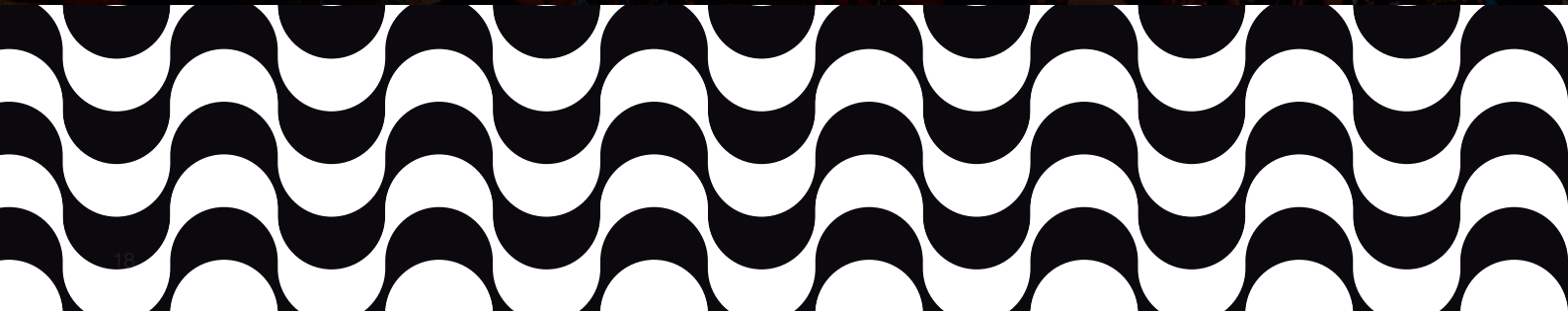
Anterior ao modernismo, podemos assegurar que ninguém o influenciou. Ele encontrou na sua sensibilidade e vasta erudição a resposta à legítima cultura do cotidiano.

Em 1941, quando criou a Sociedade Brasileira de Folclore, na cidade do Natal, já ensinava como e quando coletar material e em carta a Mário de Andrade animava-o a fazer associação semelhante, explicando detalhes da administração interna e externa. Daí, a explicação da frase do anteriormente citado Stith Thompson que o nomeia como “real e definitivo

responsável pelo estudo e propagação científica da cultura popular no Brasil”.

Na qualidade de sua filha, Presidente de Honra da Comissão Norte-Riograndense de Folclore, membro da mesma desde sua fundação, herdeira do seu acervo material e intelectual, com familiares seguimos, juntando os mosaicos para reunir em vitral iluminado a continuidade de sua obra múltipla e a lembrança de sua personalidade fascinante, conduzindo para o poente infinito e colorido a universidade do seu pensamento que o amor do povo não deixou apagar, conservando-o atual, presente como a beleza diária dos crepúsculos que ele colecionava e que procurei registrar para sempre.

04





OLÍMPIA VIVA

DAS ÁGUAS DA MEMÓRIA AOS RIOS DO CONHECIMENTO:

A formação museológica de Olímpia entre folclore, turismo cultural e identidade territorial

Por **Rosiane da Silva Nunes**

Doutora e Mestre em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), Lisboa, Portugal, e Graduada em Museologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Museóloga COREM 187 - III, pesquisadora e funcionária pública municipal, atua em projetos relacionados ao patrimônio cultural, museus, folclore e processos de musealização comunitária.

"O que se vê é apenas parte do que existe."

(POLMIAN, 1984)

Resumo

O presente artigo analisa a formação museológica do município de Olímpia/SP, destacando o papel estruturante do Festival do Folclore de Olímpia (FEFOL), criado em 1965, e do Museu de História e Folclore "Maria Olímpia", constituído no mesmo contexto histórico como eixo fundamental da memória cultural local. A partir da metáfora das águas — elemento simbólico e econômico que marca a contemporaneidade olimpiense devido às águas thermais e ao turismo aquático — estabelece-se uma reflexão sobre os museus enquanto "rios de conhecimento", responsáveis pela preservação das memórias coletivas e pela produção de pertencimento cultural. O estudo demonstra que o fortalecimento do folclore impulsionou políticas de memória, ampliou o campo museológico local e contribuiu para a consolidação do turismo cultural como dimensão complementar ao turismo de lazer. Sob perspectiva da Museologia contemporânea e da Nova Museologia, compreende-se que os museus olimpienses ultrapassam a função preservacionista, constituindo-se como espaços de mediação simbólica, formação crítica e desenvolvimento territorial.

Palavras-chave: Olímpia; Museologia; Folclore; Patrimônio Cultural; Turismo Cultural; Memória Coletiva.

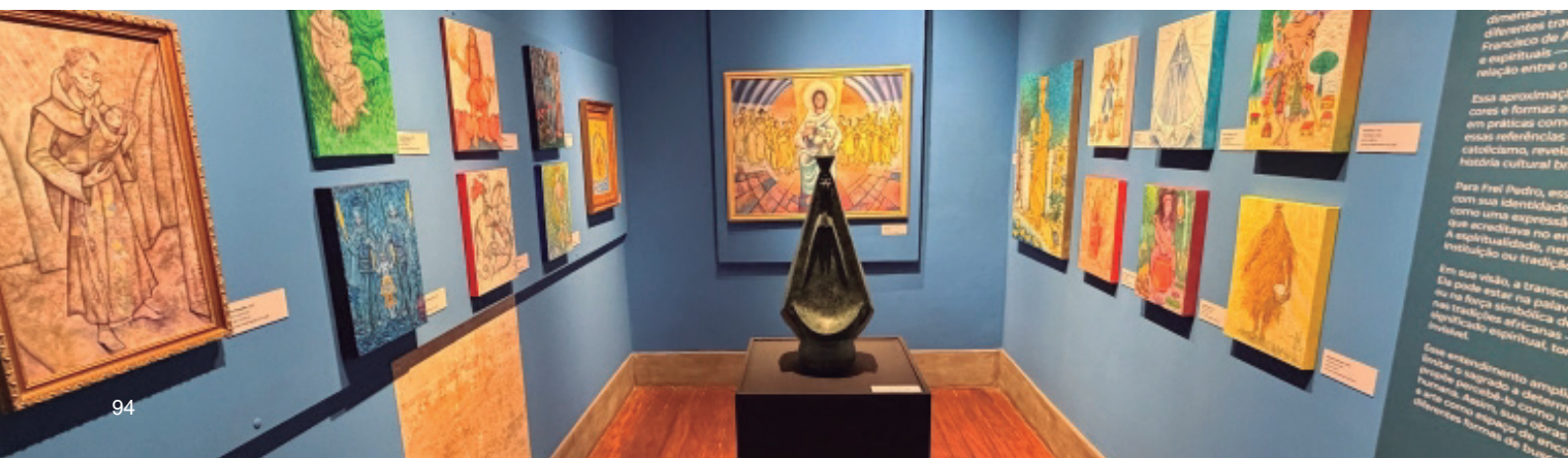
Introdução

Reconhecida nacionalmente pelas águas thermais e pelos parques aquáticos, Olímpia consolidou-se nas últimas décadas como um dos principais destinos turísticos do país. Entretanto, para além da paisagem associada ao lazer e ao entretenimento, existe um fluxo mais profundo que atravessa simbolicamente a cidade: o fluxo da memória cultural.

Assim como as águas brotam do território e transformam a economia local, o folclore também emergiu como força estruturante da identidade olimpiense. Nesse contexto, os museus configuram-se como rios simbólicos capazes de preservar experiências coletivas, fortalecer vínculos de pertencimento e produzir conhecimento social.

A gênese cultural de Olímpia encontra-se profundamente vinculada ao Festival do Folclore de Olímpia, realizado desde 1965 e reconhecido como um dos mais importantes festivais de cultura popular do Brasil. O surgimento do Museu de História e Folclore "Maria Olímpia", articulado ao mesmo movimento cultural, evidencia que memória e reconhecimento do folclore nasceram conjuntamente no processo de construção identitária do município.

Este artigo propõe refletir sobre a formação museológica olimpiense, compreendendo os museus locais como agentes de desenvolvimento cultural e como territórios de memória que ampliam as possibilidades simbólicas da cidade para além do turismo aquático.





1. Olímpia: das águas thermais às águas da memória

A história contemporânea de Olímpia é frequentemente narrada a partir da descoberta de suas águas quentes e da expansão do turismo thermal. Os parques aquáticos transformaram a economia local, reposicionando o município no cenário turístico nacional. Contudo, antes mesmo da consolidação do turismo como principal atividade econômica, Olímpia já possuía uma importante nascente cultural vinculada às manifestações populares e ao folclore.

Existe, portanto, uma dimensão simbólica que aproxima águas, memória e patrimônio cultural. Se as águas thermais alimentam o desenvolvimento econômico da cidade, a memória coletiva sustenta sua dimensão cultural e identitária.

Nesse contexto, os museus surgem como rios de conhecimento que atravessam o território, preservando experiências humanas, ampliando repertórios culturais e fortalecendo relações de pertencimento. A metáfora das águas torna-se especialmente significativa porque o fluxo turístico contemporâneo encontra correspondência em outro fluxo, menos visível, porém, igualmente estruturante: o da memória social.

2. O FEFOL e a gênese cultural olimpiense

Criado em 1965, o Festival do Folclore de Olímpia consolidou-se como principal marco estruturador da identidade cultural olimpiense. O festival projetou nacionalmente o município, transformando-o em referência na preservação e difusão da cultura popular brasileira.

O contexto de criação do FEFOL coincide com importantes debates nacionais relacionados ao

patrimônio cultural, à identidade brasileira e à valorização das culturas populares. Em Olímpia, esse movimento ultrapassou os limites de um evento anual, constituindo uma consciência cultural permanente.

É nesse cenário que surge o Museu de História e Folclore “Maria Olímpia”, demonstrando que a preservação do folclore exigia continuidade, institucionalização e salvaguarda museológica. O museu nasce não apenas como espaço expositivo, mas como extensão simbólica do próprio festival.

Enquanto o FEFOL representa a oralidade, a celebração coletiva, a música e o movimento, o museu atua como espaço de permanência, preservando materialidades, narrativas e experiências vinculadas à cultura popular brasileira.

A relação entre festival e museu constitui uma das singularidades mais relevantes da formação cultural olimpiense.

3. Expansão museológica e políticas de memória

O fortalecimento do folclore e das políticas culturais favoreceu o desenvolvimento de uma ampla movimentação museológica em Olímpia. A cidade passou a estruturar novos espaços de preservação patrimonial, ampliando significativamente seu campo cultural.

Entre os equipamentos culturais consolidados — ou em processo de implantação — no contexto da expansão das políticas de memória e patrimônio em Olímpia, destacam-se o Museu do Folclore de Olímpia, cuja trajetória remonta à década de 1960 e permanece em contínua atuação até o presente; o Museu de Arte Sacra e Diversidade Religiosa, inaugurado em 2020; a ECO – Estação Cultural de Olímpia, implantada em 2021 a partir da requalificação do patrimônio ferroviário; o Museu de História e Arqueologia “Maria

Olímpia”, cuja origem institucional também se vincula às movimentações museológicas iniciadas na década de 1960; além de novos projetos em desenvolvimento, como o Museu da Cultura Indígena, o Museu do Bombeiro e o Centro Cultural “Espaço Ruy Ohtake”. Somam-se a esse panorama diversas iniciativas museológicas independentes e memoriais comunitários que ampliam a rede de preservação patrimonial e fortalecem a identidade cultural olimpiense. Destacam-se, nesse contexto, as exposições descentralizadas oriundas do Museu de História e Arqueologia, que promovem a democratização do acesso ao patrimônio e aproximam os acervos da comunidade.

Essa ampliação evidencia uma transformação importante: os museus deixam de atuar exclusivamente como espaços de guarda patrimonial e passam a assumir funções contemporâneas relacionadas à educação patrimonial, democratização cultural, mediação simbólica e formação crítica dos públicos.

Sob perspectiva da Nova Museologia, o patrimônio deixa de ser compreendido apenas como objeto material e passa a ser reconhecido enquanto experiência humana, memória compartilhada e construção coletiva de sentidos.

4. Museus, turismo cultural e desenvolvimento territorial

A consolidação de Olímpia como destino turístico nacional trouxe novos desafios relacionados à diversificação das experiências oferecidas aos visitantes e à ampliação do tempo de permanência turística no município.

Nesse contexto, os museus e os equipamentos culturais assumem papel estratégico no fortalecimento do turismo cultural. Os espaços museológicos passaram a complementar o turismo de lazer, oferecendo experiências educativas, patrimoniais e identitárias que ampliam a compreensão da cidade para além dos parques aquáticos.

A presença de museus públicos e iniciativas culturais privadas demonstram que a memória passou também a integrar a economia criativa contemporânea, fortalecendo a articulação entre patrimônio, cultura e desenvolvimento territorial.

Olímpia consolida-se, assim, como território onde águas e memória coexistem; onde patrimônio cultural e turismo dialogam; e onde lazer e identidade coletiva se fortalecem mutuamente.

5. Museus como rios de conhecimento

As reflexões desenvolvidas ao longo deste estudo permitem compreender os museus olimpienses como rios simbólicos que percorrem silenciosamente o território.

Se os parques aquáticos representam o fluxo das águas físicas, os museus representam o fluxo das águas da memória. São espaços que irrigam consciências, promovem pertencimento, ampliam horizontes culturais e fortalecem identidades coletivas.

A metáfora dos “olhos d’água”, primeiro nome atribuído à cidade de Olímpia, revela de maneira poética e simbólica a profunda relação entre território, memória e vida. A imagem da nascente torna-se especialmente significativa por representar aquilo que brota, se expande e gera continuidade. Assim como as águas alimentam rios e sustentam paisagens, o folclore tornou-se a grande fonte propulsora da vida cultural olimpiense. Desse fluxo nasceram museus, ações de preservação e novas possibilidades culturais, que passaram a fortalecer a identidade da cidade e ampliar suas formas de pertencimento, memória e desenvolvimento.

Os rios da memória atravessam Olímpia:

- nas exposições;
- nos acervos;
- nas festas populares;
- nas narrativas;
- nos processos educativos;
- e nas experiências afetivas construídas entre patrimônio e comunidade.

Mais do que instituições preservacionistas, os museus olimpienses constituem espaços vivos de produção simbólica e consciência coletiva.

5.1 Museu de Arqueologia e História "Maria Olímpia"

O Museu de Arqueologia e História "Maria Olímpia" foi criado/desmembrado em 2024 para preservar e comunicar a trajetória do município, reunindo elementos da arqueologia, das migrações, da economia, da cultura e do patrimônio local. A presente exposição com curadoria da museóloga Dra. Rosiane da Silva Nunes e Rodrigo Borges Marini, evidencia que a história de Olímpia começou muito antes da fundação da cidade, com a presença de povos originários associados aos troncos linguísticos Tupi e Macro Jê, cujos vestígios arqueológicos revelam ocupações humanas de aproximadamente 500 a 1.000 anos atrás.



MAHMO. Exposição de Longa Duração. Acervo Museu.

A ocupação do território foi favorecida pela abundância de nascentes, rios, áreas alagadas e solos férteis de terra roxa. Posteriormente, a região recebeu sucessivas ondas migratórias e imigratórias, envolvendo povos originários, negros, italianos, espanhóis, portugueses, japoneses, árabes e migrantes de diversas regiões do Brasil, formando a diversidade populacional que caracteriza Olímpia.



MAHMO. Exposição de Longa Duração. Acervo Museu.

A economia local desenvolveu-se inicialmente em torno da cafeicultura, que impulsionou o crescimento urbano, a chegada da ferrovia e a formação de grandes fazendas e colônias. Após as crises do café, especialmente a quebra da Bolsa de Nova York em 1929 e as geadas que afetaram as lavouras, a economia diversificou-se com o arroz, a laranja, o algodão, a agropecuária e, posteriormente, a cana-de-açúcar. Olímpia destacou-se, inclusive, como uma das principais produtoras de arroz do Estado de São Paulo até a década de 1970.

O Museu ressalta a importância das migrações na constituição da cidade, tanto no período das grandes fazendas quanto no contexto dos trabalhadores rurais, boias-frias e, mais recentemente, da construção civil. Essas movimentações populacionais contribuíram para a formação cultural, religiosa e social do município.

Também são destacados acontecimentos nacionais e internacionais que impactaram diretamente Olímpia, como a Revolução Constitucionalista de 1932, as Guerras Mundiais, a crise do café, as campanhas pela exploração de petróleo e as transformações do mercado agrícola global.

Outro marco fundamental foi a descoberta das águas termais durante perfurações em busca de petróleo na década de 1960. Décadas depois, essa descoberta possibilitou a criação do Termas dos Laranjais e, posteriormente, do Hot Beach, consolidando Olímpia como um dos principais destinos turísticos do Brasil, reconhecida nacionalmente pelas águas quentes e pelos parques aquáticos.

Por fim, o Museu enfatiza que a história de Olímpia é resultado da interação entre natureza, patrimônio, cultura, trabalho e mobilidade humana. As águas, que inicialmente favoreceram a permanência dos povos originários, continuam sendo elemento central da

identidade local, agora associadas ao turismo e ao desenvolvimento econômico. A narrativa reforça que o patrimônio cultural é uma ferramenta essencial para compreender o passado, valorizar as identidades e refletir sobre os desafios e transformações do presente.

5.2 Museu de Arte Sacra e Diversidade Religiosa de Olímpia e ECO: Estação Cultural de Olímpia

Neste artigo, com o propósito de registrar a memória das exposições realizadas nesses dois espaços museais, optou-se por uma abordagem mais descritiva, buscando contribuir para a preservação, sistematização e valorização das memórias institucionais, sem desconsiderar a relevância dos demais equipamentos culturais e iniciativas museológicas que, igualmente, compõem e fortalecem o cenário patrimonial e cultural olimpiense.



MASDRO. Exposição "Pra Ver e Sentir". Acervo Museu.

A atuação do MASDRO – Museu de Arte Sacra e Diversidade Religiosa de Olímpia – caracteriza-se pela amplitude conceitual e pela pluralidade simbólica de suas exposições. Entre os anos de 2020 e 2026 foram realizadas 10 Mostras Integradas e compondo 16 exposições, acompanhadas por ações educativas, mediações culturais, atividades patrimoniais e parcerias institucionais. A programação reuniu importantes coleções, curadores, pesquisadores e artistas vinculados ao Museu de Arte Sacra de São Paulo, a coleções particulares, à arte popular brasileira, à arte afro-brasileira, à arte barroca, arte sacra contemporânea às espiritualidades asiáticas e à fotografia contemporânea.

No eixo Arte Sacra e Patrimônio Religioso destacaram-se as exposições “Mestres e Anônimos do Barroco Luso-Brasileiro”, “Barroco Brasileiro”, “Arte Sacra para Ver e Sentir” e “Visualidades Franciscanas”. As mostras valorizaram a tradição artística cristã e o patrimônio sacro brasileiro, aproximando o público de importantes referências da imaginária, arte cristã contemporânea e da produção barroca nacional. O museu promoveu ainda experiências inclusivas por meio de recursos táteis e acessibilidade sensorial, como na exposição “Arte Sacra para Ver e Sentir”, concebida com réplicas tridimensionais acessíveis ao toque.



No que se refere à Religiosidade Popular, foram realizadas exposições como “Presépios”, “Devoções Populares”, “Diálogos Contemporâneos” e “Olhares Sagrados – A Espiritualidade na Cidade de São Paulo”, que evidenciaram manifestações populares de fé e aproximaram o museu das práticas culturais cotidianas da população brasileira. As mostras valorizaram ex-votos, oratórios, Folias de Reis, Congadas, povo de terreiro, manifestações urbanas e metropolitanas, além da arte popular devocional, fortalecendo o reconhecimento do patrimônio imaterial brasileiro como elemento central da identidade cultural nacional.



MASDRO. Exposição “O que Vem de Dentro”.

No campo da Diversidade Religiosa e Interculturalidade, o MASDRO diferencia-se por ampliar o conceito tradicional de museu de arte sacra, incorporando reflexões sobre diversidade religiosa, ancestralidade africa-

na, espiritualidades orientais, religiosidades híbridas, tolerância e respeito intercultural. Exposições como “A Outra África: Trabalho e Religiosidade”, “O Que Vem de Dentro” e “Crenças Asiáticas” promoveram importantes debates sobre sincretismo religioso, intolerância, identidade, ancestralidade e espiritualidade contemporânea.

Já no eixo Arte, Humanidade e Contemporaneidade, a exposição “O Que Vem de Dentro” destacou-se pela abordagem humanista e simbólica da espiritualidade, propondo reflexões acerca da liberdade, empatia, ancestralidade, diversidade e invisibilidade social. Nesse contexto, o museu posiciona-se como espaço contemporâneo de debate cultural, ultrapassando a dimensão exclusivamente contemplativa da experiência religiosa.



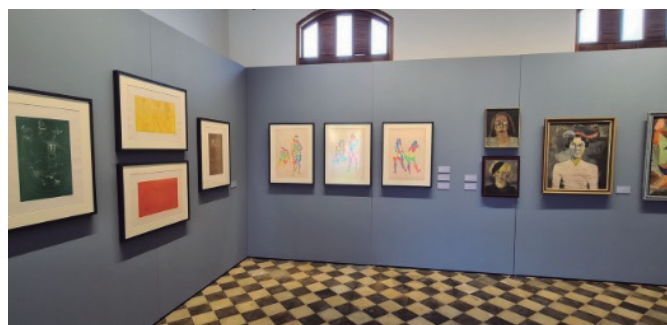
MASDRO. Exposição “A Outra África”. Acervo do Museu.

Por fim, o eixo Internacionalização e Diálogo Global esteve presente de maneira significativa na exposição “Crenças Asiáticas”, que ampliou o repertório cultural do museu ao apresentar conexões históricas entre Ásia,



África, Europa e Brasil colonial. A mostra evidenciou como os processos históricos de circulação cultural produziram identidades híbridas e formas complexas de espiritualidade que permanecem presentes na cultura brasileira contemporânea.

No que se refere à ECO – Estação Cultural de Olímpia, desde sua inauguração o espaço desenvolve uma programação contínua de exposições temporárias organizadas em “Mostras Integradas”, ocupando simultaneamente suas três galerias expositivas. Entre os anos de 2021 e 2026 foram realizadas 09 Mostras Integradas que totalizaram 21 exposições, acompanhadas por ações educativas, visitas mediadas, encontros curatoriais, atividades formativas e eventos culturais complementares, consolidando a ECO como importante polo de difusão artística e formação cultural no interior paulista.



ECO. Exposição Flávio de Carvalho. Acervo Museu.

A programação reuniu importantes nomes da arte moderna, contemporânea e popular brasileira, promovendo o diálogo entre artistas consagrados, produções regionais e diferentes linguagens estéticas. Participaram das exposições artistas e acervos vinculados a Flávio de Carvalho, Lasar Segall, Heitor dos Prazeres,

José Antônio da Silva, Edna Carla Stradioto, Washington Maguetas, Edgar Calhado, Adir Sodré, Marina Caram, Sérgio Fingeremann, Zilah Garcia, entre outros.

As curadorias foram assinadas por relevantes nomes do circuito artístico nacional, como Marcus Lontra, Rafael Schunk, Marcelo Monzani, Edna Carla Stradioto e Agnaldo Farias, contribuindo para a consolidação conceitual e crítica das mostras realizadas.

Os eixos curatoriais apresentados pela ECO evidenciam significativa diversidade temática, articulando distintas dimensões da experiência cultural brasileira. No campo da Arte Moderna Brasileira, exposições dedicadas a artistas fundamentais do modernismo nacional, como Flávio de Carvalho, Lasar Segall e Marina Caram, aproximaram o público do interior paulista de importantes produções históricas da arte brasileira.



ECO. Exposição Lasar Segall. Acervo Museu.

No âmbito da Cultura Popular e Arte Naïf, destacam-se exposições como “Coração Brasileiro” e “Heitor dos Prazeres: entre Samba e Tintas”, que valorizaram narrativas populares, identidades negras, ruralidades e manifestações culturais historicamente marginalizadas. Nesse mesmo contexto insere-se a exposição “Almas

Pretas – Trajetórias Ancestrais”, produzida pela UNESP Araraquara e apresentada durante a programação da Semana da Consciência Negra de Olímpia. A mostra teve como eixo central a valorização da ancestralidade afro-brasileira, da memória coletiva, da resistência cultural e das trajetórias históricas da população negra brasileira, promovendo reflexões sobre pertencimento, representatividade e identidade.

A exposição “Terra: Olímpia”, da artista Zilah Garcia, com curadoria de Agnaldo Farias, abordou temas como identidade brasileira, memória afetiva, migração nordestina e cultura popular. Inspirada na obra ‘Os Sertões’, de Euclides da Cunha, a mostra refletiu sobre as relações entre seca, deslocamento humano e formação cultural brasileira, utilizando a terra como principal matéria-prima das obras.

No eixo Patrimônio e Memória Ferroviária, a exposição “Reminiscência Ferroviária” reforçou a dimensão memorial do próprio edifício da ECO — antiga estação ferroviária da cidade — articulando patrimônio industrial, memória afetiva e história dos transportes ferroviários no Brasil.



ECO. Exposição “Reminiscência Ferroviária”. Acervo Museu.

Já no campo da Espiritualidade, Sensibilidade e Poética, exposições como “No Coração Ardente” de Edna Carla Stradioto, além das mostras dos artistas Sérgio Fingermann e Adir Sodré, exploraram questões relacionadas à subjetividade, contemplação, espiritualidade e experiências sensíveis, promovendo aproximações entre arte, emoção e introspecção.

Por fim, o eixo Identidade Brasileira e Mitologia esteve presente em exposições como “Planeta Água: um mergulho na mitologia brasileira”, que evidenciou narrativas indígenas, simbologias da água e elementos mitológicos constitutivos do imaginário cultural brasileiro.



ECO. Exposição “Reminiscência Ferroviária”. Acervo Museu.

Considerações finais

A trajetória museológica de Olímpia evidencia que o desenvolvimento cultural do município está profundamente relacionado ao folclore e às políticas de memória construídas desde a década de 1960.

O Festival do Folclore de Olímpia e o Museu de História e Folclore “Maria Olímpia” constituem a nascente simbólica desse processo, funcionando como fundamentos da identidade cultural olimpiense. A partir dessa base, a cidade ampliou seu campo museológico, fortaleceu o turismo cultural e consolidou novos espaços de preservação patrimonial.

Os museus passaram a atuar não apenas como guardiões da memória, mas como agentes de formação crítica, pertencimento e desenvolvimento territorial.

Olímpia demonstra que uma cidade conhecida pelas águas também pode ser reconhecida pelos rios de conhecimento que nascem de sua cultura. Entre águas thermais e memórias coletivas, os museus seguem irrigando o imaginário social da cidade, transformando patrimônio em experiência, cultura em pertencimento e memória em futuro.

Referências Bibliográficas

- CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2015.
- CHAGAS, Mário. Museu, memória e poder. Rio de Janeiro: Museu da República, 2002.
- GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. Museologia e identidade. São Paulo: Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1989.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7–28, dez. 1993.
- VARINE, Hugues de. O tempo social. Rio de Janeiro: Eça Editora, 1987.
- POMIAN, Krzysztof. Memória: história. Enciclopédia Einaudi. v. 1. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.



HINO A OLÍMPIA: SONORAS MEMÓRIAS

Por **Jônatas Manzolli**

Natural de Olímpia (SP), Jônatas Manzolli é autor da música do Hino a Olímpia. Compositor de destaque na música contemporânea brasileira, é professor sênior aposentado da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Sua produção artística abrange obras para orquestra, música de câmara, ópera e instalações sonoras. Suas obras foram apresentadas por orquestras sinfônicas e em importantes centros culturais e festivais internacionais, incluindo Praga, Basileia e o Museu de Arte Contemporânea de Barcelona. Recebeu a Medalha Carlos Gomes, o Prêmio Zeferino Vaz, da UNICAMP, e uma residência artística da Rockefeller Foundation em Bellagio, Itália. Autor de três óperas, sua mais recente, Camões e Cassandra, celebrou os 500 anos de Luís de Camões em Coimbra, em 2026.

Naquela noite de 2 de março de 1982, a praça pulsava com as celebrações dos 79 anos de Olímpia. Ao lado do professor José Sant'anna, diante da Matriz de São João Batista, eu observava o encontro de vozes e timbres: o coral da Igreja Metodista, o Tiro de Guerra e a Corporação Musical "Juvenal Noronha" de Mirassol. Todos estavam prontos. Foi dado o sinal e a música começou.

Ao ouvi-los, compreendi finalmente o sentido do Hino a Olímpia, oficializado naquela mesma data pelo decreto nº 1.509. O que nascera do diálogo entre dois autores tornara-se substância pública, viva; soprada por outros pulmões e acolhida por novas memórias. A história da cidade ganhava movimento sonoro, fundindo a composição musical aos destinos da terra do "Ribeirão Olhos d'Água" e de Maria Olímpia.

Eu tinha 21 anos quando o Hino soou publicamente. Enquanto ouvia a banda e os coros, guardava em mim o eco do piano Brasil na sala de casa, onde a melodia fora tecida ao longo de um ano e meio junto com o professor Sant'anna. Naquela noite, os sons familiares entre os autores desprendiam-se para ganhar corpo no espaço coletivo. Cada nota carregava a poética musical e o tempo decantado, devolvido à cidade como som e lembrança.

A composição foi um processo gradual e cuidadoso. Lembro-me com nitidez do professor Sant'anna entrando na sala de casa com a letra do Hino anotada em folhas de papel. Os trechos, compilados em folhas soltas e marcados por pequenas correções à mão, estampavam uma caligrafia precisa, quase ornamental. Trazia também consigo um dicionário de rimas, como quem escolhe cores antes de pintar, ele dedicava um cuidado rigoroso com as palavras e suas ressonâncias. Enquanto as rimas organizavam o fluxo do sentido, eu buscava ao piano colorir as notas e acordes para dar corpo àquela pintura poética. Naquele trabalho de entranhamento entre autores, tecia-se lentamente uma renda, ponto a ponto. No tear do piano Brasil, o Hino não surgiu de um gesto súbito, mas de um fazer paciente e artesanal, nota a nota.

O estribilho nasceu primeiro. As estrofes vieram depois, mais lentamente, entre silêncios que evocavam o caminhar pelas ruas da cidade. Eram sonoridades

atreladas aos detalhes: às fachadas antigas e aos fragmentos de memória. Cada verso encontrou seu lugar à medida que a composição se deixava tingir pelas ressonâncias da história local.

Com o tempo, percebemos os contrastes e os contornos necessários entre a força e a delicadeza da estrutura que se formava. Nas duas estrofes, a suavidade de quem sussurra a história da cidade, como numa parlenda. Já no estribilho, a força. Com suas repetições e intervalos, criava um eixo, enquanto as estrofes se sucediam em cadência alternada. A paisagem revelou-se aos poucos. Palavras como "divinal, fecunda, pastoril e senhoril" foram gestos de escuta, traduzindo Olímpia em sua dignidade e imaginário.

Ao final, tínhamos uma trama de som, linguagem e tempo, entrelaçados em um fazer compartilhado. A música concluída preservava o próprio percurso de sua criação. O compasso quaternário sustentava um andamento marcial de gesto contínuo — traçado e caminho. A introdução, breve e reiterada, preparava o terreno para a gravação que viria poucos anos depois, revelando outra forma de escuta. Já não era a sonoridade da Praça da Matriz, aberta e irrepetível, mas a do estúdio. O som se fixaria, rescrevendo o tempo.

Em 1987, no Dimas Studio, em Campinas, voltei ao Hino a Olímpia como quem revisita um lugar conhecido sob uma nova luz. Assumi os arranjos e a regência, acompanhado por músicos e vozes que deram nova trama àquela renda de sons e palavras. Ali, a atenção era minuciosa, quase microscópica: cada entrada das madeiras e o equilíbrio do coro importavam na gravação multipista. A tecnologia da época, sintetizadores como o DX7 e o Mirage, introduziu camadas de mediação, ampliando a textura sonora sem romper com o caráter essencial da obra.

Quando o registro foi apresentado no 23º FEFOL, em 16 de agosto, experimentei algo novo. Entre a sensação inaugural na praça e essa escuta mediada pela gravação, algo se transformara. Residia ali a possibilidade de permanência. Se antes a música se dissolvia no ar da noite, agora poderia retornar, ser repetida e reabitada por toda a população.

HI NO A OLÍMPIA

(Oficializado pelo Decreto n.º 1509, de 2/3/1982)

Letra - José Sant'anna

Música: Jônatas Manzolli

MARCIAL ♩ = 120 M.M.

O LIM_PIA TER_RA FE_CUN_DÁ TU ÉS FOR_MO_SAE PERS_PI_CAZ PLAN_TADAEM SO_LO PAU_LIS_TA NUM E LO DEA_MI_ZA DEE PAZ DEUS GUI_E O TEU DES_TI_NO_FI_EL CONS_TAN_TE SEM_PRE AU_DAZ CON_CEDEN_DO AO TEU PO_VO GO_VER_NO BOM E_CA_PAZ TEU SO_LO FÉR_TIL FA_VOR DI_VI_NAL PO_VO DE BRIO SE_NHO_RIL A_GRI_CUL_TU RAE_XEM_PLAR SEM RI_VAL VI_DATAM_BEM PAS_TO_RIL FUN_DA_DA POR MÃO DE A MOR SEM I_GUAL PA_RA HON_RAR O BRA_SIL SEM_PRE ER_GUEN_DO TE AS_SIM TÃO LE_AL ÉS NOS_SA MAE MUI GEN_TIL O.

ESTRIBILHO

Olímpia, terra fecunda,
Tu és formosa e perspicaz,
Plantada em solo paulista
Num elo de amizade e paz;
Deus guie o teu destino,
Fiel, constante, sempre audaz,
Concedendo ao teu povo
Governo bom e capaz.

PRIMEIRA ESTROFE

Teu solo fértil, favor divinal,
Povo de brio senhoril,
Agricultura exemplar, sem rival,
Vida também pastoril;
Fundada por mão de amor sem igual,
Para honrar o Brasil,
Sempre erguendo-te assim tão leal,
És nossa mãe mui gentil.

SEGUNDA ESTROFE

Menina-moça, cidade ideal,
Despontas bela entre mil,
Tens no Folclore o teu Festival
Cenário primaveril;
O teu passado de valor real
Exempla o mundo infantil,
No teu labor o progresso é total,
Arma do amor sem fuzil.

E o Hino, de fato, permaneceu. Passou a conviver com a cidade nas escolas, aberturas de eventos e celebrações cívicas, momentos em que retornou como gesto de pertencimento. Cantar, afinal, toca no íntimo e originário humano, tão próximo da alma quanto o impulso do primeiro choro ou a fé de uma prece. Nesse sentido, ressoam as palavras do professor Sant’anna ao definir o Hino a Olímpia como um “símbolo auditivo” — experiência afetiva que vibra, insiste e retorna como lembrança viva no coração de um povo.

Ainda neste percurso de memórias sonoras, há uma cena que se repetiu inúmeras vezes, ano após ano, em sucessivos dias 2 de março. Após o almoço, o telefone toca em Campinas. Atendo e, do outro lado da linha, vinda de Olímpia, surge a voz sempre animada de Dona Cidinha:

— Você precisava ver todas as crianças juntas, cantando o Hino a Olímpia. A alegria delas é contagiante!

Nesse instante, a lembrança da composição na sala, junto ao piano Brasil, sempre retornava. Lembranças dos dias de 1980, quando dei forma à melodia ao lado do professor Sant’anna. Ele tinha pressa em cantar. Eu, sentado ao piano e com o som das palavras ainda ressoando, buscava a cadência adequada. Entre sílabas e ritmos, nasceu o símbolo auditivo que traduz as vozes e os percursos de Olímpia.

Dentro de mim, o Hino a Olímpia une-se aos acalantos, aboios, mistérios e parlendas — sonoridades que, anos mais tarde, desaguariam na abertura que compus para o VII Festival Internacional do Folclore (FIFOL), “Olhos d’Água”, em celebração do centenário da cidade, em 2003. O Hino, o Ribeirão Olhos d’Água e os olhos de Maria Olímpia permanecem como vozes e imagens que transportam encontros, chegadas, bênçãos e partidas nos seus cursos. Estes fluxos vêm de tempos imemoriais e assim continuarão. Sempre, sempre, sempre.

Minha trajetória musical emergiu dessas águas sonoras e talvez o que eu deseje, ainda hoje, seja não me afastar delas. Quero permanecer encharcado, entrelaçado e impregnado de memória. O fazer musical é um modo de habitar o próprio fluxo da vida. Há algo de barro ancestral no tempo vivido: ele transforma-se ao mesmo tempo que é moldado por cantos e encantamentos que me atravessam e conduzem.

Penso, então, que os povos se movem como rios. Pequenos afluentes, quase imperceptíveis, encontram-se e ganham corpo, formando correntes mais densas onde a história se deposita não apenas como registro, mas como experiência sensível. É nesse leito sedimentado de memórias, simultaneamente visível e subterrâneo, que se sustenta o alicerce daquilo que somos.

Hoje, quase quatro décadas após a primeira gravação em estúdio que lhe conferiu permanência, percebo o Hino a Olímpia como uma memória sonora viva: marco, monumento exposto ao tempo. Ele continua a renovar-se a cada escuta e a cada nova interpretação.

Neste ano, tive o privilégio de me sentar novamente à mesa para revisitar a sua melodia e os seus acordes. Agora, sob uma nova roupagem orquestral, procurei não apenas expandir a sua forma musical, mas também reencontrar algo daquele brilho com que o professor Sant’anna cantava, em voz forte, ao meu lado, acompanhado pelo som do piano Brasil, lá em casa.

Nesta nova orquestração sinfônica, procurei inscrever texturas do tempo que acompanham a própria memória sonora do Hino: do gesto inaugural às reverberações contemporâneas. A nova configuração permite que a obra seja interpretada tanto por um coro de câmara quanto por um grande coro, em plena densidade sinfônica. Talvez seja isso o que mais me mobiliza hoje: perceber que o Hino continua a se oferecer como uma abertura musical — convite à escuta e à alma de cada um que o canta.

Aqui, agora, revejo as páginas iniciais de História dos Símbolos do Município de Olímpia. Ali, na contracapa, junto à dedicatória e à caligrafia inconfundível do professor José Sant’anna, reencontro, em minha própria escrita, uma frase que hoje me soa como marca de permanência:

— “Olímpia é, acima de tudo, a nossa morada. Vamos, cada vez mais, vivê-la com alegria”.

Talvez seja exatamente isso o que permanece: não apenas a nota gravada ou o papel impresso, mas o gesto contínuo de habitar, por meio do som e do afeto, o lugar que nos constitui. As memórias sonoras do Hino a Olímpia tornam-se, enfim, a nossa própria casa.





MEMÓRIAS DE FERRO E POESIA

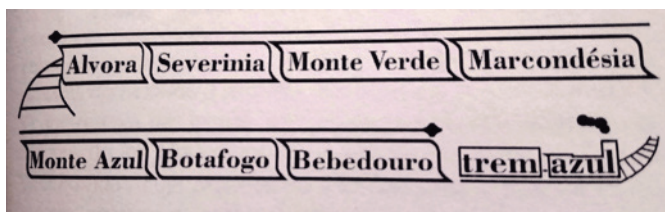
Por **Jane Cristina Freitas**

Jornalista, Pesquisadora, Agente Cultural, Especialista em Arquitetura: Patrimônio e Restauro; e Metodologia do Ensino de História.

Da Antiga Estação Ferroviária à Estação Cultural de Olímpia

Houve um tempo em que o coração de Olímpia batia no compasso do ferro fundido sobre dormentes. O apito da Maria-Fumaça anunciava o progresso à cidade que crescia envolta ao aroma do café e de abraços saudosos de chegadas e partidas.

A antiga Estação Ferroviária foi criada sob o Decreto Nº 2.466, de 10 de fevereiro de 1914, que autorizou a abertura do tráfego público do trecho entre as estações de Monte Verde e Villa Olympia, da Estrada de Ferro São Paulo-Goyaz. O prédio ocupado para a primeira estação foi o antigo casarão de 1910 — onde, atualmente, funciona a Escola de Música Wadão Marques — até que em meados de 1930, construiu-se o complexo ferroviário atual. Este, seguiu os padrões técnicos e arquitetônicos da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, empresa que, posteriormente, viria a integrar a FEPASA.



Percurso da Maria-Fumaça. Imagem do livro "TERRA NATAL" – os modos da memória. Autoria: Jorge Salles. ABDR, ano 2002.

A linha férrea de bitola estreita, percorria, no início, o trecho entre Bebedouro e Olímpia, sendo estendida,

anos mais tarde, até o município de Nova Granada. No percurso, além do transporte de passageiros, o nosso "Ouro Verde", o café, entre outros produtos como arroz, milho e algodão também eram conduzidos.

Com o passar das décadas, o vapor da boa e velha Maria-Fumaça silenciou-se. A história que teve início em 1914 encerrou-se em 1968, guardando memórias de uma época em que a distância era medida pela fumaça no horizonte.

Mas, o destino de um lugar tão cheio de histórias reais impregnadas nas paredes, no teto, no chão, em toda sua aura nostálgica e repleta de lembranças valiosas nunca poderia ser esquecido.

Em 17 de agosto de 1985 inaugurou-se, nesse equipamento histórico, a Central Municipal de Alimentação, conhecida, popularmente, como Cozinha Piloto, com sua padaria artesanal e a inesquecível "Vaca Mecânica". Quem não se lembra dos deliciosos pãezinhos de soja e o leite em saquinho?

A Cozinha Piloto permaneceu em funcionamento, no prédio da estação, até meados de 2001. Já em 2019, o Complexo passou a ser restaurado, marcando sua inauguração em 2021.

Preservar a memória é respeitar o passado e manter viva a arquitetura que testemunhou a cidade crescer.

Atualmente, os antigos galpões que recebiam sacas e bagagens, agora recebem e acolhem exposições itinerantes, oficinas de arte e projetos culturais. O local também abriga a Secretaria de Cultura e Defesa do Folclore.



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO
Secretaria Geral Parlamentar
Departamento de Documentação e Informação

(*) DECRETO N.2.466, DE 10 DE FEVEREIRO DE 1914

Autoriza a abertura ao tráfego público do trecho entre as estações de «Monte Verde» e «Villa Olympia» da Estrada de Ferro S. Paulo a Goyaz.

O Vice-presidente do Estado de S. Paulo, em exercício na forma do §1º, artigo 28 da Constituição, Attendendo ao requerido pela Companhia Estrada de Ferro S. Paulo a Goyaz e sob proposta do Secretario de Estado dos Negocios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas,

Decreta :

Artigo 1.º - Fica autorizada a abertura ao tráfego público do trecho do 19.570 metros entro as estações «Monte Verde» e «Villa Olympia», situadas respectivamente nos kilometros 51 e 71, a partir da estação de Bebedouro, da Companhia Paulista, com a estação intermediaria «Alvorá», no kilometro 61, trecho esse pertencente á linha de Monte Azul á Cachoeira do Marimondo, a que se referiram os decretos ns. 1960 de 5 de Dezembro de 1910 e 2237 de 25 de Maio de 1912.

Artigo 2.º - Vigorará na alludida via ferrea o regulamento de transporte e do telegrapho approved pelo decreto n. 2312 de 21 de Novembro de 1912 e a classificação, pauta e bases de tarifas approveds pelo decreto n. 2311 da mesma data.
Palacio do Governo do Estado de S. Paulo, aos 10 de Fevereiro de 1914.

CARLOS AUGUSTO PEREIRA GUIMARÃES.
Paulo de Moraes Barros.

(*) Publicado pela 3ª vez, por ter sahido com incorreções.

Decreto da linha férrea em Olímpia. Onde o sonho de ferro e progresso ganhou nome, data e direção.

A metamorfose pela qual passou o Equipamento devolveu ao espaço sua função original: conectar pessoas.

Além de tudo isso, o ambiente tornou-se um ponto de encontro para a alma olimpiense e visitantes, onde as crianças aprendem que a arte e a cultura são combustíveis potentes para o futuro.

Hoje, quem caminha pela Estação Cultural de Olímpia, nossa querida ECO, sente um movimento diferente: não há mais pressa para o embarque na Maria-Fumaça, mas sim, um convite à demora e à contemplação. O destino final não é uma cidade vizinha ou a baldeação com o carregamento dos grãos, mas o interior de nós mesmos, despertado pela beleza de nossa herança ancestral, transportando, agora, sonhos, arte e cidadania.

A antiga Estação de Olímpia provou que o tempo não apaga a história — ele oferece novas cores e páginas para que possamos continuar a escrevê-la.

Olímpia é uma terra de várias camadas, e é importante relembrarmos que debaixo desses asfaltos já correram os trilhos que carregaram o nosso desenvolvimento.

E quem achou que o início do ano de 1969 foi o fim da linha, se enganou. Ela permanece firme e forte nas lembranças daqueles que fizeram desse lugar inesquecível um recanto de brincadeiras, poesia e memória viva.

Há quem se lembre, por exemplo, de quando a velha locomotiva perdia força na subida próximo a Monte Verde Paulista. A diversão dos jovens, daquela época, era saltar da Maria-Fumaça e encher as camisetas com mangas que pegavam pelo caminho frutífero. Depois, voltavam correndo para a locomotiva que parecia esperá-los em seu compasso lento e ritmado.

Assim, enquanto houver quem nos sobre o fôlego da recordação, o embarque no vagão da saudade seguirá seu curso. E, cada parada, se transformará em reencontros com histórias que jamais serão esquecidas.



RELÍQUIAS DA ESTAÇÃO – CRÔNICAS DE MEMÓRIAS

Sabão nos Trilhos e Outras Lembranças Mais

Participantes das crônicas:

Devanir Caputo e Leonilda Caputo

Num sábado a tarde, dia sete de março de 2026, um casal de idosos — moradores de Olímpia — chegaram à Estação acompanhados da filha que, atualmente, mora em Uberaba – MG, e um casal de netos.

Após a visita guiada, ficamos conversando sobre a valorização de prédios e residências históricas. Seu Devanir, de 80 anos, observava atento, sorridente e silencioso a prosa que se estendia entre a esposa, a filha e eu.

Quando voltamos para perto da Maria-Fumaça, dona Leonilda, de 75 anos, disse: — “Eu andei muito na Maria-Fumaça. Um dia queimeei meu vestido novo com as brasas que soltavam dela”, lembrou, sorrindo, apesar da frustração pelo vestido.

— “Minha mãe também fala sobre isso. Ela foi de Maria-Fumaça para o batizado do meu irmão mais velho, e ela se lembra das brasas que soltavam”, acrescentei às lembranças.

Momentos depois, nos despedimos. E, quando todos se encaminhavam para a saída, seu Devanir virou-se e falou:

— “Tenho uma coisa pra te contar”. E todos voltaram com ele.

— “Sabia que eu já trabalhei de bagageiro? Eu era moleque. Vinha aqui na frente da estação e me oferecia para carregar as bagagens até os carros ou carroças. Alguns me davam uns trocados enquanto outros só diziam ‘muito obrigada’. Muito obrigada??? Ah, como eu ficava bravo [...] Eu queria era dinheiro!!!”, lembrou, o senhor, em meio a gargalhadas.

— “Um tempo depois, fui trabalhar no Móveis Atlântico. Comecei varrendo lá e arrumando algumas coisas. Pegaram tanta confiança em mim que eu passei a abrir e fechar o lugar. Mas não tem só isso não. Ainda moleque, eu ia lá pros lados da Fazenda Conserva, onde morava meu primo Zeca. Fica perto de Álvora. A mãe dele fazia sabão feito em casa. Então, o Zeca e eu pegávamos um pouco, escondidos, e corríamos para passar nos trilhos do trem. Ali era meio que uma subida. A gente queria ver a Maria-Fumaça escorregar e não dar conta de subir. Mas a gente se escondia bem, né?”, acrescentou.

— “Olha só [...] Então quer dizer que o senhor e o Zeca eram tão arteiros assim??? Passavam sabão nos trilhos???” perguntei, com as mãos na cintura, como se estivesse voltando no tempo e pegando duas crianças no flagra.

Todos caíram na gargalhada e seu Devanir confirmou.

— “Eu já tive relatos de dois senhores que, naquela época, pegavam carona na rabeira da Maria-Fumaça aqui na estação e, depois, desciam no antigo pontilhão onde, atualmente, é a escola Maria Ubaldina. Eles disseram que a diversão deles era subir na rabeira da locomotiva e depois voltar correndo pra cá. As mães nem sonhavam que eles faziam isso”, revelei.

Dona Leonilda se manifestou: — “Pois é. Viu só como eram arteiros??? Aquilo sim era fazer arte. Nem se compara com as artes das crianças de hoje em dia!”, falou, risonha, e olhando para os netos.

Que conversa das boas [...]

E, assim, nos despedimos. Obviamente, pedindo para que eles voltassem mais vezes e com muito mais dessas histórias.

Nesse momento, me lembrei do livro “Bagaço de Laranja”, de Edward Marques, o Wadão, e fiquei pensando em quantas outras histórias, como essas, devem existir por aí; quantas memórias ainda estão guardadas em baús de lembranças; o quanto a antiga estação registrou, nesse chão que pisamos agora, — e em tantos outros lugares da região — tantas travessuras e brincadeiras da molecada da época.

Foi sim, um ponto de encontros e despedidas, chegadas e partidas, além do caminho que transportou grãos valiosos que fizeram parte da construção e evolução desta cidade. No entanto houve, também, quem fizesse dela, afetuosamente, o quintal de casa.



Trilhos que guardam travessuras de criança e abraços de uma vida inteira. Seu Devanir e dona Leonilda revivem o tempo da Maria-Fumaça com sabor de saudade.

A Catadeira de Café e o Doceiro

Participantes da crônica:

Dirceneia Benevides de Souza

Dona Dirceneia tem 78 anos. Começou a vida no trabalho diário aos dez. Mesmo tão pequena, já tinha força e responsabilidade para cuidar de uma senhora idosa. Lá, no próprio serviço, ela também morava.

Quando completou 16 anos foi trabalhar como Catadeira de Café em uma das beneficiadoras que ficava próxima da Estação. Dona Dirceneia separava, manualmente, os grãos bons dos ruins e colocava-os em latas de 20 litros. Eram muitas latas por dia.

O pagamento era feito por semana, mediante a unidade da lata preenchida. As catadeiras recebiam cartões - no estilo tickets - que eram trocados por dinheiro aos sábados.

Mas, nem todo dinheiro recebido dona Dirceneia levava para a casa. Ela gastava a maior parte com doces.

— “Minha mãe ficava muito brava comigo. Eu gastava a maior parte dos cartões — antes de trocá-los por dinheiro — com o doceiro que passava aqui na rua da Estação e, também, andava pela cidade toda. Na época, era somente ele por aqui, e vendia doces deliciosos. Ele aceitava os cartões como pagamento”, revelou a senhora.

Seu Sebastião, o doceiro, andava pelas ruas de Olímpia com um carrinho de madeira (no modelo do de pipoca) farto com doces saborosos e caseiros: doce de leite, mamão ralado, doce de abóbora, pé de moleque e paçoca. Tudo organizado em latas de alumínio.

Para a venda, seu Sebastião servia em copos descartáveis.

— “Você pode parar de trabalhar! Nem traz dinheiro para a casa!”, dizia dona Aparecida, mãe de dona Dirceneia.

— “Mas o doce do seu Sebastião é tão bom, mãe. Não resisto não”, respondia a filha.

E, nessa toada, o trabalho de dona Dirceneia, na separação de grãos de café e consumo dos doces, prosseguiu por mais de um ano. A mãe teve que aceitar.

Assim, também era vida nos arredores da antiga estação [...] Catadeiras de Café com seus tickets, e o anseio por gastá-los com o conhecido doceiro da região. No entanto, além dos doces, dona Dirceneia também gostava muito de viajar a São Paulo. Sempre que podia, pegava a Maria-Fumaça até Bebedouro e, de lá, seguia na baldeação rumo à capital paulista.

São lembranças e memórias afetivas de quem fez parte desse pedaço de chão. São histórias da vida real com aroma de café, barulho do apito do trem e, claro, sabores diversos do carrinho de madeira do senhor Sebastião. São as nossas, inesquecíveis, relíquias da Estação.



Dona Dirceneia colhia os melhores grãos de café, mas eram os doces e as viagens de trem que alimentavam a alma dessa menina que o tempo só fez florescer.

OLÍMPIA: UMA TORRE DE BABEL ERGUIDA POR FÉ, SUOR E AFETO

Por **Maria do Carmo Kamla Passi**

Professora, Bibliotecária, Pesquisadora e Memorialista

A arte, a poesia e a história sempre foram as batidas do meu coração. Desde a mais tenra idade, eu já buscava dar forma ao mundo: brincava com frutas que caíam no chão, transformando-as em bichinhos e criando diálogos em um universo imaginário de sonhos e histórias. Essa vocação me guiou por trinta anos como professora e, mais tarde, como bibliotecária com especialização em História. Fui designada para uma missão maior: contar a trajetória dos imigrantes que aqui lançaram raízes.

Minha pesquisa tem sido uma viagem no tempo. Ao manusear arquivos e jornais dos primórdios de Olímpia, e agora com acesso às fichas de imigrantes de 1939 a 1968, sinto que revejo rostos familiares. É uma emoção indescritível coletar esses documentos; eles ampliam meu conhecimento e alimentam minha paixão por esta "Cidade Menina Moça", hoje famosa por suas águas quentes.



Estúdio Abe, Olímpia/SP

Olímpia é a nossa "Torre de Babel" que deu certo! Aqui, a força do trabalho uniu portugueses, espanhóis, italianos, japoneses, sírios, libaneses, austríacos, indianos, russos, romenos e cubanos. Não esquecendo que, nesta terra abençoada, também estiveram os indígenas e os negros que vieram com os desbravadores — populações muitas vezes apagadas da memória social, mas fundamentais na nossa formação.



Rua Nove de Julho, Olímpia/SP



Imagem Noturna do Foto Abe, Olímpia/SP



Gino Sartorello



Vista da Cidade de Olímpia/SP

Minhas lembranças são povoadas por figuras que deram sabor e cor à nossa terra. Elas passeiam pela minha memória afetiva como um caleidoscópio de imagens que me levam a uma verdadeira fruição: O "italiano" Vita a Vita: Com seu bar na Rua Nove de Julho, possuía uma vitrine de doces inesquecíveis: maria-mole, geleias de cores intensas, pé de moleque, paçoquinha e doces com anéis. Havia um baleiro que girava com diversos sabores: balas Chita, Piper, Framboesa, Soft, Toffe e a "Homem da Lua", puro açúcar colorido. Não muito longe dali, Gino Sartorello, outro italiano que trouxe de sua terra natal as receitas de sorvetes. O de coco queimado era uma marca da cidade; encontro de várias famílias que por ali passavam para saborear gostosuras que pareciam um pedaço do céu. Sentados ao redor da mesa de madeira ou nas escadas, víamos o sorvete escorrer pelas mãos, proporcionando um prazer inesquecível.

A elegância também tinha nome: Dona Evelin Aidar, a sírio-libanesa sempre caridosa, que promovia chás beneficentes para ajudar entidades e os excluídos da sociedade. Muito elegante, meus olhos se encantavam ao admirar suas vestes "chiques", sempre adornada com ouros e anéis cheios de brilhantes; Outras figuras singulares cruzavam nosso horizonte, como Oscar Kloss,



Praça Rui Barboza, Olímpia/SP

o piloto russo que nos levava para "encostar nas nuvens" em um voo memorável. O escocês, engenheiro Reid, cujas mãos traçaram o mapa da nossa cidade.

O amparo da alma vinha dos líderes espirituais: Padre José e o querido Padre Antônio (meu pai espiritual), além do Padre Jaime. No campo missionário e social, destaco a bravura dos freis italianos Beraldo e Justino, que enfrentavam qualquer desafio com determinação.

Homenageio também as famílias pioneiras e os benfeitores que contribuíram para a saúde, com a construção de hospitais e total dedicação: Assunta Ragazzi e Geremia Lunardelli (fundamentais na construção da Santa Casa de Misericórdia); Irmã Laura, austríaca cujas mãos trouxeram ao mundo tantos olimpienses; e Irmã Susberti, vinda da Alemanha, exemplo de dedicação na assistência social.

Todos eles, imbuídos de coragem, desbravaram o sertão, doaram terras, constituíram um patrimônio religioso e emanciparam a Villa Olympia. Presto aqui minha homenagem a esses pioneiros que fizeram de Olímpia um lugar refulgente em beleza. Que o espírito solidário deles continue a guiar nosso progresso.

Gratidão.



Rua São João, Início do século XX, Olímpia/SP

TRADIÇÃO DO BITO À ALTA PERFORMANCE DA VISÃO PERIFÉRICA

Protocolo Neuro-Rítmico Abe: a engenharia da inteligência corporal

Por **Sérgio Abe**

Educador Físico, Pesquisador e Criador de Métodos

Método ABE de Natação (USP-RIBEIRÃO PRETO*Ma. Carolina Abe Gea).

Introdução

O presente documento formaliza o Protocolo Neuro-Rítmico ABE, um método inovador que integra a riqueza da cultura popular brasileira, manifesta em brincadeiras tradicionais como o "Bito" (Três Marias), com os mais recentes avanços da neurociência aplicada. Desenvolvido a partir de décadas de experiência prática em Educação Física, Fisioterapia e Artes Marciais, este protocolo propõe uma abordagem sistemática para o desenvolvimento da inteligência corporal, transcendendo a mera execução técnica para alcançar um profundo Empoderamento Emocional e uma eficiente Decodificação Motora.

A Decodificação Motora é entendida aqui como o processo de traduzir movimentos complexos em sequências de ações simples e ritmicamente organizadas, permitindo que o sistema nervoso assimile e execute tarefas motoras com fluidez e precisão. Paralelamente, o Empoderamento Emocional refere-se à capacidade de mitigar o medo e a insegurança inerentes ao aprendizado de novas habilidades, substituindo-os por confiança e controle, elementos cruciais para a performance e o bem-estar do indivíduo. Este protocolo visa não apenas ensinar uma habilidade, mas reconfigurar a relação do praticante com seu próprio corpo e com o desafio, utilizando o ritmo e o comando verbal como catalisadores dessa transformação.

1. Fundamentação Filosófica e Científica

1.1 O Método Cartesiano: A Regra da Análise na Progressão Pedagógica

A base estrutural do Protocolo Neuro-Rítmico ABE encontra ressonância nos princípios do método cartesiano, conforme delineado por René Descartes em seu Discurso do Método. A "regra da análise" cartesiana, que preconiza a divisão de cada dificuldade em tantas partes quanto possível para melhor resolvê-las, é o pilar da progressão pedagógica do método. Ao invés de apresentar uma tarefa motora complexa em sua totalidade, o protocolo a desmembra em unidades menores e gerenciáveis, permitindo que o aprendiz domine cada componente antes de integrá-los. Essa abordagem minimiza a sobrecarga cognitiva e motora, transformando o que inicialmente parece inatingível em

uma sequência lógica de passos alcançáveis. A aplicação dessa lógica cartesiana garante uma aprendizagem gradual, segura e eficaz, construindo a competência a partir de fundamentos sólidos.

1.2 Fenomenologia de Merleau-Ponty: O Corpo-Sujeito e o Empoderamento Emocional

Embora o método cartesiano forneça a estrutura analítica, a compreensão do corpo no Protocolo Neuro-Rítmico ABE se alinha profundamente com a fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty.

Para Merleau-Ponty, o corpo não é um mero objeto mecânico, mas um "Corpo-Sujeito", a própria condição de nossa existência e percepção do mundo. O medo, nesse contexto, não é apenas uma emoção, mas uma experiência corporal que restringe o movimento e a capacidade de ação. O protocolo reconhece que o empoderamento emocional, ao reduzir o medo e a insegurança, não apenas melhora a performance, mas "destrava" a inteligência corporal, permitindo que o corpo se expresse e aprenda de forma mais fluida e autônoma. A superação do medo é, portanto, uma reorganização da experiência vivida do corpo, que passa a perceber o ambiente como um campo de possibilidades, e não de ameaças.

1.3 Mediação de Vygotsky: O Comando Verbal como Ferramenta de Organização da Ação

A influência de Lev Vygotsky é central na compreensão do papel do "Comando Verbal" dentro do Protocolo Neuro-Rítmico ABE. Vygotsky postulou que a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas uma ferramenta psicológica fundamental para a organização do pensamento e da ação. No método, o comando verbal atua como um mediador externo que organiza a ação motora, especialmente na "zona de desenvolvimento proximal" do aprendiz. Ao fornecer um gatilho auditivo preciso e ritmado, o comando verbal reduz a carga cognitiva, liberando o praticante da necessidade de processar conscientemente cada detalhe do movimento. Ele internaliza o ritmo e a sequência, transformando a instrução externa em autorregulação interna, facilitando a transição do controle consciente para a execução automática e fluida.

1.4 Neurociência do Movimento: Economia de Comando e Visão Periférica

A neurociência do movimento valida a eficácia do Protocolo Neuro-Rítmico ABE, especialmente no conceito de Economia de Comando. A analogia do "FORA!!!" versus "vai pra fora Bilú" ilustra a diferença crucial entre um gatilho reflexo e um comando analítico. Comandos curtos e diretos minimizam o tempo de processamento cortical, ativando mais rapidamente os Gânglios da Base, estruturas cerebrais essenciais para a iniciação, execução e modulação de movimentos automáticos e rítmicos. Essa via neural mais rápida e eficiente reduz o "ruído" cognitivo e otimiza a resposta motora.

Adicionalmente, a importância da visão periférica, estimulada pelo comando "Horizonte", é um pilar neurocientífico. Ao invés de focar na visão foveal (detalhada) de cada objeto, o praticante é treinado a utilizar a visão periférica para perceber o padrão geral do movimento. Isso ativa o Colículo Superior, uma estrutura subcortical que processa informações visuais de movimento e localização espacial de forma rápida e inconsciente. Essa mudança no foco visual reduz a fadiga mental, melhora a antecipação e permite que o cérebro processe o ambiente de forma mais holística, essencial para o estado de "fluxo" (flow) e para a alta performance em atividades dinâmicas como artes marciais e esportes.

2. Estudo de Caso: Malabares (O Bito)

O malabarismo, em sua forma mais básica, o "Bito" ou "Três Marias", serve como um estudo de caso exemplar para a aplicação do Protocolo Neuro-Rítmico ABE. A progressão pedagógica é cuidadosamente estruturada para desenvolver a coordenação, o ritmo e a percepção espacial, culminando no domínio de padrões complexos.

2.1 Nível I: Coordenação Global (Céu - Chão - Pega)

Este nível inicial foca na construção da base rítmica e espacial. O comando verbal "Céu" orienta o olhar para o ápice da trajetória do objeto, treinando o rastreo visual e a antecipação da parábola.

O comando "Chão" introduz um feedback tátil e proprioceptivo, onde o praticante bate a palma da mão no chão, estabelecendo um marcador temporal e espacial. Finalmente, o comando "Pega" consolida a preensão palmar básica. Neurofisiologicamente, este nível estabiliza a coordenação viso-motora global, sincronizando o córtex visual com o córtex motor e estabelecendo um ritmo fundamental para a aprendizagem.

2.2 Nível II: Dissociação Motora (Pinça e Pega com 3 dedos)

O Nível II eleva o desafio ao introduzir a dissociação motora fina. O comando "Chão" é substituído por uma

ação mais refinada: pegar um objeto com dois dedos ("em pinça" – polegar e indicador). Em seguida, o comando "Pega" exige a captura do objeto com os três dedos restantes (médio, anelar, mínimo). Este nível força o cérebro a ativar seletivamente músculos intrínsecos da mão, aumentando a densidade sináptica no homúnculo motor de Penfield e aprimorando o controle distal. É um exercício de motricidade fina sob pressão temporal, crucial para a destreza e a precisão em diversas atividades, incluindo a pegada no Judô (Kumi-kata).

2.3 Nível III: Estado de Fluxo (Céu Alto/Baixo e Horizonte/Visão)

O Nível III representa a transição para o estado de fluxo, onde o controle consciente é minimizado em favor da intuição corporal. A modulação de altura é introduzida com os comandos "Céu Alto" (lançamento com maior parábola, exigindo controle tônico e paciência motora) e "Céu Baixo" (lançamento rápido e curto, demandando alta cadência e velocidade de reação). O comando "Horizonte" é o ponto culminante, instruindo o praticante a fixar o olhar à frente, utilizando a visão periférica para perceber o padrão de movimento das bolas. Essa técnica desvia o processamento visual da visão foveal para o Colículo Superior, reduzindo a carga cognitiva e permitindo que o cérebro opere de forma mais holística e intuitiva. O resultado é uma execução fluida, adaptável e com menor fadiga mental, característica do estado de alta performance.

3. Metodologia do Comando Verbal

A metodologia do comando verbal é o cerne do Protocolo Neuro-Rítmico ABE, diferenciando-o de abordagens tradicionais. A premissa é que a eficácia de uma instrução verbal está inversamente relacionada à sua complexidade. Comandos analíticos longos, como "vai para fora Bilú", exigem um processamento cognitivo extenso (análise sintática, semântica) que atrasa a resposta motora e aumenta a carga mental. Em contraste, gatilhos reflexos curtos, como "FORA!!!", "CÉU!", "CHÃO!", "PEGA!", funcionam como disparadores diretos para o sistema motor.

Esses comandos curtos e rítmicos atuam como âncoras sinápticas, criando uma conexão direta e quase instintiva entre o estímulo auditivo e a ação motora. Eles reduzem o tempo de processamento entre o córtex auditivo e a execução motora, ativando os Gânglios da Base e o cerebelo, estruturas cerebrais responsáveis pela automação e precisão dos movimentos. Ao externalizar o ritmo e a sequência por meio de comandos verbais concisos, o protocolo permite que o aprendiz internalize o padrão de movimento de forma mais rápida e eficiente, transformando a instrução em uma "linguagem do corpo" que transcende a necessidade de pensamento consciente detalhado. Essa metodologia não apenas acelera a aprendizagem, mas também cultiva uma inteligência corporal mais responsiva e adaptável.

GRUPOS PARTICIPANTES



NORTE	4 GRUPOS	4 CIDADES	SUDESTE	22 GRUPOS	18 CIDADES
NORDESTE	19 GRUPOS	13 CIDADES	SUL	3 GRUPOS	3 CIDADES
CENTRO-OESTE	3 GRUPOS	3 CIDADES	OLÍMPIA	20 GRUPOS	

NORTE

Associação Cultural Sabor
Marajoara
Belém/PA

Grupo Cultural e Parafolclórico
Eco Marajoara
Soure/PA

Grupo Folclórico Tribo Waika
Boa Vista/RR

Grupo de Suça Tia Benvinda
Natividade/TO

NORDESTE

Grupo Parafolclórico Flor da Serra
Chã Preta/AL

Bumba Meu Boi Águia de Ouro
Maceió/AL

Coco de Roda Alagoano Evolução
Maceió/AL

Grupo Folclórico Cultural Coco
de Roda Babaçu
Maceió/AL

Grupo Miraira
Fortaleza/CE

Boi Encanto do São Cristóvão
São Luís/MA

Grupo de Cultura Popular do
Maranhão Boi de Palha
São Luís/MA

Companhia de Projeções
Folclóricas Raízes
Campina Grande/PB

Caboclinho Canindé
Goiana/PE

Congos de Oeiras
Oeiras/PI

Pastoril Dona Joaquina
São Gonçalo do Amarante/RN

Grupo Parafolclórico
Coco do Calemba
São Gonçalo do Amarante/RN

Caboclos e Rei de Congo
do Mestre Bebê
Major Sales/RN

Caboclos de Major Sales
Major Sales/RN

Reisado Baile Estrela
Moita Bonita/SE

Grupo Folclórico Batalhão
de Bacamarteiros de Carmópolis
Carmópolis/SE

Grupo Folclórico Ciranda de Roda
Lagarto/SE

Grupo Folclórico Parafusos
Lagarto/SE

Bacamarteiros Cangaceiros
de Lampião
Capela/SE

CENTRO-OESTE

Moçambique Nossa Senhora
do Rosário
Catalão/GO

Grupo Vitória Régia
Cáceres/MT

Grupo Camalote
Campo Grande/MS

SUDESTE

Banda de Congo Panela de Barro
de Goiabeiras
Vitória/ES

Banda de Congo Amores da Lua
Vitória/ES

Grupo Fitas de Tradições Folclóricas
Montes Claros/MG

Catupé Unidos de Santa Efigênia
Itamogi/MG

Terno de Congo Irmandade
do Menino Jesus
Passos/MG

Associação Carnavalesco
de Bois Malhadinhos
Quissamã/RJ

Afoxé Maxambomba
Nova Iguaçu/RJ

Fervo Show
Nova Iguaçu/RJ

Manjedoura Mirim do K11
Nova Iguaçu/RJ

Reizado Flor da Primavera
Duque de Caxias/RJ

Brilhante Estrela de Belém
Rio de Janeiro/RJ

Quadrilha Junina Nazaré Show
Rio de Janeiro/RJ

Mineiro Pau e Boi Pintadinho
Santo Antônio de Pádua/RJ

Ciranda de Tarituba
Paraty/RJ

Samba Lenço
Mauá/SP

Reisado Sergipano
Guarujá/SP

Cordão dos Bichos
Tatuí/SP

Congada Terno de Sainha
Irmãos Paiva
Santo Antonio da Alegria/SP

Congada Três Colinas
Franca/SP

Fandango de Tamanco Cuitelo
Ribeirão Grande/SP

Companhia de Reis Canário da Terra
Bebedouro/SP

Companhia de Reis Estrela da Guia
Guaraci/SP

SUL

Fandanguará
Guaraqueçaba/PR

Boi de Mamão Brinca Meu Boi
Florianópolis/SC

CTG Laço da Amizade
Caxias do Sul/RS

OLÍMPIA/SP

Terno de Congada Chapéu de Fitas
Terno de Moçambique São Benedito

Companhia de Santos Reis
“Os Visitantes de Belém”

Companhia de Reis Lapinha
de Belém

Companhia de Reis Estrela da Guia

Companhia de Reis Magos
do Oriente

Companhia de Santos Reis
“Os Mensageiros da Paz”

Companhia de Santos
Reis Fernandes

Companhia de Reis
“Os Viajantes de Belém”

Companhia Os Mensageiros
de Santos Reis

Companhia de Reis Caminhos
de Belém

Companhia A Viagem dos Três Reis

Grupo Folclórico de Danças de Afro
Brasileira e Capoeira

Associação Templo de Umbanda
Morada de Caboclo e Preto Velho

Afoxé Dindazujê

Grupo Olimpiense de Danças
Parafolclóricas “Cidade
Menina-Moça” GODAP

Grupo Parafolclórico Frutos da Terra

Associação Cultural Anástasis -
Artes Cênicas e Solidariedade

Cia de Danças Parafolclóricas Zazuê

Grupo de Danças Parafolclóricas
da APAE

DECRETO Nº 9.854, DE 07 DE JANEIRO DE 2026



Constitui a Comissão Executiva do 62º Festival do Folclore
a ser realizado no Recinto de Exposições e Praça de
Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna"
(01 a 09 de agosto de 2026).

EUGENIO JOSÉ ZULIANI, Prefeito da Estância Turística de Olímpia, Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais, DECRETA:

Art. 1º

Fica constituída a Comissão Executiva do 62º Festival do Folclore de Olímpia, a ser realizado de 01 a 09 de agosto de 2026, evento que tem por finalidade incentivar e defender o folclore, contribuindo para a sua preservação, com os seguintes membros:

Presidente: Priscila Seno Mathias Netto Foresti

Presidente de Honra: Maria Aparecida de Araújo Manzolli

Vice-presidente: Claudio Roberto Ferreira da Silva

Vice-presidente de Honra: Ana Cláudia Casseb Finato Zuliani

1.º Secretário: Raquel Crepaldi Righetti

2.º Secretário: Márcio Henrique Eiti Iquegami

1.º Tesoureiro: Cléber José Cisotto

2.º Tesoureiro: Max Mena

Subcomissão de Curadoria Artística

Coordenação: Priscila Seno Mathias Netto Foresti
Alan Saviolo Duran

Ana Cláudia Casseb Finato Zuliani

Camila Reale Thereza Gameiro

Célio Franzin

Clarissa Rossi Gonçalves de Mattos

Davi Seixas Mendes

João Carlos Oliveira da Rocha

João Ferreira

Maria Aparecida de Araújo Manzolli

Maria Jesus de Miranda

Romeu Tamelini

Tiago Louzada

Vivaldo Mendes

Subcomissão do Anuário e Anuarinho

Coordenação: Tiago Louzada

Clarissa Rossi Gonçalves de Mattos

José Antônio Arantes

Luiz Fernando Monzani

Orlando Rodrigues da Costa

Priscila Fernanda Minani

Taise Renata da Cruz

Subcomissão de Imprensa, Cerimonial e Marketing

Coordenação: Claudio Roberto Ferreira da Silva
Camila Reale

Thereza Gameiro

Jean Lourenço

Priscila Fernanda Minani

Wladimir Candini

Subcomissão de Hospedagem e Monitores de Grupos

Coordenação: Camila Reale Thereza Gameiro

Coordenação: Davi Seixas Mendes

Alexandra Maria Piton Marcondes

Loraine Melissa Fogagnoli

Valter de Moura e Silva Junior

Subcomissão de Alimentação

Coordenação: Célio Franzin

Nutricionista: Camila Aparecida Mialichi Viseli

Gislene Sônia de Almeida

Maria Clara Ruiz Seno

Natália Bortolan Ritzinger

Valter de Moura e Silva Junior

**Subcomissão de Abertura, Mini Festival,
Atividades Diurnas e Missas**

Coordenação: Jéssica Maria dos Santos

Coordenação: Eliana Antonia Duarte Bertencello
Monteiro

Bruna Silvestre Bonito

Camila Aparecida dos Santos Oliveira

Daniela Monteiro da Freitas

Tiago Pessoa Lourenço

Taise Renata da Cruz

Marcela Rubio Nespolo Aniceto

Subcomissão de Limpeza

Coordenação: João Paulo Morelli

Arian Lourenço de Mello

Caren Michele Lourenço

Fabrcio Henrique Raimondo

Subcomissão de Manutenção e Obras

Coordenação: Leandro Pierin Galina

Guilherme Amim

José Augusto Gianotto

Flávio Augusto Santinon

Subcomissão de Comércio Interno

Coordenação: Graziela de Souza Mendes

Cleber Luís Gonsaga

Janecllei Delomodarme

João Luiz Alves Ferreira

Victor Artur Lopes Torres

Wilson França

**Subcomissão Jurídica, Decretos e uso de
Imagem**

Coordenação: Antonio Cataneo Neto

Cleber Luís Braga

Isabela Duran Oliveira Souza

Marcos Antônio Loureiro Barbosa

Subcomissão de Desfile

Coordenação: Davi Seixas Mendes

Clarismundo Sant'anna

Cristian Daniel Assis

Gilson Carlos Miranda

Tairine Fogagnoli Franzin

Glendson Rafael de Carvalho

Loraine Melissa Fogagnoli

Subcomissão de Feira de Artesanato e Artes

Coordenação: Tiago Louzada

Rosiane da Silva Nunes

Gislene Sônia de Almeida

Silvia Regina Rodrigues Pereira

**Subcomissão de Estacionamento, Trânsito,
Segurança e Fiscalização**

Coordenação: Vinicius Claudio Zoppellari

Bruno Fréu Garcia

Carlos Henrique Vasconcelos dos Santos

Cleber Luís Gonsaga

Márcio Henrique Trindade Silva

Subcomissão de Compras e Licitações

Coordenação: Max Mena

Graziela de Souza Mendes

João Luiz Alves Ferreira

Victor Artur Lopes Torres

Subcomissão de Atividades Externa

Coordenação: Alan Saviolo Duran

Alexandra Maria Piton Marcondes

Glendson Rafael de Carvalho

Natália Bortolan Ritzinger

Simeão Martins Soficier

Tiago Louzada

**Subcomissão de Palcos e Apresentações
Internas**

Coordenação: Davi Seixas Mendes

Alan Saviolo Duran

Célio Franzin

Glendson Rafael de Carvalho

Pedro Henrique de Andrade

Subcomissão de Logística e Transporte

Coordenação: Valter de Moura e Silva Junior

Arian Lourenço de Mello

Angelo Rodrigo Tarichi Brassalotti

**Subcomissão de Estruturas, Montagem e
Desmontagem**

Coordenação: Camila Reale Thereza Gameiro

Arian Lourenço de Mello

Flávio Roberto Bachega

Guilherme Amim de Faria

Valter de Moura e Silva Junior

Art. 2º

Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação,
revogada as disposições em contrário.

Registre e publique.

Prefeitura Municipal da Estância Turística de Olímpia,
em 07 de janeiro de 2026.

EUGENIO JOSÉ ZULIANI

Prefeito Municipal

PRISCILA SENO MATHIAS NETTO FORESTI

Secretária Municipal de Cultura e Defesa do Folclore

RAQUEL CRISTINA CREPALDI RIGHETTI

Secretária Municipal da Casa Civil

Registrado e publicado no setor competente da
Prefeitura Municipal da Estância Turística de Olímpia,
em 07 de janeiro de 2026.

MENSAGEM FINAL

Muito além dos nove dias de festa: A seleção dos grupos e a organização do Festival

Por **Camila Reale Thereza Gameiro**

Diretora de Festivais e Eventos

Secretaria Municipal de Cultura e Defesa do Folclore

O Festival do Folclore de Olímpia vai muito além dos nove dias de celebração. Sua realização começa ainda no ano anterior, com um amplo trabalho de planejamento destinado a proporcionar um verdadeiro encontro com a cultura popular brasileira às mais de 160 mil pessoas que passam pelo Recinto do Folclore durante o evento.

Uma das primeiras etapas desse processo é a seleção dos grupos folclóricos e parafolclóricos participantes. Para isso, são abertas inscrições nacionais, com critérios previamente estabelecidos, permitindo que grupos de diferentes regiões manifestem interesse em integrar a programação do Festival.

Para a edição de 2026, foram recebidas 147 inscrições, provenientes das cinco regiões do país e de 24 estados brasileiros. Entre os inscritos, destacaram-se 17 grupos que nunca haviam participado do Festival, demonstrando a capacidade do evento de alcançar novas manifestações e ampliar continuamente sua representatividade cultural. O Rio de Janeiro, estado homenageado nesta edição, também evidenciou sua força e diversidade, com 21 grupos inscritos.

Encerrado o período de inscrições, inicia-se o trabalho da Subcomissão de Curadoria, responsável por analisar os cadastros e selecionar os grupos que integrarão a programação. O processo considera aspectos como a diversidade das manifestações culturais, a representatividade regional, a trajetória dos grupos e o alinhamento de suas propostas com os princípios e objetivos do Festival.

A curadoria também realiza pesquisas sobre os grupos inscritos e reconhece a importância daqueles que mantêm uma relação histórica com Olímpia. Muitos deles participam regularmente do evento, enquanto outros estão presentes desde suas primeiras edições, quando foram convidados pelo professor José Sant'anna, idealizador do Festival.

Após as análises e reuniões da Subcomissão de Curadoria, foram selecionados 50 grupos e definidos outros 15 como suplentes. A partir desse momento, o Festival começa efetivamente a ganhar forma.

Cada grupo selecionado recebe um ofício convite, assinado pelo prefeito Geninho Zuliani e pela secretá-



ria municipal de Cultura e Defesa do Folclore, Priscila Foresti. Com o recebimento das confirmações, a programação é gradualmente estruturada, considerando as características das manifestações, os dias de participação e os diferentes espaços e atividades que compõem o evento.

Paralelamente, são iniciadas as tratativas com hotéis, pousadas e resorts para a hospedagem das delegações. Aos grupos participantes são oferecidas acomodações com café da manhã, além de almoço e jantar no refeitório do Festival. Trata-se de uma complexa operação de acolhimento, indispensável para receber artistas, músicos, dançarinos, pesquisadores e representantes da cultura popular vindos de diferentes partes do Brasil.

A 62ª edição do Festival do Folclore reúne 50 grupos folclóricos e parafolclóricos convidados, representando as cinco regiões brasileiras. Somam-se a eles os 20 grupos de Olímpia, que mantêm viva a identidade da Capital Nacional do Folclore. Ao todo, são 70 grupos participantes, responsáveis por apresentar ao público algumas das mais diversas expressões culturais do país.



Uma cidade cenográfica preparada para receber o Brasil

A organização do Festival também envolve a preparação do Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas e Turísticas “Professor José Sant’anna”, uma área de aproximadamente 96.800 metros quadrados que, durante nove dias, transforma-se em um dos maiores espaços de celebração da cultura popular brasileira.

Para que o público encontre um ambiente acolhedor, seguro e preparado para receber milhares de visitantes, a Secretaria Municipal de Cultura e Defesa do Folclore coordena uma extensa estrutura administrativa, técnica e operacional.

São realizados diversos processos licitatórios e contratações destinados à ornamentação e ambientação do Recinto; instalação dos sistemas de sonorização, iluminação e painéis de LED; montagem de tendas e estruturas em sistema octanorm; funcionamento do parque de diversões e da praça de alimentação; contratação de equipes de limpeza e segurança; disponibilização de ambulâncias e atendimento emergencial; entre muitas outras providências indispensáveis à realização do evento.

Além das contratações e da preparação estrutural, são promovidas reuniões permanentes entre as diversas subcomissões do Festival. Cada equipe desempenha uma função específica e contribui para que todas as atividades ocorram de maneira integrada, desde a recepção dos grupos até as apresentações, desfiles, exposições, ações educativas e demais experiências oferecidas ao público.

O Festival do Folclore é, portanto, resultado de um trabalho coletivo, realizado ao longo de muitos meses e construído por inúmeras mãos. Cada escolha, reunião, contratação e providência integra um esforço conjunto para oferecer uma celebração de excelência, acolher com respeito os grupos participantes e proporcionar ao público uma experiência marcada pela diversidade, pela convivência e pelo reconhecimento da cultura popular brasileira.

Quando os portões do Recinto se abrem e as manifestações ocupam os palcos, as ruas, as escolas e diferentes espaços da cidade, todo esse trabalho de bastidores se transforma em encontro, emoção e pertencimento. Olímpia torna-se, mais uma vez, o ponto de convergência de saberes, ritmos, danças, costumes e tradições vindos de todas as regiões do país.

Assim, muito além dos nove dias de festa, o Festival representa a continuidade de uma missão iniciada pelo professor José Sant’anna: aproximar o Brasil por meio de sua cultura, promover o respeito à diversidade e transmitir às novas gerações um patrimônio vivo e insubstituível. É esse compromisso, renovado a cada edição, que mantém Olímpia como a Capital Nacional do Folclore e faz do Festival uma das maiores celebrações da cultura popular brasileira.



FOMENTO

Programa de Ação Cultural
ProAC ICMS

APOIO

MIS
MUSEU
DA IMAGEM
E DO SOM

Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO



PATROCINADORES



Tereos



PRODUÇÃO



REALIZAÇÃO



PREFEITURA DA ESTÂNCIA TURÍSTICA DE

OLÍMPIA

ADM. 2016 | 2020

CUIDANDO DO NOSSO FUTURO



GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO
Secretaria da Cultura,
Economia e Indústria Criativas